MIGUEL GUARANI

mestre e violeiro

092
Miguel Guarani : mestre e violeiro
016651

Francisco Miguel de Moura

Digitalizado com CamScanner

Romance da Morte de Zilma

I

Vinde musas do Parnaso
Para minha companhia
Dai-me inspiração poética
Talento e sabedoria
Para descrever um caso
De dor, pranto e tirania.

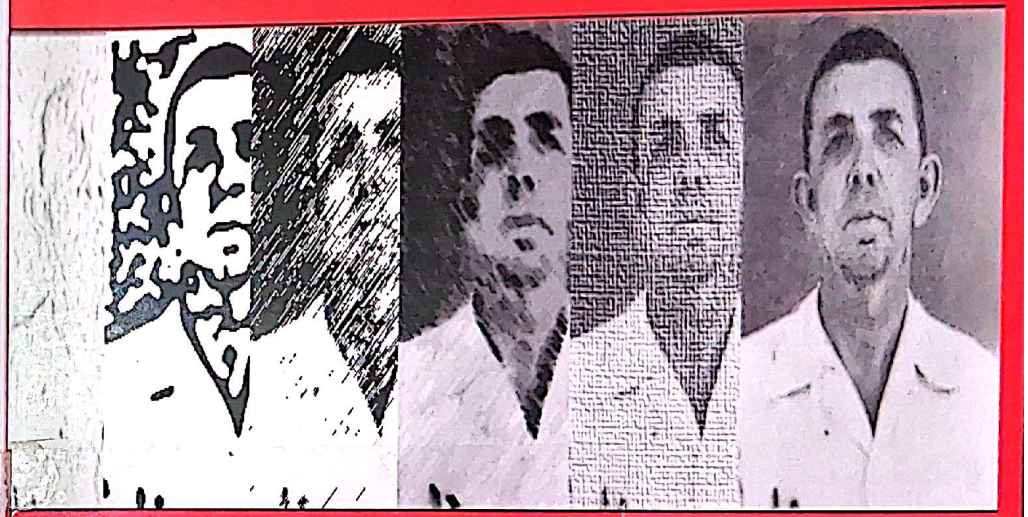
II

Quem gostar de poesia
História e verso rimado
Leia este drama horroroso
Há certo tempo passado
Que o mais duro coração
Fica sensibilizado.

(...)

Miguel Guarani

MIGUEL GUARANI
mestre e violeiro



Miguel Guarani : mestre e violeiro
016651
PI869.0
M929m
ex. 2

Francisco Miguel de Moura

Digitalizado com CamScanner

Mestre Guarani Canta e Encanta

Miguel Guarani é um vulto sem proeminência política, mas de grande valor moral e intelectual, a quem deveriam ser prestadas todas as homenagens possíveis. A família, neste momento, presta-lhe o preito da criação e edição desta obra, tão necessária não só aos franciscossantenses e picoenses, como ao próprio povo do Piauí.

Nascido a 18 de maio de 1910 e falecido a 7 de agosto de 1971, Miguel Borges de Moura (apelidado Guarani), não viveu muito. Mas seus 61 anos foram suficientes para fazer história. Todos fazem, porém uns mais que outros. Toda a história que Miguel fez se distribui a duas vertentes: a de professor (mestre-escola) e a de cantador (ou violeiro), sendo principal a primeira.

Mas a vida de um homem não se circunscreve apenas ao trabalho, ao ganho do pão, ao amparo que dá à família constituída. De permeio à realidade há sonhos e esperanças. Creio que foi o que levou o mestre Miguel a tornar-se poeta popular, repentista dos melhores e, mesmo não tendo uma voz forte, rica, poderosa, a que Deus lhe deu era suficiente para o gasto diário de suas empreitadas.

Aqui, um pouco da vida de Miguel foi recuperada do esquecimento e lembrada aos seus contemporâneos, familiares, discípulos e amigos, que não eram poucos. Em redor de Picos, desde Mons. Hipólito, Alagoinhas, até Aroeiras, Itainópolis, São Luís das Guaribas, etc. etc. o que era da sua inteligência fora aplicada ao bem do povo, formando a paixão pela leitura e escrita. Se pudesse, o mundo todo seria alfabetizado e lido. Professor, como ainda hoje, não ganhava nem para o seu sustento. Talvez, jungido pela necessidade, buscou forma complementar de ganhar o pão-de-cada-dia.

Quem o conhecesse logo ficaria gostando do seu jeito simples, sério, comedidamente alegre, sensato nos seus juízos e apreciador das pessoas de bem. Todos o estimavam, por onde passasse. Não deixou inimigos. Persistente nas decisões, não discutia nem brigava com ninguém. Na política, sempre acompanhou o partido do centro, do governo, não por ideologia, mas porque eram seus parentes. Quando eles caíram, continuou com eles, na oposição. Era leal a mais não poder. Uma das suas aspirações, a de se tornar poeta popular, foi fácil, dada a sua inteligência e vivacidade de linguagem, além dos conhecimentos adquiridos como professor. Assim, educava e alegrava a comunidade. Habilidoso, paciente, ninguém o ouvia queixar-se, a não ser da pobreza material, mas acreditava em Deus e era católico não praticante.

Digitalizado com CamScanner

Não teve ambições vãs, talvez em virtude de sua condição física baixo, magro e considerado feio além de ser, de certa forma, um caboclo do mato porém mais civilizado que os demais: Sabia a linguagem da roça e a da cidade, da vida do matuto e do citadino. Escreveu pouco e quase nada publicou e o que publicou não foi com o intuito de tornar-se famoso, pois alguns folhetos foram impressos sem constar o seu nome, data e local nada. Não pensava na glória terrena, nas vaidades do mundo. Era introspectivo por natureza, porém permitindo-se tomar conhecimento do mundo dos outros, dos problemas alheios e ajudar a resolvê-los.

Honesto, verdadeiro, transmitiu quase sempre segurança aos seus alunos, aos ouvintes, à família. Se não foi feliz é porque a felicidade é difícil de ser alcançada como bem, ela é composta apenas por momentos, e estes ele teve-os.

Mesmo assim, com orgulho dizemos que, até certo ponto, tornou-se famoso e mais famoso ficou depois da morte. É quase impossível encontrar-se alguma pessoa que, tendo convivido com ele, não o elogie. Se a fama provém de ter algo publicado e de ser citado pela imprensa, alinhamos aqui sua pequena bibliografia conhecida:

- Revista "De Repente", de Pedro Costa, Teresina, números 3 e 9, respectivamente de julho de 1995 e agosto de 1997:
- Jornal "O Estado", Teresina, de 4 de maio de 1986;
- Jornal "O Dia", Teresina, edições de 22 de agosto de 1971 e 31 de outubro de 1971;
- "Dicionário Biográfico de Escritores Piauienses de Todos os Tempos", de Adrião Neto, Teresina, 1995;
- "APEP Organização, Lutas e Conquistas", de José Olímpio Leite de Castro, Teresina, 2003.

Tudo o que foi possível localizar de sua produção literária (literatura de cordel) está reunido neste livro entregue aos leitores, na certeza de que agradará, principalmente aos aficcionados desse tipo de arte e àqueles que são dados à educação e sua história.

Sua memória deveria ser cultuada, especialmente em seu torrão, Francisco Santos, e em Picos, que também é sua terra. Por exemplo: Por que não se constrói uma estátua ou lhe dá nome de uma rua? Por que os acadêmicos da Academia de Letras da Região de Picos (ALERPI) não o homenageiam com uma cadeira de patrono? Homenagens não se pedem, não é bem isto que se faz aqui. Espera-se que aconteçam. Porém, calar sobre a glória de Miguel Guarani não tem cabimento.

Francisco Miguel de Moura e Pedro Costa
Editores

Digitalizado com CamScanner

FRANCISCO MIGUEL DE MOURA

BB: 8216
BIBLIOTEÇA - UESPI
REGISTRO 026653
DATA 22 / 10 / 2019

MIGUEL GUARANI
MESTRE E VIOLEIRO

PI
869.092
M929m
ex. 2

Edições Cirandinha/FUNCOR
Teresina-PI/2005

Digitalizado com CamScanner

Copyright © 2005 Francisco Miguel de Moura

Editores
Francisco Miguel de Moura e
Pedro Costa

Capa e quadros genealógicos
Franklin Moura

Ilustrações
Fritz Moura

Diagramação e Revisão
Rosa Pereira

Impressão
Halley S.A. Gráfica e Editora

O autor, com esta obra, comemora os 400 anos de D. Quixote, de Miguel Cervantes.

Endereço p/ pedido:
Av. Juiz João Almeida, 1750
cep: 64049-650 Teresina-PI
Fone: (86) 3233 8329
e-mail: franciscomigueldemoura@superig.com.br

Digitalizado com CamScanner

"Minha vida é um romance
de tristeza e ilusão..."

Miguel Guarani

Digitalizado com CamScanner

Agradecimentos

Este livro não teria sido possível sem a colaboração da Profª. Iracilde Moura Fé Lima (autora da obra *De Moura aos Moura Fé*), de Antônio Borges de Moura (tio Toinho, o principal informante e fornecedor de documentos), da prefaciadora Profª Rosa Araújo Lima, de minhas irmãs Helena Josefa de Sousa e Maria Josefa de Sousa, dos escritores Gilson Chagas, João Bosco da Silva e João Erismá de Moura, do poeta Wilton Santos (recentemente falecido), de Simplício Morais Santos (primeiro prefeito de Francisco Santos), de meus filhos Francisco de A. Franklin Morais Moura (autor da capa), Fritz Miguel Morais Moura (ilustrador), de Maria Nazaré Rodrigues Silva, Francelina Macedo de Holanda Ribeiro – professora de Literatura em Picos, descendente do velho Zuca Panta, do Angico Branco – e de tantas outras pessoas citadas, ou não, no corpo do trabalho, às quais deixo minha palavra de sincera gratidão.

E **Miguel Guarani – Mestre e Violeiro**, conquanto não seja um modelo de biografia, é uma obra oportuna como preito de eterno amor e reconhecimento a meu pai e mestre, principal personagem, como não poderia deixar de estender-se a minha mãe e minhas irmãs, inclusive a Teresinha de Jesus Moura, já falecida, pois juntos sofremos e construímos nossas vidas, que se entrelaçam a outras vidas, na verdade e no cultivo das virtudes cristãs.

Digitalizado com CamScanner

ÍNDICE

Apresentação 13

I A História 17

A Terra é o Começo 21
Pelo Filho, a Imagem do Pai 35
Miguel, o Mestre-escola 41
O Mestre-escola e a Siglomania 49
Guardados e Perdidos 59
Entrevista 67
Romances Famosos 79
Antes, a Vida 91
Miguel, na Ema 97
Miguel, nas Aroeiras 109
Angico Branco 119
A Educação do Mestre 127
Carnaíbas / Curral Novo 135
Santo Antônio (Rodeador) 141
A Morte do Mestre 151
Homenagens 157
Lances do Violeiro 165
Como Será o Fim? 175

Digitalizado com CamScanner

II Obra Poética 179

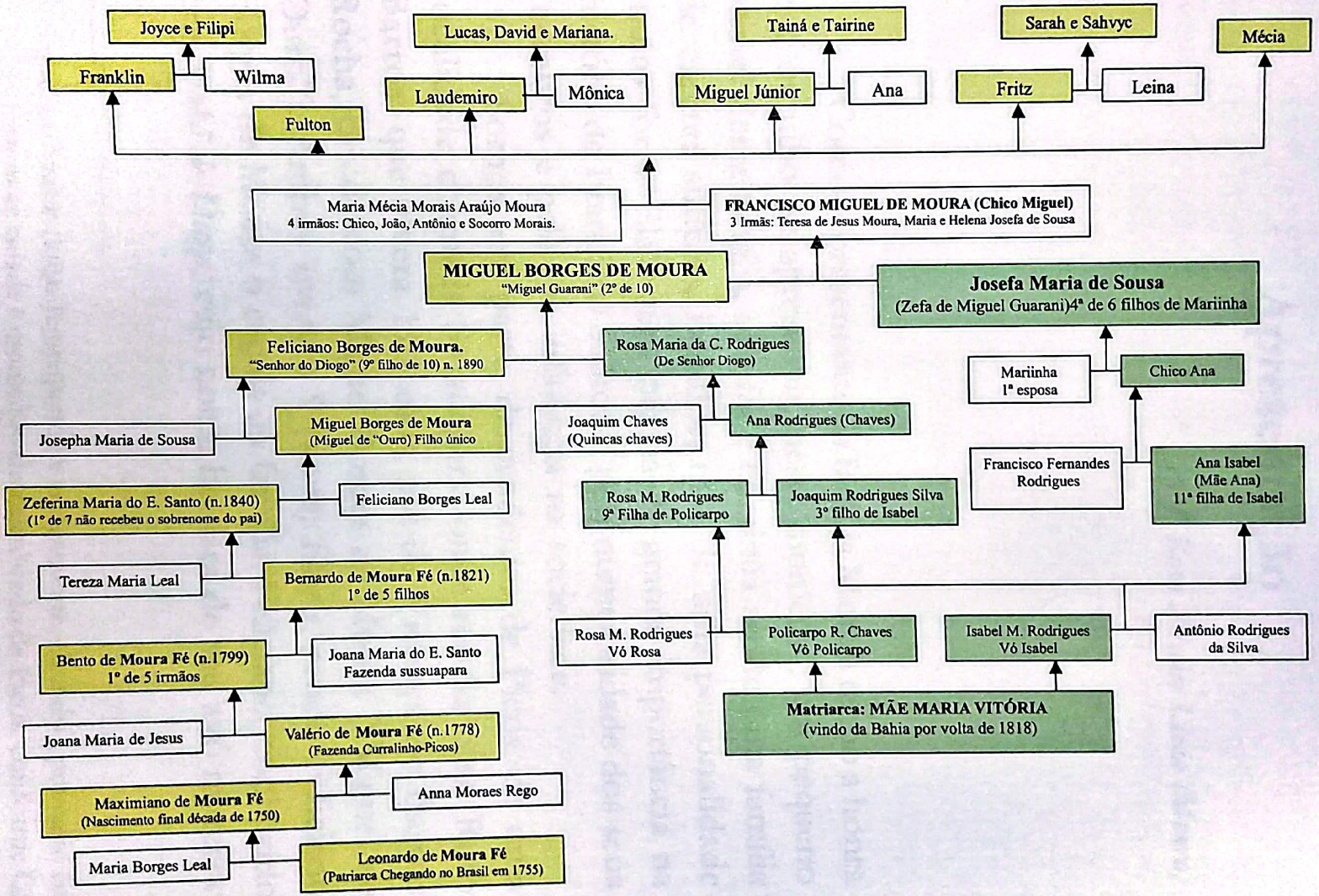
ABC da Saudade 183
Romance da Morte de Zilma 187
Lourival e Teresinha 209
Peleja de Antônio Lacerda com Miguel Guarani 225

III A Família Moura 243
(Personagens e figurantes)

Depoimento necessário 277

Digitalizado com CamScanner

FRAÇÃO DA GENEALOGIA - FAMÍLIA MOURA (PIAUÍ)



Digitalizado com CamScanner

Apresentação

Profª Rosa Araújo Lima (Moura)

Como representante da família **Moura** tenho a honra e o orgulho de apresentar, neste momento, um pequeno *resumo* desta família, que foi e continua sendo uma família de caráter simples, humilde, mas de uma personalidade muito forte. Ela é uma página de grande importância na história de Francisco Santos[1], pela numerosidade dos seus membros e pela sua influência na sociedade.

Somos, em parte, descendentes de Picos, de uma localidade chamada Sussuapara, onde residia o sr. Rufo Barros, que vivera 110 anos, pai de Vicença de Barros Rocha, casada com Miguel Borges de Moura ("Miguel de Ouro"). Ambos tiveram 9 (nove) filhos, sendo Feliciano Borges de Moura o caçula da família. Feliciano, conhecido por *Sinhô do Diogo*, cujo nome herdara de seu avô materno

(1) Francisco Santos (lugar Jenipapeiro de antigamente, elevado a povoado em 1935), tornou-se cidade e município desmembrado de Picos, conforme Lei nº 1.993, de 9/9/1960 (D. O. nº 62, de 14/9/1960); a instalação se deu a 24 de dezembro de 1960.

Digitalizado com CamScanner

(?), era casado com D. Rosa Maria da Conceição, bisneta do primeiro casal fundador deste município: Antônio Rodrigues e Isabel, sendo seus filhos: Miguel Borges de Moura (Miguel Guarani) – assim conhecido, famoso professor, homem extremamente inteligente que deixou lembranças inesquecíveis no coração daqueles que foram seus alunos ou até mesmo daqueles que apenas o conheceram, por haver sido exemplo vivo de um mestre perfeito; os outros seus filhos também merecem destaque, pela honradez e benevolência com as quais sempre buscaram viver. São eles: Antônio (Toinho de Sinhô), Maria (Balia), Euclides, Anísia, Adélia, Ana (Doninha) e os já falecidos, mas vivos na memória deste povo: Adália, Crispim e Amélia.

Daí crescera muito a descendência dos **Moura**, pois cada um destes, casado, formou uma nova família, merecendo destaque Chico Miguel – filho do professor Miguel, que herdou, sem dúvida, o talento do pai. Hoje reside em Teresina, onde é escritor, ex-funcionário do Banco do Brasil e professor, sendo um dos principais filhos ilustres desta terra. Outro vulto de destaque é Erismá de Moura, filho de Euclides, residente em Brasília, formado em Direito, exercendo a profissão como funcionário do Tribunal de Contas da União.

Os filhos de Crispim, Doninha e Balia residem grande parte no Km-87 (BR Fortaleza-Picos), dedicando-se à mecânica e à lavoura de subsistência; enquanto a família de Adélia vive em Imperatriz-MA e se dedica ao comércio; já os filhos de Anísia e Amélia espalharam-se por todo o país em busca de uma vida menos difícil. Porém, no seio

Digitalizado com CamScanner

desta terra estão os filhos de *Toinho de Sinhô* – somos um total de dez e todos muito conhecidos: Jacó teve um rápido ingresso na política, por duas vezes foi eleito vereador, foi professor em Teresina e hoje reside em Picos, onde exerce a profissão, além de escrever, um dom que também guarda consigo. Os outros: José, professor no Diogo; Josué e Abrão nutrem certa tendência pela poesia, ambos escrevem e têm muitos trabalhos não divulgados.

Conclui-se, portanto, que esta família, apesar de composta por pessoas modestas, tem uma grande influência cultural na história de Francisco Santos.

Resta-nos pedir a Deus que nos ajude a continuar trilhando o caminho exemplar que os **Moura** têm percorrido até hoje.

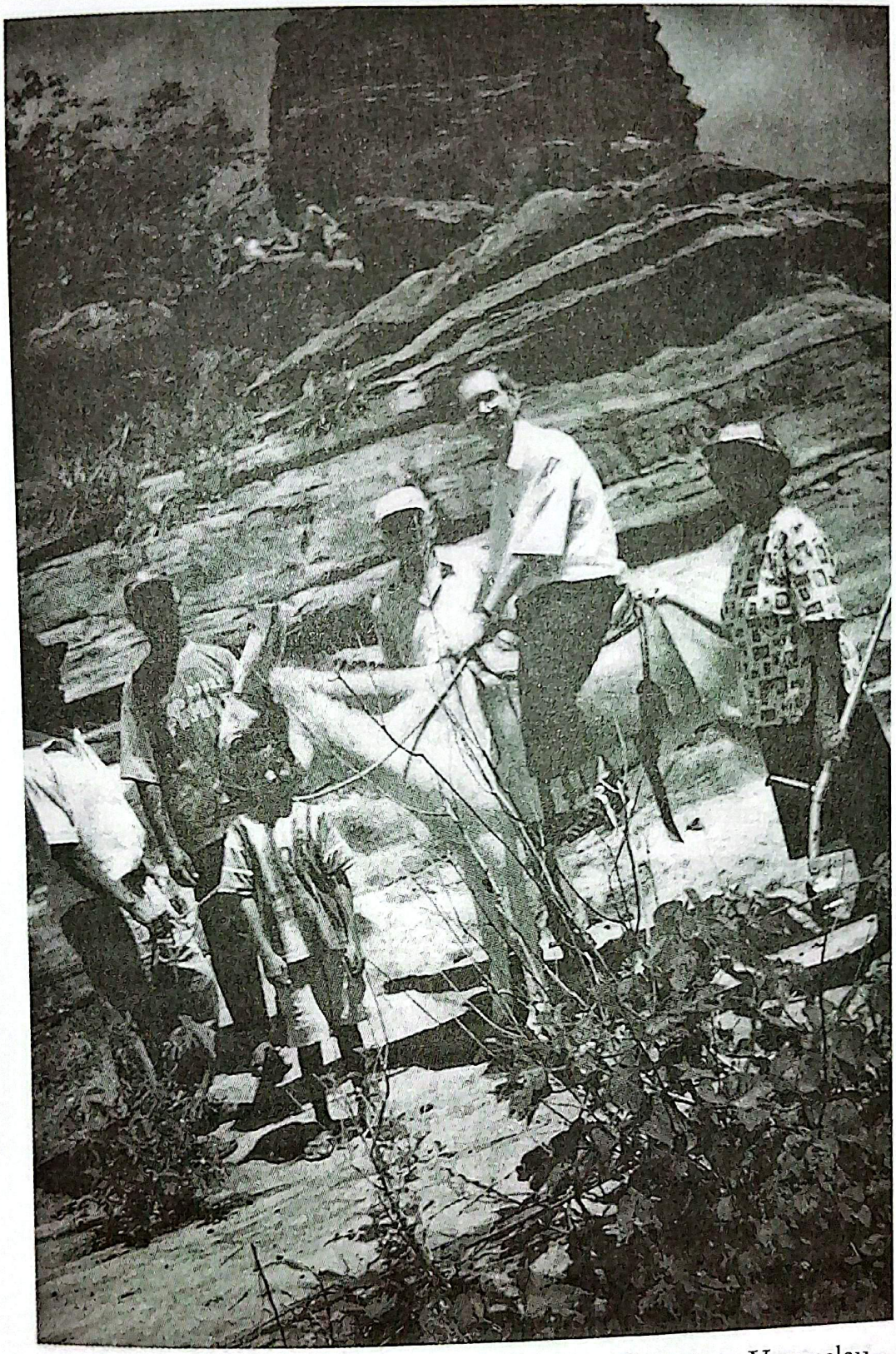
Francisco Santos (PI), 19/08/1989.

Digitalizado com CamScanner

I

A HISTÓRIA

Digitalizado com CamScanner



Pedra do Diogo, vendo-se montado o poeta Francisco Venceslau dos Santos e, ao lado, Simplício Morais, 1º prefeito de Francisco Santos.

Digitalizado com CamScanner

A Terra é o Começo

Uma biografia, ou história de uma vida, pode ser arte e enquadrar-se na categoria de relato, crônica ou romance. A classificação depende do desenvolvimento que seu autor lhe der, visto que o romance, a mais completa forma de arte da prosa, se desenrola no mínimo em quatro dimensões: *objeto*, *espaço*, *tempo* e *imaginação*. Já a crônica é muito menos complicada, normalmente o principal agente é um observador, porém diferente do relato e da história, onde não haverá maiores problemas de ordem escritural, pois normalmente seguem em linha reta, e se há destaques neles, outros não podem ser que não os fatos.

Se esta biografia do mestre Miguel Borges de Moura é gênero literário, o leitor julgará. Conforme já anuncia o título, desenvolver-se-á em dois sentidos: sua atividade de violeiro, quando passou a ser mais conhecido como Miguel Guarani, e sua principal profissão, que foi a de mestre-escola, as quais se entrecruzam como os fatos e os problemas da vida.

Digitalizado com CamScanner

Miguel Guarani nasceu no Diogo, lugarejo da fazenda Jenipapeiro, hoje município de Francisco Santos -PI, no dia 18 de maio de 1910.

Quando Miguel Borges de Moura (Guarani) nasceu, segundo filho do casal Feliciano Borges de Moura e Rosa Maria da Conceição (Rodrigues), já havia nascido a primogênita, Maria Rosa de Moura (Balia). Não se sabe se foi uma festa ou não, o nascimento do primeiro filho varão de *Sinhô do Diogo*, mas comumente o é no Nordeste inteiro, no Piauí em especial.

•

Como era o Diogo daquele tempo?

A margem do rio subia para um planalto que chamavam de "Serra", depois de atravessar a estrada real que vinha do povoado Jenipapeiro e corria para o sul, no rumo de Picos, passando antes por Rodeador, Bocaina e Sussuapara. O solo sáfaro quase nada fornecia à agricultura que não fosse um pé de mandioca ou feijão sem produtividade suficiente, além de melancia e abóbora. Era composto ora de areia branca, ora de lajedos onde se formavam caldeirões que durante a estação chuvosa serviam para os bichos beberem mais perto – a fonte principal era o rio Riachão – e os meninos tomarem banho. Miguel deve ter tomado banho nessas águas frias e gostosas do começo do inverno como todos os demais meninos. Porém, por pouco tempo, que a sua infância foi curta.

Depois, o que faz lembrar o Diogo é a mata de mofumbo, pequiá, imburana, catingueira (caatinga de porco) e alguns imbuzeiros (festa para os meninos, na época que frutificavam), poucos marmeleiros e mais arbustos

Digitalizado com CamScanner

espinhentos: macambira de flecha, macambira comum, c'roa de frade, xiquexique, mandacaru. No inverno enverdeciam, na seca secavam, tinham a cor cinza. Para se ver o verde era necessário olhar para os juazeiros da beira do rio. Não havia nenhuma árvore grande no quintal nem na frente da casa de Feliciano (Sinhô do Diogo). O acidente geográfico mais lembrado do lugar, além do rio, que não ficava longe, especialmente no inverno, quando botava cheias, era um olho d'água que vinha de uma mina nascida da "Pedra do Diogo", cuja água azulzinha e gostosa servia muito bem para ser bebida. Uma lenda sobre a origem dessa formação geológica, a "pedra", veio a dar o nome àquele lugar, a qual, oportunamente, será detalhada. Próximo à casa havia mesmo era uns "pequenos" caldeirões, que enchiam no tempo de chuva e os meninos ali brincavam ora tomando banho, ora jogando pedras para ver a imagem que se formava no seu impacto com o líquido.

O resto do Diogo era a caatinga até topar no fundo da mata, para o lado do norte, diziam que já extremando com o Ceará. Eram os "Caldeirões", explorados por meu avô, por ser a terra mais fértil para mandioca, feijão e milho. Foi com a descoberta do lugar "Caldeirões" que Sinhô do Diogo se tornou o maior agricultor daquele tempo.

Os filhos do casal Feliciano e Rosa foram nascendo um atrás do outro, chegaram a dez: Maria, Miguel, Ana, Crispim, Anísia, Amélia, Adélia, Antônio, Euclides, Adália. Uma família e tanto. Como não podia contratar um mestre para educar os filhos em casa, o velho *Sinhô* resolveu que passaria Miguel a pronto, que era o mais velho dos varões, ensinando-o a ler, escrever e fazer as quatro operações, e, se desse para a coisa, torná-lo-ia, conseqüentemente, o professor dos irmãos e irmãs. Parecia dar. Certo dia, quando

Digitalizado com CamScanner

Miguel tinha em torno de três anos, Sinhô do Diogo, como era costume na época e na vizinhança, fizera uma matalotagem, que era uma festa: matara uma vaca, ou um boi, cuja carne serviria para um mês inteiro ou mais, e os parentes todos foram convidados para a festa. Porém, o menino, observando tudo, viu chegarem dois vizinhos que não tinham sido convidados. E então ele se saiu com esta:

– Quando tem carniça, vêm os urubus.

Sendo repreendido, imediatamente, pelos donos da casa, Miguel completou:

– Mas não falei com os parentes, estou dizendo para eles (e citou os nomes dos fulanos).

Miguel crescia mais em vivacidade e inteligência que no corpo. Mesmo franzino e magro, numa bela manhã de sol e calor, Sinhô do Diogo começa o planejado. Chama o filho, pega da "Carta de ABC" e passa-lhe como tarefa todo o alfabeto.

– Quando eu chegar da roça quero conta desta lição.

À noite, à luz da lamparina, *Sinhô* chama o filho e manda que leia. Para sua surpresa, o menino – devia ter entre 5 ou 6 anos – soube todas as letras na carretilha. E examinadas uma por uma, salteadas, reconheceu-as sem titubear.

Sinhô animou-se. Nos dias seguintes passou-lhe a lição das sílabas, depois a carta de nomes, em seguida... A leitura, com aproximadamente um mês, já ia desembaraçada, o menino sendo capaz de entender o conteúdo de uma carta e desenhar outra. Depois Miguel enfrentaria a tabuada com a mesma presteza e inteligência, sem chorar nem escorar-se. Nem podia fazer. A disciplina do velho era dura. Castigos com palavras e ameaças e,

Digitalizado com CamScanner

quando sem resultado, apelação para os corporais. Miguel sabia: se não desse para as letras, não tinha escapatória, iria como os outros para o cabo da enxada, da foice e do machado, na derruba do mato para o plantio de mandioca na "Serra" e para o "arrasamento" da areia do rio, no tempo das vazantes.

Mas o velho *Sinhô* não vivia só de trabalho, gostava também de festas.

Quando completava anos, quando casava ou batizava um filho, um neto... Festa de arromba. Muito leitão cevado era morto, temperado e preparado para a comilança. Com o sangue do suíno e sua própria gordura, mandava fazer uma das comidas mais gostosas do Nordeste, o chouriço. Havia danças também.

O Diogo conheceu dias felizes. Os invernos eram bons, o rio botava água, na seca plantavam-se vazantes de alho, cebola e batata. Tudo era comida, ou produto de mercado, de onde se apurava dinheiro na feira de Picos, aonde se ia também comprar fazendas (tecidos para roupas), sapatos, chapéus de massa, espelhos, pós, pentes, perfumes e outras mercadorias não produzidas nem comercializadas na terra.

Essas viagens a Picos, em lombo de burro e jumento, pela estrada que margeava o Riachão e, após o lugar Bocaina, o rio Guaribas, eram uma odisséia. Contavam-se anedotas, acontecidos, histórias fabulosas aos filhos, sobrinhos e netos. De uma localidade depois de Rodeador, denominada "Cangalhas", contava-se esta: Muito antigamente, no tempo do Brasil-Colônia, ali arranchara-se um comboieiro que conduzia uma grande tropa carregada de rapaduras e, já tudo escuro, encostou os animais e descarregou-os, mandando para o pasto; por ser cômodo

Digitalizado com CamScanner

e porque poderia chover, vendo uma árvore muito grande estirada no chão, debaixo dumas ingazeiras que margeavam a estrada, enfileirou as cangalhas, cargas e selas em cima dela. De manhã, tudo estava espalhado em redor e o pau (árvore caída) havia desaparecido. Foi só quando percebeu que dormira na companhia de uma grande sucuiuiu. Então batizou o lugar de "Cangalhas", o qual, até bem pouco tempo, tinha esse nome.

Miguel deve ter feito muitas dessas viagens que varavam boa parte da noite, quando falavam de namoradas, tomavam um golezinho de pinga, fumavam um bom cigarro e chegavam com o amanhecer na cidade grande, Picos.

Assim era Diogo de Sinhô, naquele tempo, onde passou Miguel sua infância, adolescência e mocidade, também indo a festas como os rapazes e moças da sua idade, com toda a discrição e cuidado dos pais. Principalmente as moças.

Sinhô do Diogo teve uma filha fora do casamento, que tomou o nome de Anísia e era conhecida por Anisinha. Ela vinha passar dias na casa do pai, no Diogo, possivelmente a contragosto de Dona Rosa. Mas quem mandava naqueles tempos era o dono da casa, e Sinhô do Diogo era um daqueles, talvez um dos mais respeitados. Por isso mesmo foi que se tornou literalmente senhor do Diogo, onde chega ainda bem jovem, procedente de Picos, e casa-se com Rosa, uma das filhas de Quincas Chaves, tornando-se o maior proprietário das terras dali e o maior agricultor. Para isto, numa atitude desconcertante e avançada para a época, colocou todos os filhos, indistintamente, homens e mulheres, a trabalharem no eito, de enxada em punho. Diferentemente dos demais proprietários locais, que reservavam as moças para os

Digitalizado com CamScanner

serviços de casa exclusivamente, ficando para os homens as tarefas pesadas da roça.

Sinhô do Diogo deixara de criar gado. Criava galinhas e porcos, além de bodes e ovelhas. Se muito, possuía umas poucas vacas leiteiras para o consumo da família.

Gostava de caçar e sua casa era abastecida de carne de caitetu, tatu, onça, tamanduá, veado e outros animais e aves da floresta seca dos arredores e de mais distante.

Era assim o Diogo do lado direito do rio.

No outro lado moravam os Pereira. Na verdade, Simplício Pereira dos Santos, procedente de Picos, casou-se em primeiras núpcias com Antônia Sousa (filha de Mãe Ana), logo, tia de Josefa Maria de Sousa (Zefa de Miguel) e, em segundas, com Maria Joana Rodrigues (filha de Quinca Chaves), tia de Miguel Borges de Moura (Guarani), porque irmã de Rosa Maria Rodrigues (ou da Conceição).

Na verdade, o pessoal do lado direito tinha pouca comunicação com o do lado esquerdo, não obstante o parentesco próximo e a amizade que mantinham. Os irmãos e irmãs de Rosa Maria da Conceição (Rodrigues) – nascida em novembro de 1887 e falecida em 20.6.1971, mulher de Feliciano Borges de Moura – eram Miguel, Pedro, Paulo, Joaquim e Antônio Rodrigues da Silva, homens; e as mulheres, Maria Joana e Isabel Maria (ambas assinando "da Conceição", embora fossem Rodrigues), e Maria, Marta, Josefa (Zefa) e Ana (Neném) Rodrigues da Silva. Moravam no Diogo de cá ou de lá do outro lado, conforme as circunstâncias. Os de lá criavam gado, os de cá eram mais praticantes da lavoura, embora meu avô, Sinhô do Diogo, no começo da vida tenha sido um grande fazendeiro de gado, cuja atividade trocou pelas lides da agricultura.

Digitalizado com CamScanner

Quem conheceu o Diogo do começo até o meado do século XX e for lá agora, nada mais encontrará. Hoje, o Diogo é um lugar mítico, a "Pedra do Diogo" deveria se tombada pelo Patrimônio Público, uma vez que cantada em versos pelos seus poetas Francisco Venceslau dos Santos e Francisco Miguel de Moura, e os que viveram naquele tempo, especialmente os Moura, os Chaves, os Rodrigues e os Pereira Santos guardam-na na lembrança, tal como suas gerações, com muito amor. Também, aos dois mais importantes varões daquela época – Simplício Pereira dos Santos e Feliciano Borges de Moura – deveriam ser erguidas estátuas em memória, uma de cada lado do Diogo.

Muitos acreditam na lenda da "Pedra do Diogo". O Padre Diogo Antônio Feijó, enquanto regente do Império, fez uma viagem por todo o Brasil e, no Nordeste, a estrada foi aquela cortando a fazenda (ou sesmaria) Jenipapeiro de meio a meio. O Regente e comitiva descansaram e almoçaram à sombra daquela pedra, que, por isto, levou seu nome.

De longe, porém, creio que nada mais dá a dimensão política e histórica de Feliciano Borges de Moura (Sinhô do Diogo), nascido em 1890 e falecido a 14/3/1951, do que um documento guardado por Antônio Borges de Moura (Toinho de Sinhô). É uma mensagem do Cel. Francisco Santos, então o maior chefe político de Picos e região circunvizinha, basta saber que o prefeito da cidade era seu filho, Adalberto de Moura Santos. Cel. Francisco de Sousa Santos, filho de Simplício Pereira dos Santos, nasceu no Diogo, só que do outro lado do rio. Por essa razão, uma vez independente de Picos, o povoado Jenipapeiro – o Diogo pertencia e pertence à fazenda Jenipapeiro – tomou o nome do seu filho mais ilustre, prefeito várias vezes, deputado e o maior político do seu tempo.

Digitalizado com CamScanner

Eis a carta mencionada acima:

"Picos, 10 de março de 1950.

Prezado compadre e amigo Senhor:

Muitas e cordiais saudações.

Confirmando o que lhe disse em minha última carta, sobre o alistamento eleitoral, em que ora estou empenhado, venho com a presente chamar a sua atenção sobre o que se segue:

Chega-me repetidamente aos ouvidos a notícia de que o ilustre compadre e amigo acha-se frio, apático, ao movimento político que começa a desenrolar-se por todos os recantos do nosso país, no qual tenho como sempre, de tomar parte ativa e de travar batalha com o adversário, como de costume, e para a mesma conto definitivamente com o consenso de todos os velhos e inseparáveis amigos, entre os quais, figura você em primeiro plano.

A sua frieza e apatia não se justifica, portanto, mormente no momento atual, que não comporta indecisões, pois, unidos e coesos como sempre estivemos precisamos denotar o adversário que, de forma alguma, merece a confiança dos homens de espíritos bem formados e sempre leais aos seus velhos compromissos e zeloso de suas velhas tradições.

Refletindo um pouco sobre o que lhe digo, chegará à conclusão que deve trabalhar e trabalhar muito em prol do partido a que sempre esteve unido e onde estão os seus melhores companheiros de lutas, dispostos a prestá-lo todo o apoio possível e razoável.

Acho que já lhe disse o preciso e confio inteiramente que, por este restinho de vida que teremos, lutaremos sempre juntos, coesos e inseparáveis.

Termino pedindo-lhe para aceitar um forte abraço do compadre e amigo sincero

Francisco Santos."

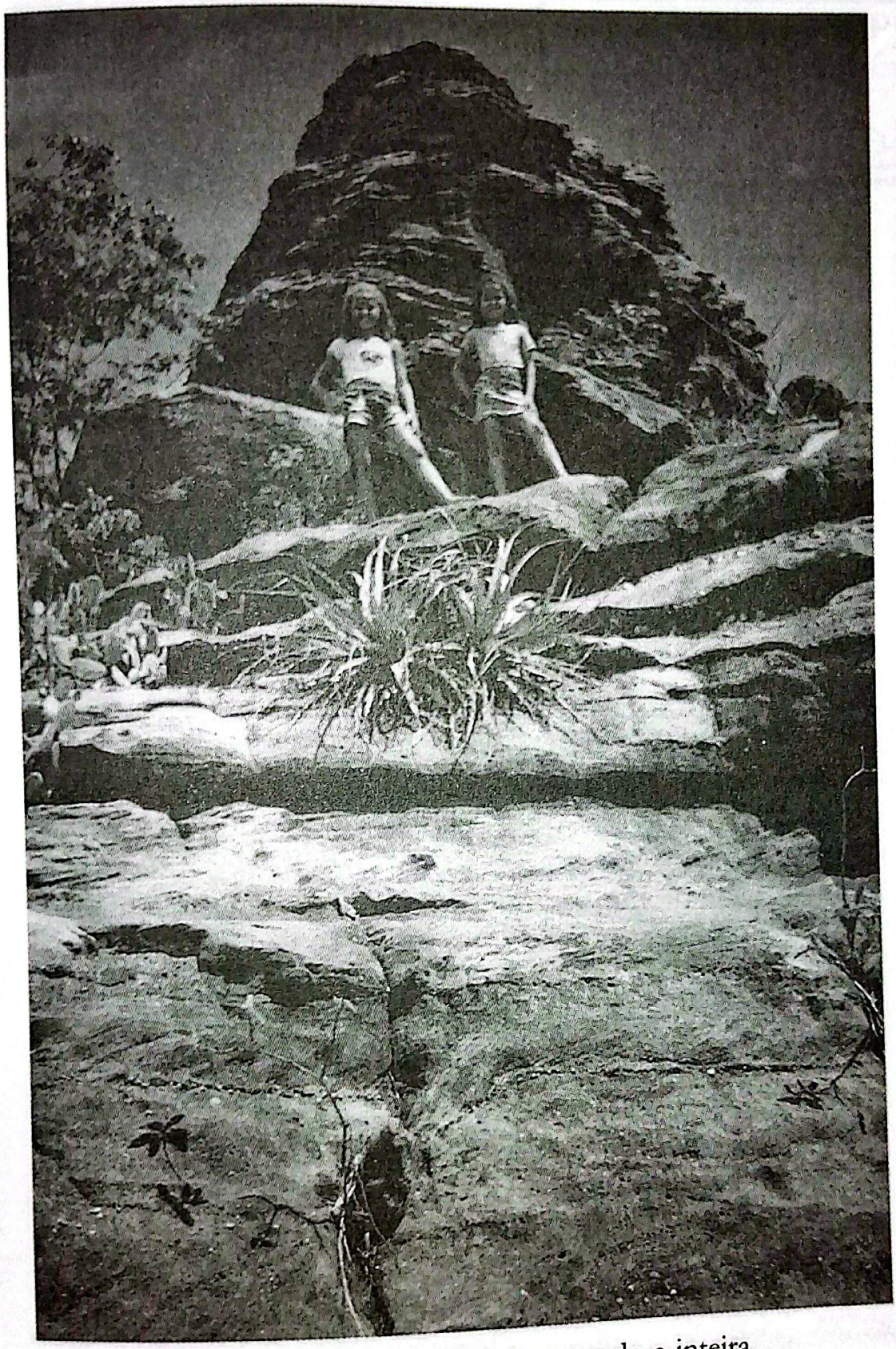
Digitalizado com CamScanner

Descontando-se os chavões políticos da época, este documento não deixa de valer como empenho da amizade, embora distante. O chefão político de Picos tinha grande consideração pelo velho Sinhô do Diogo, e sua intimidade ao chamá-lo de compadre é algo significante.

Não é do conhecimento de ninguém do Jenipapeiro de ontem (Francisco Santos, hoje) que Sinhô do Diogo tenha auferido algum benefício nessa aliança política, salvo o de que, muito mais tarde, seu filho Miguel Guarani ganharia um empreguinho de mestre-escola, lá pelos idos de 1941, no povoado Aroeiras, lugar considerado pelos jenipapeirenses "o cafundó do Judas".

•

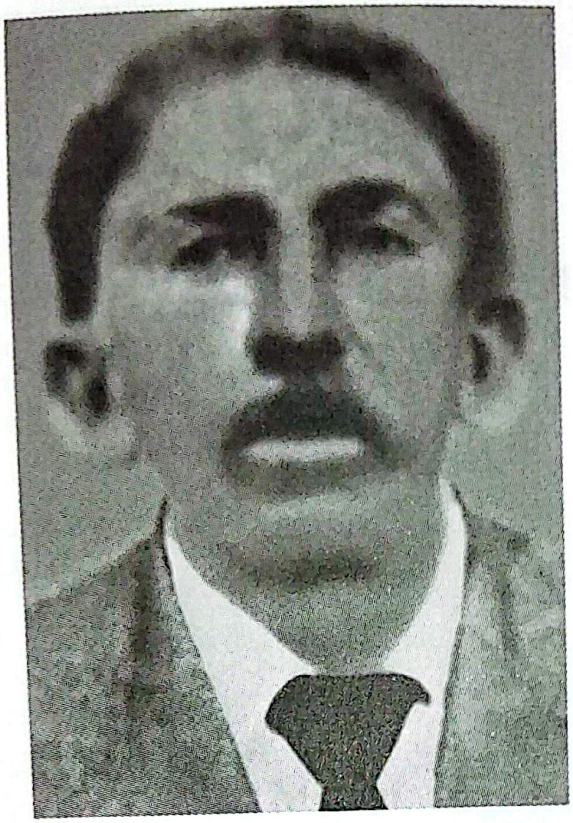
Digitalizado com CamScanner



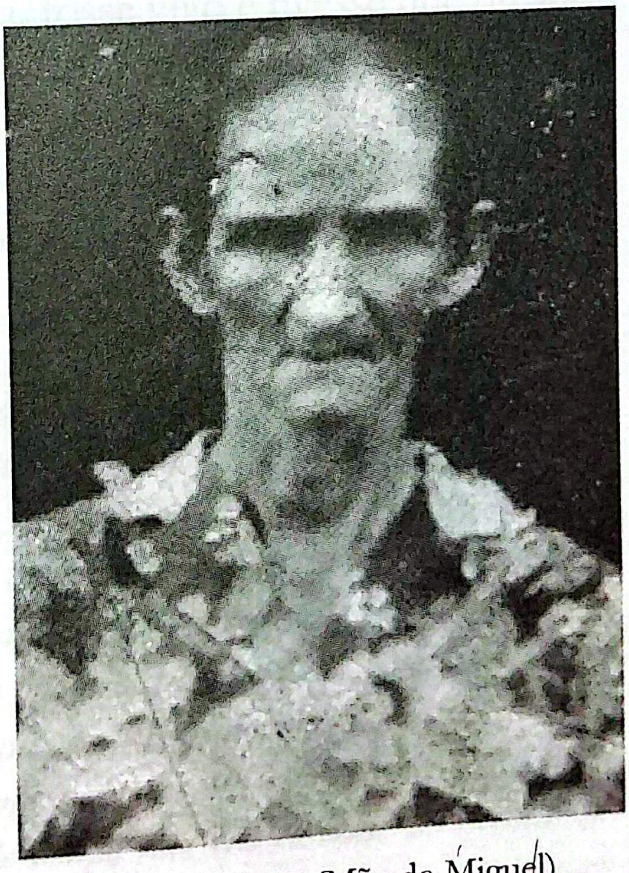
Pedra do Diogo – a outra face, vendo-a inteira.

Digitalizado com CamScanner

BIBLIOTECA - UESPI
REGISTRO 44336
DATA 06/11/01



Sinhô do Diogo (Pai de Miguel)



Rosa de Sinhô (Mãe de Miguel)

Digitalizado com CamScanner

Pelo Filho, a Imagem do Pai

Se Miguel, filho de Feliciano Borges de Moura (Sinhô do Diogo) e Rosa Maria Rodrigues (da Conceição), o primeiro varão da família, fosse vivo e tivesse que prestar um depoimento resumido, este seria semelhante ao que Francisco Miguel de Moura escreveu e publicou-o no jornal *Diário do Povo* de 28/5/2004.

Transcrito vai, então, como se Miguel Guarani falasse:

Meu pai e o Diogo, para nós, não são pessoa nem lugar: são duas entidades míticas, portanto impossíveis de ser interpretadas apenas nos seus aspectos materiais.

Aqui não me cingirei apenas ao que me lembro. Assim estas anotações deixariam de ter sentido. A pretensão é situar meu pai na geografia e na história de sua época e, para fazê-lo, é necessário que lembre muitas outras coisas que, em princípio, nada teriam a ver.

Eu recebi, no batismo e depois no registro civil, o nome completo de meu avô, naquele tempo não era costume acrescentar-se o "Neto" que hoje tanto se usa. Mudam-se os tempos, mudam-se

Digitalizado com CamScanner

os costumes, como dizia Camões. Fiquei conhecido, em toda a redondeza de Picos, por Mestre Miguel e também por Miguel Guarani, era o segundo filho (e o primeiro varão) de Feliciano Borges de Moura e Rosa Maria da Conceição (Rodrigues). Naquele tempo as mulheres não tinham sobrenome, mas apenas nome e prenome. Creio que minha mãe, casada com Feliciano Borges de Moura, não adotaria o sobrenome do marido nem mesmo o do pai, Joaquim Rodrigues, conhecido por Quinca Chaves.

Feliciano Borges de Moura, meu pai, nasceu no lugar antigamente denominado "Cabeça" (hoje município de D. Expedito Lopes-PI). Já rapazinho, não satisfeito com a situação em que vivia, ou porque fosse dado a aventuras, e era com certeza, largou-se de lá e foi ter a Jenipapeiro (que naquele tempo se escrevia com G), e em chegando lá, namora e casa com minha mãe, Rosa Maria, filha de meu avô Joaquim Rodrigues (Quinca Chaves, por sinal irmão da mãe de minha futura mulher – Josefa Maria de Sousa – José Rodrigues, conhecido por Zeca Chaves.

Lá no lugar Diogo, da fazenda Jenipapeiro, Sinhô do Diogo se estabelece com armas e bagagens. As armas eram a coragem, a persistência, a operosidade e a capacidade de mando e de ser obedecido; a bagagem, teve que criar com o trabalho, pois seu sogro, além de já velho, tinha muitos filhos e nada lhe poderia oferecer senão parte das terras arroteada pela família.

Nas terras do Diogo, Sinhô levantou sua casa e constituiu família, composta de dez filhos: Miguel, Crispim, Antônio (Toinho) e Euclides, os homens; as mulheres: Maria (Balia), Ana (Doninha), Anísia, Amélia, Adélia e Adália. Além dessas filhas, teve uma fora de casa, que foi batizada por Anísia e, por todos nós, era chamada carinhosamente de Anisinha. Por isto os sobrinhos todos a chamavam de tia. Uma bela moça, inteligente, e foi educada à maneira da época e da mesma forma que as outras filhas do velho. Entretanto, não morava com meu pai, vivia na casa de sua mãe.

Digitalizado com CamScanner

De vez em quando passava dias na casa de meu pai. Claro que não era do gosto de minha mãe, que não a apreciava. Mas, não havia alternativa, tinha que conformar-se.

Ele, meu pai, era muito calado, mas já no fim da vida contava algumas histórias aos netos, especialmente de caçada. Tinha uma orientação formidável no mato, não precisava de picada, de sinais, de nada. Quando estava caçando, fosse caça propriamente dita ou abelhas de mel, escondia a cabaça d'água e o saco de frito numa moita e saía. Terminada a função, era um tiro: marcava o rumo em linha reta para onde havia deixado os pertences, sem errar.

Muitas vezes acompanhei o velho nessas caçadas e em outros serviços, para ganhar a força e a sabedoria da vida prática. Mas eu não fora talhado por Deus nem para a roça nem para o mato de caçadas. Minha constituição franzina impedia tais atividades, de forma que foram elas sendo mais ou menos deixadas para meus irmãos; só muito jovem ainda, no começo e, depois, em raras vezes metia-me nas "enfucas" de trabalhos roceiros. Na época da desmancha, sim, eu tomava conta do forno: era o mestre da farinha, o torrador, o fazedor de beijus, tudo o que pudesse vir daquela atividade.

Meu pai, até onde eu sei, gostava de livros, escrevia cartas de amor, algumas que deixou descuidadamente pude lê-las, assim como uma ou outra resposta, tudo às escondidas, embora o pessoal de nossa casa não se interessasse pela escrita dele. Curiosamente dava muitos erros ortográficos, observei-os em anotações que fazia da produção das roças de mandioca, feijão e milho, das vazantes de alho, cebola e batata, além de algumas lembranças e recordações de sua vida, esquecidas nos cadernos, entre páginas dos livros... As mensagens eram excelentes. Li alguns dos livros que possuía: o "Manual de Cem Cartas de Amor", a "Bíblia Sagrada", as histórias de "Carlos Magno e os Doze Pares de França", além dos de poesias de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves, etc. Mas

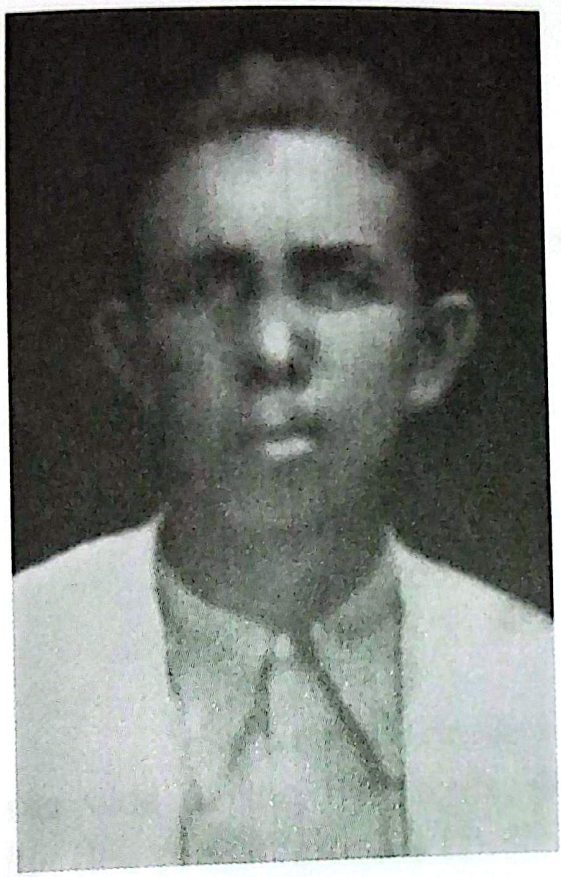
Digitalizado com CamScanner

apreciava, sobretudo, a "Aritmética", do Prof. Antônio Trajano, e uma gramática, de cujo autor não me recordo o nome.

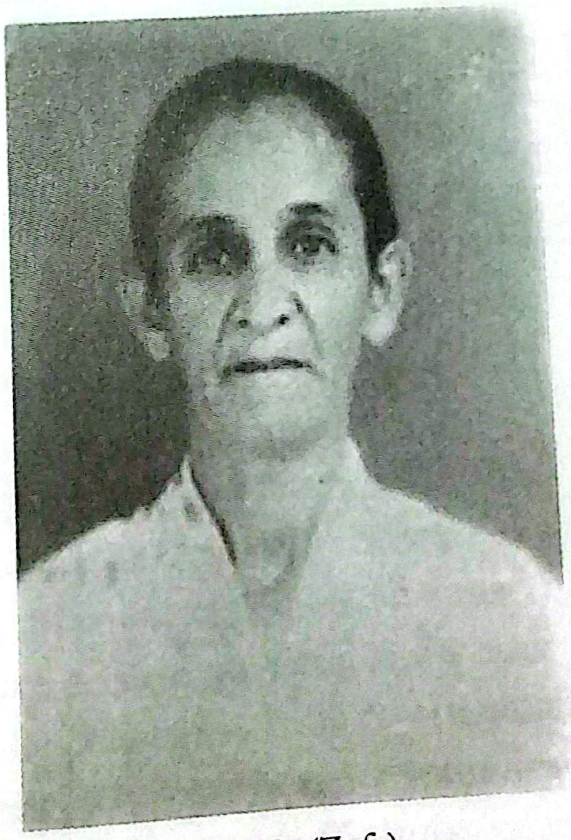
No fundo, o velho era um líder e um poeta.

•

Digitalizado com CamScanner



Miguel Guarani



Josefa (Zefa)

Digitalizado com CamScanner

Miguel, o Mestre-Escola

É preciso, desde logo, registrar a trajetória de sua vida de mestre-escola, profissão que, bem ou mal, lhe deu o sustento e à família

Cedo Miguel toma outro rumo que não o do eito, torna-se mestre das primeiras letras, em virtude da inteligência e da habilidade reconhecidas pelo pai e pelos irmãos, pelos parentes e conhecidos do Diogo.

Cantorias, a partir do princípio da década de 1940 – não é possível precisar bem o ano – ele as realizava esporadicamente, quando aparecia um parceiro em sua casa. Nunca saiu de viola em punho em busca de cantoria. Saía, sim, à procura de alunos – pequenos e grandes – para alfabetizar e ensinar os primeiros rudimentos da aritmética, o que sabia. Conhecia as lições de Antônio Trajano, do princípio ao fim, ou seja, a aritmética elementar. Com o passar dos anos, Miguel Guarani foi-se aperfeiçoando, quer por conta própria, quer procurando pessoas mais experientes, e já na idade madura destrinchava também a Aritmética Progressiva, passo mais avançado do mestre Trajano.

Digitalizado com CamScanner

Anos e anos lecionou em casas e fazendas, onde era chamado, em toda a redondeza de Picos (de Itainópolis a Alagoinhas, de Jenipapeiro a Guaribas e até muito pra lá, no sertão de serras planas já limítrofes com Valença e Pimenteiras). Só em 1941 passou a lecionar por conta da Prefeitura Municipal de Picos, no povoado Aroeiras, recebendo salário. Mas, como não possuía os documentos exigidos, fazia esse trabalho em nome de sua irmã, Adélia Rosa de Moura, que era legalmente a professora. Ele nunca se incomodou com essas bobagens de burocracia, pagando caro por isto no futuro.

Assim, continuou no serviço público não oficialmente, por algum tempo. Não pôde o pesquisador precisar o ano em que realmente recebeu seu documento militar, para ter a nomeação de professor, mas não deve ter demorado muito.

Por rogos de Josefa Maria de Sousa (D. Zefinha) junto a seu primo Cel. Chico Santos, Miguel, lá pelo fim de 1941 (ou 1942), fora transferido do povoado Aroeiras do Itaim para o lugar Angico Branco.

•

Passaram-se os anos, de Aroeiras para o Angico Branco, deste para as Carnaíbas. Só aí mestre Miguel consegue sua transferência para Santo Antônio do Rodeador, povoado vizinho a Jenipapeiro. Mas breve os Moura Santos, de Picos, lhe arranjaram o cargo de professor do Estado, possivelmente ainda junto ao governador Leônidas Melo (1935 -1947).

Uma reviravolta na política do Estado, após a eleição do governador Rocha Furtado, em 19 de janeiro de 1947

Digitalizado com CamScanner

(para mandato de 4 anos), colocou Miguel fora do quadro de professores do Estado. Tudo indica, mas não há registro confiável, que ele seria funcionário municipal da Prefeitura de Picos até chegar a Santo Antônio do Rodeador (em 1947, possivelmente).

Assim, sua permanência no Estado durou pouco. Teve que se arrumar, para viver, com uma escolinha particular que montou no referido povoado, valendo-se das amizades locais – proprietários e comerciantes influentes, que lhe mandavam os filhos a serem alfabetizados e, em seguida, completarem o curso possível. O ensino de então, do qual mestre Miguel se encarregava, diga-se para melhor entendimento, equivaleria a mais ou menos metade da escola primária: primeira e segunda séries. Só em casos excepcionais ultrapassava esse limite.

O mestre bem que tentou efetivar-se no cargo, derribando o ato da demissão, por meios jurídicos, mas não conseguiu. Pelas leis da época, faltavam-lhe apenas seis meses para ter direito à merecida efetivação. A contagem do tempo de serviço foi insuficiente. Ainda apelou, pelo que se sabe, para a Previdência Social, com abaixo-assinados e declarações das pessoas para quem prestou serviço escolar, mas foi barrado. Não tinha condições de provar o seu tempo de serviço de outra forma.

Aqui se faz mister pequena pausa para um registro da imprensa, se bem que muito posteriormente. Sobre o governo de Rocha Furtado, em *Trechos do Meu Caminho*, Teresina, 1976, livro de memórias do ex-governador Leônidas Melo, estão registrados dois parágrafos que foram transcritos no jornal *Diário do Povo*, de 16 de fevereiro de 1991, pág. 4:

Digitalizado com CamScanner

"O Governo udenista (1947-1951) iniciou-se sob maus auspícios, praticando atos de prepotência e perseguição partidária que atingiram, sobretudo, o funcionalismo público. Preterição de direitos, demissões injustas, transferências desnecessárias, atraso de pagamento tornaram-se normas seguidas.

O Ensino e a Receita do Estado foram consideravelmente prejudicados com as repetidas transferências de professores e coletores."

José Olímpio Leite de Castro, historiador piauiense, no livro "APEP, Organização, Lutas e Conquistas", ao tratar do governo de Rocha Furtado, diz: *"ele deixou profundas feridas no seio do magistério"*. E, a título de ilustração, transcreve alguns depoimentos, entre os quais o que Francisco Miguel de Moura lhe prestou:

"Quando houve aquela mudança na política piauiense, Rocha Furtado pela UDN sobe ao poder. Papai contava com 9 anos e 6 meses de magistério público. Faltavam apenas 6 meses para efetivar-se, segundo a Constituição do Estado. E foi aquela expectativa. É claro que meu pai não se rendeu à política, não era do seu feitio. Nunca pensou em recorrer a um político do lado de Rocha Furtado (UDN), para pedir proteção. Não. Pertencente, pelo lado materno, à família Santos (primo legítimo do coronel Francisco Santos, de Picos), tendo sido toda a vida acompanhante de seu partido, não iria agora procurar quem não conhecia e naturalmente o odiava por pertencer ao outro lado, o PSD. Pois bem, ficou desempregado. E sem condição de readquirir seu emprego. Passou a lecionar a particulares. Felizmente as pessoas do lugar deram-lhe apoio. Durante um ano não foi nomeado nenhum professor, no povoado Santo Antônio, fazenda Rodeador. Aí está a prova da maldade dos que agiram no sentido de sua demissão do cargo de professor.

E quando uma professora para lá foi nomeada, quem era? Uma ex-aluna sua..."

Digitalizado com CamScanner

Miguel não recuperou o cargo, mesmo no governo seguinte, do pessedista Pedro de Almendra Freitas (1951-1955). Apesar dos esforços dos filhos do Cel. Francisco Santos – este já estava doente desde 1950, tendo falecido em 1951 – não voltou a ser professor pago pelos cofres públicos, pois os Moura Santos perderam o poder em Picos e no âmbito estadual. A subida daquele Governador do PSD não alterou a posição da política picoense. Chegara o regime democrático, mas era como se não existisse. Não havia concursos, não havia seleção, tudo provinha da vontade dos chefes locais. Mesmo na área da educação.

Entre aquelas pessoas que lhe deram apoio para continuar vivendo com sua escolinha particular citem-se Arlindo Cipriano (o principal), Manoel Sinhô, Antônio, Licínio e Gabriel Lima, Antônio Joaquim, os irmãos Batista, Joaquim Bineta, seu André Ramos (fundador do povoado), Manoel Carlos, João Cirilo e a família Leal, todos habitantes do povoado Santo Antônio (fazenda Rodeador), ou de lugares muito próximos.

•

Digitalizado com CamScanner

BIBLIOTECA - UESPI

Óleo *SANBRA*, com M ou N, eis a questão.

Digitalizado com CamScanner

O Mestre-escola e a Siglomania

Um aluno seu, poeta, contista, cronista e romancista João Bosco da Silva, natural de Jenipapeiro (atual Francisco Santos) e hoje morando em Teresina, com vários livros premiados e publicados pela Fundação Cultural "Mons. Chaves", escreveu uma crônica que é um primor, digna de ser estudada em aula, além de uma fonte viva do modo de ser do professor Miguel, da sua sabedoria e da sua humildade.

Ou sabedoria não é também humildade?

Eis a crônica:

1

– Atenção! Atenção!

– Hoje nós vamos continuar a ver mais um pouco de ortografia – dizia o mestre, na sua voz anasalada, entremeada de pigarros, hábito típico da profissão. E dando mais uma temperada na garganta de cantador-repentista, inquiriu:

– Alguém ainda se lembra do que é ortografia?

Digitalizado com CamScanner

Silêncio. Silêncio é força de expressão, modo de dizer, porque numa classe de mais de 50 alunos, entre crianças, adolescentes e marmanjos, isto era uma coisa impossível.

– Ninguém sabe? – insistiu na pergunta. – Atenção, os maiores: ainda outro dia eu lhes expliquei, já demos parte deste ponto. Como é, ninguém sabe?

– Com licença, mestre?

– Pois não, pode falar.

Era José de Pedro do Diogo, aluno inteligente, aplicado, mais lido e mais entrado nos estudos que qualquer um de nós. Zé de Pedro era sabido, dava definição de tudo: Gramática, Geografia, História, Filosofia, Literatura. Lembro certa vez ele falando assim, numa discussão com o próprio mestre: "Plutarco (sua voz grave, ao chegar no ar *de Plutarco, tremia nos* erres *feito trêmulo de corda de viola), escritor grego que viveu pouco depois de Cristo, e que exerceu grande influência como membro do colégio de Delfos, etc. etc..." Nas Aritméticas não tinha quem fosse com ele. Zé de Odilon, filho de d. Mariinha, a primeira mestra do lugar, o qual era muito curioso e lido, talvez pudesse ombreá-lo. Além deste, ninguém mais. Pois bem, Zé de Pedro, carregando nos "erres" e "esses" esclareceu aquela turma de ignorantes:*

– Ortografia é a parte da gramática que ensina escrever corretamente as palavras. Dito isto, inclinou a cabeça para um lado, no sestro característico, esperou uma fração de segundos para sentar-se humilde e comportadamente, enquanto o mestre, e de resto toda a classe, o aplaudia com entusiasmo.

– Pois bem – continuou o professor, após cessar um pouco o burburinho – agora vou colocar na lousa algumas palavras. Por exemplo: – Jenipapeiro.

– É errado – explicava o mestre, o pigarro amiudando, a mancha de suor nas costas já abrangendo quase a camisa inteira – escrever Jenipapeiro com "G" (e batia insistentemente na letra "J"

Digitalizado com CamScanner

maiúscula, bem caprichada). Tenho visto muitos conterrâneos escreverem em suas cartas: "Genipapeiro, tanto de tanto..." Eu repito: a escrita com "g" é errada, o correto é grafar com "j". Sim, e tem mais uma coisa que quero que vocês aprendam: todos sabem que jenipapeiro é uma árvore muito abundante, isto é, que existe em grande quantidade em nossa região; mas é, também, o nome do nosso povoado. Pois bem, quando se tratar de árvore, escreve-se com "j" pequeno; quando estivermos falando do povoado, de nossa terra, deve-se escrever sempre com letra maiúscula, com o "J" grande, assim como está no quadro. Entenderam? – E mais uma vez bateu no maltratado "J" com tanta força que o giz partiu-se ao meio.

A cacofonia criada pelos muitos "sins" e "entendemos", seguidos de risadas, murmúrios e sons os mais diversos, durou mais de um minuto.

E por aí prosseguiu, com nomes como jerimum, jibóia, palavras com "s" ou "z", "c" cedilhado ou dois "ss" e outros mais do mesmo padrão de dúvidas.

Chegando ao fim, e como arremate, disparou categórico:

– Agora, muita atenção para o que vou dizer, porque isto é regra geral, sem exceção; eu disse, sem exceção: antes de "p" e "b" só se escreve "m". E exemplificou, começando com exeMPlo, teMPo, boMBom, coMBinação.

Como bom mestre que era, ia grifando as duas letras consonantais em questão: mp ou mb, conforme o caso. Foi quando eu, leitura ainda soletrada, mastigada, quis dar uma de sabichão, e achei de discordar do mestre:

– Com licença, mestre?

– Pois não. Quem falou?

– Fui eu, mestre – respondi, quase escondido de tão pequeno que era. – Já vi uma palavra escrita com "n" antes de "b".

Digitalizado com CamScanner

Pasmo geral da classe. Quem teria tido o topete de discordar do mestre? Era o que todos se perguntavam, ao olharem para trás, à procura do faltoso. Momentaneamente desconcertado, vendo sua autoridade posta em dúvida, o professor ficou lívido. Deu um passo à frente e, indignado, dedo em riste, fulminou-me:

– Que conversa é esta? Então você duvida do que digo, quer me contradizer?

Infeliz de mim, que não sabia o que diabo queria dizer "regra geral" e "sem exceção". Calei-me, procurando sumir debaixo da carteira. Mas o professor continuava ali, o azul de seus olhos brilhando extraordinariamente. Após o que pareceu uma eternidade, repetiu a pergunta; para surpresa de todos, sem nenhum arrogância, demonstrando que era enérgico mas não autoritário e dono da verdade:

– Onde você viu tal nome?

Maldita hora em que abrira minha boca. Não escaparia ao cinturão de seu Loura, meu velho pai, muito duro em questão de obediência e disciplina. Nada de desrespeito ou contestação da autoridade. E mestre Miguel era bastante respeitado, quer pela seriedade com que ensinava aos seus alunos, quer pelo grau de preparo que se sabia possuidor. A desgraça estava feita, fosse o que Deus quisesse. E respondi:

– Numa lata de óleo salada.

– E que nome é este?

– SANBRA – balbuciei a custo.

– Pois quero a prova – determinou, enfático, o velho mestre-escola.

No caminho de volta para casa, José, meu irmão mais velho, ameaçava contar o ocorrido ao nosso pai, caso eu não lhe mostrasse a prova do que ousara dizer.

– Onde já se viu desmentir o mestre em sala de aula! – arrematava ele.

Digitalizado com CamScanner

2

Minhas duas primeiras mestras foram Maria de Isac e Teresinha de Chico de Franco, hoje irmã Joana d'Arc. Ensinaram-me o bê-a-bá e alguma leitura, ainda que soletrando, mordendo as sílabas, quase que adivinhando as palavras.

Tive o meu terceiro mestre no início do período letivo de agosto de 1955. Por falar em agosto e em período letivo, cabe uma explicação. Tendo em vista a mudança das famílias para as serras ou sítios durante o inverno, sempre o primeiro semestre era prejudicado e praticamente não havia aula. O alunado, todo ele morando a uma, duas e até três léguas de distância, não vinha para a escola. Além da distância, também a necessidade de braços para a lavoura, inclusive da mão-de-obra infanto-juvenil, era fator de absenteísmo à sala de aula nesse período.

Feita a ressalva, voltemos à escola, agora do professor novo – Miguel Borges de Moura, mais conhecido como Miguel Guarani. Autodidata, inteligente, esforçado, também cantador e repentista, o professor Miguel foi, na realidade, quem alfabetizou e ensinou as aritméticas e as gramáticas a toda uma geração de alunos que tiveram a sorte de passar pelas suas mãos. Pelo menos contar e escrever uma carta, todos aprendemos.

A escola tinha apenas uma sala para comportar desde a criança de 7 anos até o marmanjo de bigode e barba no queixo. Como lecionar naquele pandemônio? Como fazer com que alguém, mesmo o mais esforçado aluno, aprendesse alguma coisa? Era preciso inventar, inovar.

Coisa que ninguém pensara fazer antes, o professor Miguel, num vislumbre de rara felicidade, resolveu tentar: separar em blocos a classe mista e multisseriada utilizando os critérios da faixa etária e da escolaridade, ou seja, levando em conta o grau de desenvolvimento do aluno. Feito isto, determinou que as crianças de primeiras viessem

Digitalizado com CamScanner

às 7 horas, iniciando mais cedo as atividades; e os maiores e mais adiantados, um pouco mais tarde, de forma a conciliar a sua entrada em aula com o horário de recreio dos primeiros. Desta maneira conseguiu ministrar instrução pelo menos mais homogênea em seu conteúdo a cada segmento de sua barulhenta clientela. Na parte final da aula todos se juntavam e o mestre ia tomando as lições a uns, e a outros aplicando exercícios ou deveres de casa.

Foi um lance de bela feitura porque deu ótimos resultados. Tornava-se Miguel Guarani um pedagogo por pura intuição.

Mas havia o outro lado do professor Miguel. Se já era mestre-escola famoso e respeitado, também o era como violeiro e cantador de versos e "romances" de terceiros, e melhor ainda na arte do repente, com prevalência do martelo, não havendo cantador nas redondezas que não tivesse experimentado o chicote de sua língua ágil.

Tive a felicidade de conhecê-lo também neste mister, numa cantoria no Diogo, em casa de Paulo, contra seu parceiro e amigo Antônio Pereira, do Riachão. Este buscava impressionar e conseguir a simpatia da platéia com o charme de sua voz forte e grave. Mestre Miguel, que a possuía roufenha e pouca, buscava conquistar seu público pelas tiradas inteligentes, pelo mote sagaz, pelo improviso bem feito.

Dessa noite memorável não guardei repente porque o desafio, já muito tarde, me pegou dormindo. Conta meu pai que Miguel Guarani meteu a taca no grandalhão de fala grossa.

3

Transformada lá em casa em caneco de tirar água, listras verticais negras sobre fundo amarelo, estampado em letras também negras, todas maiúsculas, a palavra "SANBRA", a lata de óleo SALADA repousava agora sobre a mesa do professor, como prova incontestável do que eu afirmara: saNBra. N antes de B.

Digitalizado com CamScanner

E agora? Quem tinha razão, quem estava errado: o mestre ou o nome na lata de óleo comestível?

Lá no fundo, bem no fundo, todos sabiam que eu conseguira "entupir" o mestre, embora este continuasse merecedor de todo o respeito e consideração. O que ele dissesse valeria como verdade, mesmo com a prova em contrário. Haveria de ter uma explicação para aquele "N" antes do "B" naquela palavra. Nada obstante, percebia-se a mortificação em seu semblante, uma vez que ainda não conseguira explicar aquela contradição. Eu, por meu turno, sentia-me intimamente satisfeito, embora não pudesse demonstrá-lo, por motivos óbvios.

Tempo correu.

O semestre ia quase no fim. O episódio ortográfico esquecido.

Não lembro agora se foi na última ou penúltima semana de aula que Francisco Miguel de Moura nos honrou com sua presença em nossa "Escola Reunida Franco Rodrigues". O visitante, filho do ilustrado mestre Miguel Guarani, cursava o ginásio em Picos, onde também trabalhava como balconista de importante firma local.

A data de 15 de novembro assinala no calendário cívico brasileiro a Proclamação da República, no ano de 1889. O velho mestre, como todo pai, orgulhoso do filho muito preparado e, já àquela altura, com boa bagagem cultural, solicitou que ele nos falasse sobre a magna data, o que foi feito com muito brilho e segurança. Vai daí que, por um motivo ou por outro, o professor se lembra do caso ortográfico. Tomando a lata em suas mãos, narra-lhe rapidamente o caso, e pergunta:

– Você tem alguma explicação?

O moço toma o objeto em suas mãos, lê, relê, balança a cabeça como quem duvida do que vê, medita um pouco e, por fim, esclarece:

– SANBRA é a abreviatura do nome da fábrica deste óleo, chamada Sociedade Algodoeira Nordeste Brasileiro, ou seja: S de Sociedade; A de Algodoeira; N de Nordeste (e aqui está a razão do N antes do B); e BRA de Brasileiro.

Digitalizado com CamScanner

Pronto. Estava restabelecida a verdade e a autoridade do velho e querido mestre-escola Miguel Guarani.

Minha glória tivera curta duração.

4

ADUFPI / ASSUFPI / BNB / CADES / CAPES / CEMIG / CEE / CNPQ / CDL / CESP / DNOCS / DNOS / DNER / EMATER / EMBRATER / EMBRAPA / FAO / FVC / FCC / FGTS / FSESP / INEP / OPEP / OEA / ONU/ PRODEPI / SANDU / SUFRAMA / SUDECO / SUDAM / SPEVEA / USAID / UNICEF / UNESCO / UTI... e tantas outras.

O complacente leitor não se terá detido a ler a bobagem do parágrafo anterior. São siglas, abreviaturas de coisas que certamente não conhecerá, pelo menos a todas, ou, se as conhecer, não saberá para que servem e o que fazem exatamente.

Apenas uma pequena mostra, menos que qualquer coisa abaixo de zero um por cento da "siglologia" ou "siglomania" que atualmente assola o país.

Meu velho mestre-escola tinha toda razão de não saber – aliás, não precisava nem tinha obrigação de saber – que aquele N antes de B não tinha nenhuma razão de se constituir numa exceção à regra, uma vez que a formação da própria palavra era artificial, fugindo a quaisquer regras de boa gramática.

E a mania da sigla só se disseminaria depois, muito depois.

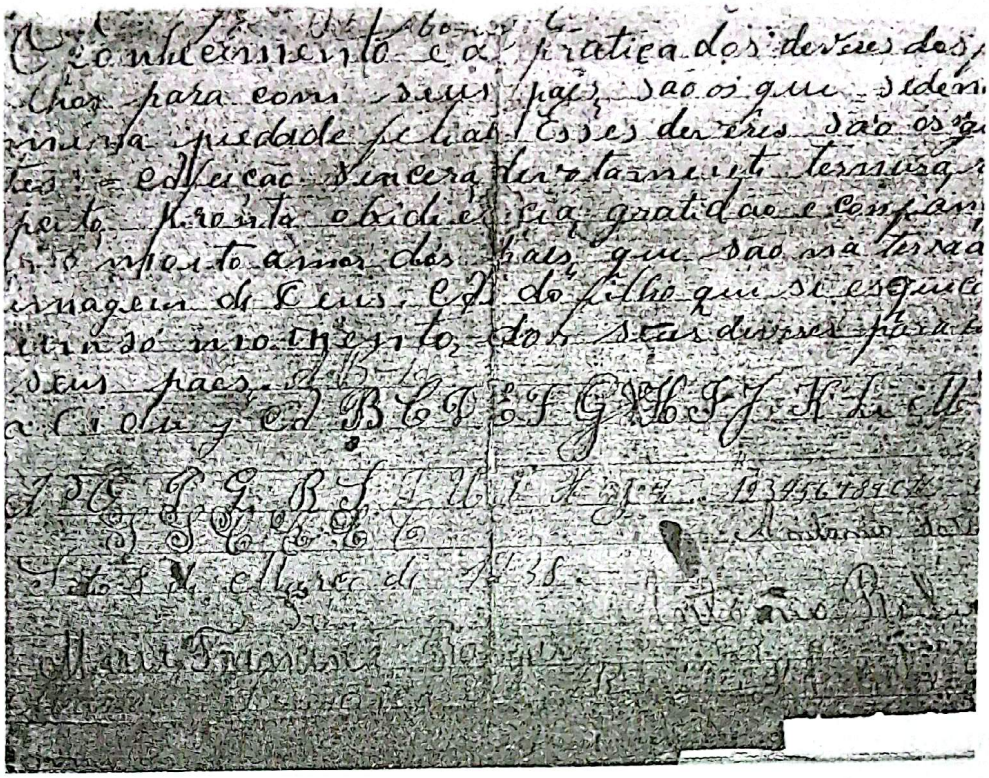
A regra continuaria valendo: ANTES DE "P" e "B" SÓ SE ESCREVE "M".

E ponto final.

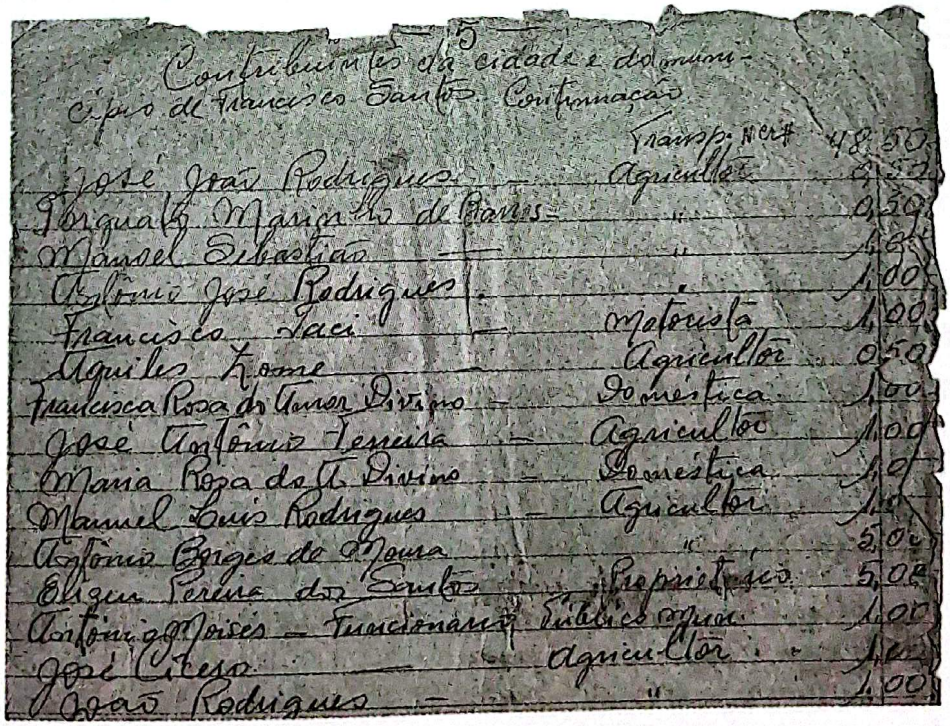
(Publicado na revista Cadernos de Teresina, *agosto de 1995)*

•

Digitalizado com CamScanner



Letra de Mocinha, aluna mais antiga.



Manuscrito recente de Miguel Guarani.

Digitalizado com CamScanner

Guardados e Perdidos

Este livro não poderia ser escrito sem alguns depoimentos e testemunhos dos contemporâneos de Miguel Guarani.

Conquanto pareça bem com um romance, seria uma história com a incrível objetividade de um homem que, desde muito cedo, começou a trabalhar pela educação dos jovens e nesse mister terminou sua vida.

Veja-se este humilde bilhete de uma de suas mais antigas alunas à época de sua morte (dele), remetido por xerox ao autor desta biografia:

"Conheci e estimei muito o professor Miguel Borges de Moura, o Guarani, como era carinhosamente conhecido. Uma das raras inteligências que a vida trouxe, e os anos levaram.

Foi meu professor em março de 1938 e, do seu punho, ainda me restam estas relíquias[1] *que guardo-as com carinho, e aqui envio por este portador. (...)*

---

[1] As relíquias de que fala a missivista foram enviadas ao autor desta biografia por cópia xerox.

Digitalizado com CamScanner

Procurei nos arquivos os versos de literatura de cordel, trabalhos do professor Miguel, mas não foi possível encontrar; e, por intermédio de outras pessoas que me deram, consegui este "A.B.C. da Saudade", que dizem que é da autoria dele.

(...)

O Gilson me falou que vais publicar um livro a mais dentre outros que já publicou. Aqui seguem estas fracas expressões para que, se der, componha o teu livro.

As) Maria Francisca Rodrigues,
Vulgo Mocinha de Antônio Batista.."

Tal como as pessoas que pouco ou quase nada deixaram escrito, mas muito fizeram em favor da comunidade, Miguel Guarani torna-se uma lenda viva no meio do seu povo. Seria oportuno que se transcrevesse todo o *A.B.C. da Saudade*, guardado por Mocinha, que, como se vê, não nos parece bem um ABC. De toda forma, vale como um sentido poema de amor, o qual não se sabe ao certo se é da autoria do mestre, no todo ou em parte. Se o é, certamente já nos chegou com acréscimos, decréscimos e remendos ocasionados por falhas de memória daqueles que o tentaram conservar porque sentiram emoção ao ouvi-lo.

Começa com essas duas quadras:

I

'Minha vida é um romance
De tristeza e ilusão
Parece que o destino
Quis me fazer traição
Minha esperança perdida
Se eu contar a minha vida
Dói em qualquer coração.

Digitalizado com CamScanner

II

Já amei, já fui amado
Já vivi bem satisfeito
Gozei muito na infância
Na vida sem preconceito
Desfrutei a mocidade
Sem saber que a saudade
Ia morar no meu peito.

(Veja o restante em *Obra Poética*)

A carta do mestre Miguel a que se refere Mocinha, entretanto, é ilustrativa do cuidado com que ele tratava a língua, suas redações, seus trabalhos, suas obrigações e compromissos assumidos, mesmo para não ganhar nenhum tostão, como era o caso:

"Santo Antônio de Lisboa, 22 de novembro de 1969.

Exma. Senhora Dona Maria Francisca Rodrigues

A Comissão de Culto Dominical da capela desta cidade, de conformidade com o seu programa de coleta, tem em vista promover um leilão no dia 30 do corrente, visando melhorar ainda mais o estado de conservação da mesma capela e suprir outras faltas ainda existentes.

Na qualidade de dirigente da mencionada Comissão, venho, em nome da mesma, pedir humildemente a sua cooperação para o dito fim, bem como a sua presença, inclusive família, no dia acima designado. Não lhe sendo possível comparecer pessoalmente, e desejando atender a este meu apelo, qualquer jóia ou contribuição poderá ser

Digitalizado com CamScanner

enviada a minha pessoa, que encaminharei da maneira mais proveitosa possível, agradecendo, em nome de Deus, o seu gesto de Fé e religiosidade.

O Dirigente
Miguel Borges de Moura"

Diga-se mais: Miguel Guarani era uma espécie de "faz tudo". Se dependesse das letras e das contas, então era insubstituível. E, na maioria das vezes, sem nada cobrar. Se a pessoa perguntasse ao mestre Miguel quanto lhe devia pelo serviço prestado, apenas respondia:

– Eu sou pobre. Se quiser dar alguma coisa...

Se, no lugar, se abatia um boi, no fim da semana – e isto por costume e necessidade – ele era chamado para anotar todo o apurado e mais: escrever a lista dos que ficavam devendo ao açougueiro; se havia uma novena pra rezar – dizia-se "tirar" – era ele quem lia as orações, os mistérios, enquanto as moças freqüentadoras da igreja apenas entoavam os hinos religiosos. No leilão, festa do Santo Padroeiro, quem controlava tudo era ele. Para passar uma escritura particular ou uma procuração procuravam-no e eram atendidos; até escrever cartas para aqueles que necessitavam por serem analfabetos – e eram muitos – ele escrevia.

Mais ainda: em tempo de eleição trabalhava para o chefe da política picoense de sua amizade e afeição, o Cel. Francisco Santos, no chamado "serviço eleitoral", alistando o pessoal (colhendo os dados para a feitura dos títulos de eleitor) e, depois, entregando cada um desses documentos ao seu respectivo dono, que ficava, assim, preparado para votar. Enquanto o velho político conhecido por "Chico Fartura" era vivo lhe foi fiel, depois da morte

Digitalizado com CamScanner

dele, continuou trabalhando para os que o substituíram, seus filhos, especialmente para o Dr. João de Moura Santos.

Quando saía do movimento eleitoral, pulava para cantar nos fins de semana, à noite, uma espécie de passatempo para o povo simples das comunidades de Riachão, Jenipapeiro, Rodeador e cercanias. Quando encontrava parceiros, melhor. Enfrentou muitos: Campo Verde, Pedro Bandeira, Barra Azul, João Alexandre, Antônio Pereira e tantos mais. Quando lhe faltavam parceiros, cantava romances de autoria de outros e alguns poucos dele próprio, que os escrevia e decorava.

•

Digitalizado com CamScanner

Miguel dá aulas.

Digitalizado com CamScanner

BIBLIOTECA - UESPI

Entrevista

Mudando um pouco, para descansar os leitores de tanto ler apenas o relato onisciente do autor, entra em cena o escritor Gílson Chagas. A maior parte de sua entrevista refere-se à época mais próxima da morte de mestre Miguel Guarani, talvez seu último ano de vida.

Gilson Chagas, escritor, ex-bancário do Banco do Brasil, depois auditor de rendas municipais em Palmas-TO e hoje aposentado e professor universitário em Brasília, tinha sido aluno do mestre Miguel e trabalhado com ele num recenseamento do IBGE.

Foi a forma mais isenta e documentada que o autor encontrou para retratar o mestre nos seus últimos dias de vida e trabalho.

Chico – Gílson, você pode me dar suas impressões sobre o Miguel Guarani, como você o conheceu, primeiro como aluno, depois como colaborador nos Censos Agrícola e Econômico do IBGE?

Digitalizado com CamScanner

Gílson – *Embora já conhecesse o professor Miguel Borges de Moura como cantador, fui seu aluno, pela primeira vez, em março de 1959. Ele, que era mestre-escola (professor itinerante), fora ministrar um mês de aula na casa de Manoel Mariano Rodrigues (Badué). A casa situava-se na vizinhança das Cangalhas, lugarejo onde nasci e vivi meus primeiros quinze anos de vida. Cangalhas pertencia à Fazenda Rodeador (então município de Picos) hoje integrando o município de Santo Antônio de Lisboa-Piauí.*

Professor Miguel Guarani, como foi popularmente conhecido, era, até ali, o maior ponto de referência cultural do Rodeador e do recém-emancipado município de Francisco Santos. Quando alguém queria destacar a perspicácia de outro, dizia:

– É mais sabido que Miguel Guarani.

Eu tinha, à época, 8 anos de idade (dentro dos nove) e despontava como uma "promessa" da região. Pois, na escolinha da dona Helena de Genésio, já havia aprendido o ABC (manuscrito e "de imprensa"), a soletrar sílabas e me iniciara na leitura de "nomes" em uma cartilha.

As aulas na casa de Badué eram ministradas em dois turnos – manhã e tarde. Em menos de um mês, o mestre Miguel me ensinou a ler e decorar textos e a fazer as três primeiras operações de contas: soma, subtração e multiplicação. Lembro-me de que ele era um professor pontual, sisudo e temido por todos. Era exigente com o desempenho de cada aluno e implacável nas reprimendas. Não trocava a camisa para deixar alguém em maus lençóis na frente da platéia. Sobretudo, aos sábados, dia de "argüimento". Isto é, os alunos formavam um círculo e, no centro, o Professor sabatinava cada um, formulando questões orais dentro dos conteúdos ministrados na semana. Quem desse resposta errada para alguma questão, era exposto às chacotas dos demais. "Pagava um mico", como diz a gíria jovem de hoje.

Não obstante esse regime um tanto austero, eu estava deslumbrado com a experiência. Mesmo porque me sentia movido

Digitalizado com CamScanner

também por alguns interesses extracurriculares, pois, entre a realidade de uma conta e outra, eu acabava construindo uns castelinhos de sonhos (secretos) com uma certa princesinha da sala. Porém, para minha frustração, uma chuva "de matar sapo" veio me esfriar o entusiasmo. Minha profícua temporada de aprendizado foi drasticamente suspensa, pois meu pai, seu Pedro Chagas, precisava fazer o plantio de mandioca e eu, como o filho mais velho, era seu semeador natural.

Chico – Mas você o conheceu também como violeiro e repentista. Como foi isto? Em que circunstância?

Gílson – *Sim, conheci-o como violeiro, bem antes de tê-lo como professor. Ele era muito conhecido na região de Picos como mestre e violeiro (ou poeta popular, como mais tarde eu o ouviria definir).*

Concomitantemente às suas temporadas de aula, ele fazia cantorias. Em geral, aproveitava as noites de sábado para mostrar esse outro lado de sua arte. E eu o admirava também sob essa forma. Era uma coisa quase mítica. Eu tinha a sensação de que ele ali, tangendo uma viola e "duelando" com outro cantador, estava revestido de outra personalidade. Parecia outra pessoa. Então pensava: "será que esse repentista é mesmo meu professor?" Com uma ponta de orgulho, esforçava-me para lhe mostrar:

– Olha! Sou eu aquele seu aluno!

Chico – Que poesia, livro ou folheto você leu, ouviu ou gravou, de autoria de Miguel Guarani? Assistiu a alguma cantoria, gravou algum repente?

Gílson – *Não guardei nenhuma das produções do mestre Miguel, pois nunca possuí o espírito de colecionador – desleixo, aliás, que me acompanha até hoje. (Antes de possuir computador, não guardei sequer as coisas que escrevia, tampouco aquelas que escreveram sobre os trabalhos que já publiquei).*

Digitalizado com CamScanner

Lembro-me, porém, de um "romance" (folheto de cordel) que o professor Miguel escreveu sobre um crime passional ocorrido em Monsenhor Hipólito. A região inteira lia e comentava, comovida, a tragédia.

Quanto às cantorias, assisti a várias, inclusive algumas ocorridas lá em casa. Meu pai, a exemplo de outros proprietários da região, o convidava. Ele levava outro violeiro e passavam a noite (geralmente de sábado) cantando repentes: desafios, motes (sugeridos pela platéia) e outras formas de poesia cantada – estrofes, em sextilhas, de rimas em geral alternadas. Pouca coisa eles já tinham de cor, a maior parte era de improviso. O cachê era pago pelo público presente. O dono da casa punha uma bandeja numa cadeira, à frente dos violeiros, e os convidados, de um a um, vinham depositar sua contribuição, oportunidade em que recebiam os agradecimentos e elogios (em versos) dos violeiros.

Chico – Alguma observação ou opinião sobre seu relacionamento com os pais dos alunos, com os amigos e conhecidos? Por que era tão querido por todos?

Gílson – *Sim. O professor Miguel, por sua qualificação, era estimado e ouvido por todos os pais de família da região. Era aquela personalidade que as pessoas tinham prazer em receber e hospedar em sua casa, para beberem seus conselhos.*

Chico – Que posições políticas se podiam identificar no Mestre?

Gílson – *Nunca o vi assumindo posições públicas contrárias ou favoráveis a alguma pessoa ou causa política. Mas a respeito parecem-me ponderáveis algumas circunstâncias. Primeiro, quando o conheci ele já era um homem maduro, talvez descambando para a terceira idade, fase da vida em que as pessoas não militantes são naturalmente muito cautelosas. Segundo, em seus últimos anos ele*

Digitalizado com CamScanner

foi professor da rede pública, ofício de que certamente ele tirava sua sobrevivência. E isso, tendo em vista as mordaças daquele tempo (regime militar), talvez tenha contribuído para sua acomodação às regras políticas da época. Até onde sei, ele era eleitor da situação.

Chico – Como agia Mestre Miguel com seus alunos? Qual era o método com que passava tão rapidamente seus conhecimentos de gramática e matemática?

Gílson – *Seu grau de responsabilidade com o ensino era algo notável. Por exemplo, no final de 1965, quando acabávamos de cursar o quarto ano primário em Santo Antônio de Lisboa, com a professora Helena Josefa de Sousa, filha do mestre, ele se propôs ministrar um curso preparatório para o Exame de Admissão ao Ginásio, em Picos, a realizar-se em fevereiro do ano seguinte. Até então, excetuando alguns casos isolados que conseguiram cursar o ginásio em Picos e em Jaicós, nenhuma turma havia sido formada em Santo Antônio de Lisboa para fazer curso ginasial fora.*

Nós fomos, pois (eu e mais cinco colegas), os pioneiros a enfrentar o bicho-papão do Exame. Era um desafio quilométrico para nós, adolescentes "pobres, feios e morando longe." E para ele, que, a despeito de larga experiência no magistério, era um autodidata, teria naquele Exame (uma espécie de vestibular da época) talvez seu primeiro grande "teste" no terreno da educação formal. De certa forma, sua decantada capacidade seria posta à prova, já que um eventual fracasso da turma poderia abalar sua credibilidade

Vale destacar que Santo Antônio de Lisboa, emancipada há pouco mais de um ano, separava-se de Picos não apenas por 40 km asfaltados, como é hoje. Naquele tempo, a distância eram 7 léguas de caminhos tortuosos, vencidos a lombo de burro e jumento, ou de estradas vicinais, percorridas a Jeep *pelas pessoas mais abastadas.*

Ele não se intimidou. Foi a Picos, entendeu-se com o capitão Camelo, diretor do Colégio Estadual Marcos Parente; trouxe o

Digitalizado com CamScanner

conteúdo programático e, em 10 de dezembro daquele ano, iniciamos as aulas. O regime era intensivo: manhã e tarde, de segunda a sexta. Aos sábados, folgávamos à tarde; e, aos domingos, tínhamos aula à noite.

Estudamos nos meses de dezembro e janeiro e, em fevereiro de 1966, fomos a Picos, alguns de nós (inclusive eu) ainda sem registro de nascimento. Éramos uma incógnita. Ninguém sabia ao certo o que nos esperava no exame, pois havia muita mística em torno dele.

Nas vésperas da viagem, o Professor fez uma avaliação simulada, com base na bibliografia indicada para o exame. Quase toda a turma saiu-se muito bem, mas continuávamos temendo o resultado.

Fizemos afinal o tal exame. Três ou quatro dias de provas e expectativas. Fomos todos aprovados. Conquistamos as primeiras colocações entre todos os concorrentes. Daí em diante, Santo Antônio de Lisboa passou a ser, em Picos, uma referência de bom desempenho escolar, embora o êxito nos tenha custado muitas hostilidades de parte dos outros estudantes. Eles não se conformavam em perder posições para "aqueles matutos malucos".

Chico – Lembra de algum episódio marcante do seu tempo de estudo na escola do Mestre Miguel?

Gílson – *Foram muitos. Da maioria, porém, já perdi os pormenores. Recordo, contudo, de algumas passagens do curso preparatório para o Exame de Admissão ao Ginásio, de que já falei no tópico anterior. A turma, embora pequena, formava-se por meia dúzia de "aborrecentes" (adolescentes). Em alguns momentos, fazíamos muito algazarra – "alegria" sem causa, típica da idade. Ele, que estava escrevendo no quadro, virava o rosto por cima do ombro, para identificar os "anarquistas", e, com os óculos na ponta do nariz, falava:*

– Muito riso, pouco siso.

Digitalizado com CamScanner

Episódios mais marcantes, todavia, ocorreram fora da escola. Foram precisamente em julho de 1971. Àquela época, eu já estava estudando o curso científico em Picos. Cumpre esclarecer que esse curso, embora correspondesse formalmente ao nível médio de hoje, tinha então um sabor de universidade. Até porque só havia ensino superior na capital, Teresina, e somente uma minoria tinha acesso a ele.

Eu acabava de chegar, para as férias de julho, na cidade de Santo Antônio de Lisboa, onde meus pais já residiam. Sem dinheiro, sem emprego e, ainda por cima, atormentado pela saudade da namorada (futura noiva e esposa), que ficara em Picos. Nessas circunstâncias, o mês de julho não seria exatamente 31 dias de férias, mas 744 intermináveis horas a serem suportadas.

À tardinha, cadeira na calçada, ali estava eu, aguardando a entrada da noite, para sair à rua, onde enfrentaria a rotina de estudante desocupado. Aproxima-se então o professor Miguel. Cumprimentamo-nos, eu lhe ofereço outra cadeira e ele, logo ao sentar-se, vai direto ao assunto:

Dizia-se preocupado com o trabalho. Havia sido contratado pelo IBGE para fazer a supervisão do Censo Agropecuário no município. Responsabilidade, aliás, que se estenderia ao Censo Econômico, que viria logo depois. Tinha um grande volume de questionários para revisar. Não daria conta sozinho e o IBGE não contratara sequer uma pessoa para auxiliá-lo. Ele teria que contratar um, de seu próprio bolso, mas aí também existiam dois problemas. Primeiro, em sua avaliação, não havia ninguém naquele município com qualificação intelectual para a tarefa. Segundo, os que estudavam fora e preenchiam os requisitos para desempenharem a função, certamente não aceitariam a pequena quantia que ele podia pagar, tirando de seu próprio salário.

Remexi-me na cadeira e arrisquei:

– Professor, se estou entendendo bem, o senhor está me convidando para auxiliá-lo nesse serviço.

Digitalizado com CamScanner

– Sim, é verdade – confirmou o mestre – mas não posso pagar o que você merece.

– Não há problema, professor. Estou mesmo sem nada para fazer e vou ajudá-lo. O senhor me paga qualquer coisa.

Ele se mostrou satisfeito e finalizou:

– Segunda-feira a gente começa (estávamos na sexta) e eu lhe pagarei 100 cruzeiros.

– Aceito!

Vale esclarecer que 100 cruzeiros, àquela época, correspondiam a mais ou menos setenta por cento do salário mínimo regional. Mas, mesmo em Picos – cidade pólo – apenas uma minoria ganhava um salário mínimo completo. Aquele valor – que o professor me passou às mãos, logo na segunda-feira, durante a primeira hora de trabalho – valia muito. Com 60 cruzeiros, paguei, depois, uma mensalidade (atrasada) na pensão da tia Raimunda, em Picos. Com 20, comprei um par de sapatos colegiais e ainda me sobraram outros 20 para comer doce de buriti com refrigerante – que ninguém é de ferro.

Pois bem. Trabalhei todo o mês de julho de 1971 com o professor. O "escritório" era em sua própria casa, no povoado Acampamento, cerca de 3 quilômetros da cidade. Eu ia a pé, pela manhã; ao meio-dia almoçava ali mesmo na casa do professor (ele tinha uma secretária do lar) e retornava à tardinha.

Um dia, lá pelo encerramento do expediente, ele me perguntou:

– Seu pai está em casa?

– Sim, professor.

– Pois eu hoje vou com você até lá. Quero falar com ele e também com você.

– Comigo, professor?! Pode falar logo!

– Não! Quero falar com os dois, juntos.

Percorremos lado a lado o caminho do Acampamento até a cidade.

Digitalizado com CamScanner

Conversamos sobre muitas coisas, menos sobre o que ele pretendia tratar com meu pai e comigo. Chegando a minha casa, ele, após ser recebido amistosamente por meus pais, outra vez agiu com sua habitual objetividade:

– Pedro, eu venho aqui, para lhe pedir que mande o Gilson fazer o trabalho de recenseador no Censo Econômico, que vai começar agora. Aqui, em Santo Antônio, só ele tem condições de fazer o trabalho. Nós vamos a Picos receber instruções: as despesas correm por minha conta. Ele preenche os questionários à noite e nos fins-de-semana. E, mesmo não estando inscrito no IBGE, ele faz o serviço e eu assino. Ao final dos trabalhos, a gente divide o pagamento.

Antes que eu, um tanto surpreso, opusesse qualquer argumento, meu pai sentenciou:

– Sim, Miguel, ele vai. Ele é novo: para que quer as noites, os sábados e os domingos? Pode contar com a gente.

E foi dessa forma que, às vésperas de completar 21 anos de idade, eu "consegui" meu primeiro e único emprego como recenseador do IBGE.

Cumpre-me acrescentar que, segundo planejara o professor, ao final do período havíamos concluído o Censo Econômico e a tarefa de auxiliar de supervisão para a qual fui contratado. Dois ou três dias depois do encerramento, quando eu já me preparava para voltar para Picos, soube que o professor havia sofrido um acidente vascular cerebral. Fui visitá-lo, ele estava em coma profundo. Não falou nem levantou mais. Faleceu no outro dia. Ainda tive a oportunidade de dizer-lhe adeus.

Chico – Quer acrescentar mais alguma coisa que não foi perguntada, ou referida?

Gílson – *Eu e minha geração conterrânea, além das anteriores e algumas posteriores à minha, devemos impagáveis tributos ao professor Miguel Guarani. Até aqui, não pagamos nossa dívida.*

Digitalizado com CamScanner

Pessoalmente, guardo a sete chaves, na gaveta do coração, o projeto de um romance cujos tempo e espaço estarão centrados na minha distante, dolorida e saudosa meninice. E esse romance – um misto de ficção e autobiografia – tem de antemão alguns personagens certos e contratados. Professor Miguel é um deles. Por enquanto, espero que este singelo testemunho que ora tenho a honra de lhe transmitir sirva como adiantamento.

•

Digitalizado com CamScanner

Miguel canta com outro violeiro.

Digitalizado com CamScanner

Romances Famosos

Entre as cantorias de ontem e as de hoje, Miguel Guarani se enquadraria nas de ontem ou nas dos dias atuais?

"*Existem grandes diferenças*", diz o Prof. Pedro Mendes Ribeiro, da UESPI, mestre, poeta, repentista e teórico da poesia popular, num artigo publicado pelo jornal *Diário do Povo*, de 16 de janeiro de 2004.

Assim expõe:

"Vivi a meninice no sertão piauiense, ouvindo o ranger das moendas dos engenhos de pau e o desafio dos cantadores de viola. No velho povoado Baixão dos Ribeiros, município de Teresina, hoje Mons. Gil, meu pai mandava chamar cantadores, nos Estados do Ceará, Paraíba e até Pernambuco para as noitadas de viola, no salão da casa grande.

Foram momentos inesquecíveis que guardo na memória, ainda sentindo o sabor da pega dos repentistas. Foram noitadas maravilhosas nas quais os repentistas se esforçavam para vencer as pelejas e abocanharem o total da bandeja (coleta feita entre os presentes) para a paga da peleja.

Digitalizado com CamScanner

Os preliantes, às vezes, concordavam em repartir o produto da noitada, sem, entretanto, maneirar a rudez dos desafios, que eram, cada vez, mais dura.

Àquela época, a cantoria não possuía o número de estilos cantados na atualidade. A velha sextilha, os galopes e os martelos representavam o forte das contendas dos violeiros. O início das cantorias era marcado pela "Louvação", estilo que objetiva elogiar os presentes para motivar a paga."

Hoje, em que pese a evolução dos tempos, com cantorias cobrando ingresso ou preço previamente ajustado, a "Louvação" ainda se faz presente, sobretudo nos embates de pé-de-parede.

O destaque, por excelência, da mudança das cantorias de ontem e de hoje é, sem nenhuma dúvida, a linguagem usada, quer na forma, quer no conteúdo cultural. Repentistas da linha de Ivanildo Vilanova exigem bons conhecimentos da realidade histórica e atual, além de conhecerem bem as palavras, obrigando-os até mesmo ao uso de dicionários.

As cantorias do passado centravam suas referências à natureza, numa linguagem simples e usando ainda o estilo matuto. A parte mais aplaudida era o desafio utilizado pelos cantadores mais destacados de então. A maior peleja de que se tem notícia, realizada entre Romano da Mãe d'Água e Inácio da Catingueira, é o exemplo maior da diferença entre as cantorias de hoje e de ontem.

A nova geração de repentistas fez uma mudança na dimensão do repente. Além do acréscimo de novos estilos, os atuais violeiros acompanham os acontecimentos da atualidade e estudam diariamente as conquistas da ciência no sentido de aplicá-los em estilos como: "Tudo Eu Sei Ninguém me Ensina, Quadrão Perguntado", *etc.*

A realidade é que a saída das cantorias do sertão para a cidade contribuiu para o aperfeiçoamento dos gêneros do repente e maior embasamento cultural dos violeiros."

Digitalizado com CamScanner

A pergunta acima deve ser respondida em meio termo, ou seja, Miguel Guarani fica na fronteira entre o ontem e o hoje. Em primeiro lugar porque era professor e conhecia bem o dicionário; em segundo, também sabia da Bíblia e do Catecismo, Geografia e História (do Brasil e Geral), Português, Gramática e Aritmética – matérias que, elementarmente, usava no dia-a-dia de seus cursos; em terceiro, por ter aprendido a cantar com "Campo Verde", um cantor inteligente e escolado, difícil de encontrar-se hoje, e ter continuado com o grande Antônio Pereira, e depois com outros tidos por os melhores da época.

O artigo do Prof. Pedro M. Ribeiro é muito explicativo e claro sobre cantorias, estilos, forma, costumes, etc. portanto muito ilustrativo para esta biografia de um violeiro letrado, mestre-escola de muitas gerações.

Miguel Guarani não cantou muito, não fazia profissão, por isto não ficou célebre fora do Piauí. Começou mais ou menos pelo ano de 1942, quando tinha 32 anos. Morava no Angico Branco dos Macedo (também chamado dos "Panta"). Sua primeira cantoria, a estréia, aconteceu na casa de seu Izídio Tibúrcio da Silva, numa noite memorável, enfrentando o negro "Campo Verde", que por lá aparecera com sua viola. A festa, naturalmente, era uma comemoração daquele proprietário de muitas roças de arroz e algodão pela boa colheita.

O evento foi uma grande surpresa, uma vez que ninguém esperava o mestre-escola encarnar-se tão bem na pele de um violeiro improvisador, mas principalmente para o filho primogênito, autor deste trabalho, que, a partir de então, passou a admirar muito mais o pai, pelo brilho de sua inteligência.

Digitalizado com CamScanner

Miguel Guarani nunca teve o propósito de fazer profissão de cantador. Formou, por isto, o costume de não sair de casa para cantar com outros em lugares distantes, tal como já era praxe dos demais improvisadores. Ele esperava que viessem a ele, mesmo porque era professor e não podia abandonar seus alunos, sua profissão desde muito cedo, que vinha da década de 1930. Mas, uma vez procurado, não temia, enfrentava qualquer parada.

Pouca coisa foi recuperada das cantorias que fez, mesmo porque não é comum esse tipo de memória. Quando o ouvinte está na cantoria quer sentir o desenrolar da função e, assim, não pode ficar prestando atenção aos detalhes. Só uma cabeça privilegiada retém versos, estrofes, às vezes incompletas, que são depois remendadas, refeitas.

Desse ponto são bem ilustrativas as cartas de seu aluno Valdemiro Joaquim de Carvalho, acompanhadas de poemas.

"Caro Chico Miguel:

Você pediu que escrevesse alguma coisa sobre seu pai. Muito me envaidece falar de alguém da estirpe do professor Miguel. Com efeito, considero uma responsabilidade muito grande, pois tenho medo de cometer alguma injustiça.

O mestre Miguel, como chamávamos na intimidade, era um homem de rara inteligência e perspicácia na arte de ensinar. Eu, particularmente, devo muito do pouco que sei ao grande mestre. Com ele aprendi as primeiras letras as quais serviram de pontapé inicial para minha vida profissional. Sereno, minucioso, porém severo, conseguia, mesmo sem ter as mínimas condições pedagógicas, transmitir seus conhecimentos autodidatas com muita habilidade.

Digitalizado com CamScanner

Lembro-me com saudade daquele tempo em que passamos sob a batuta do grande mestre. Durante o dia, apesar dos afazeres inenarráveis do interior pobre, castigado pela seca, sob o sol causticante que fazia tremer o horizonte, mesmo assim havia disposição para aprender as belas lições que o bom amigo de olhos azuis tinha para dar. Na ingenuidade de menino do interior, não imaginava a importância daqueles ensinamentos. Não calculava a sua utilidade num futuro próximo.

As noites do sertão eram escuras e monótonas, a não ser quando a lua emprestava sua luz prateada que engalanava a copa dos juazeiros, raras árvores que conseguiam manter-se verde durante a longa estiagem. A luz do candeeiro quase penumbra misturava-se com a fumaça negra de cheiro forte de querosene. Nesse cenário exótico, o mestre pegava a viola, dedilhava vagarosamente, resmungando uma toada cordeliana como se estivesse aquecendo a garganta. A partir dali tudo poderia acontecer: versos, toadas, quadrões, galopes e motes.

Todos paravam em volta, e o silêncio era total. Nada mais do que o som da viola e a voz do violeiro. O velho, às vezes, reclamando da garganta, deglutia um comprimido de melhoral e a cantoria ia até alta noite. Risos, aplausos e até lágrimas brotavam em meio à platéia atenta e entusiasmada. Era uma festa para os corações nostálgicos daqueles sertanejos de rosto sofrido, calejado pelo duro trabalho, mas de alma ingênua e acolhedora.

A sensibilidade poética do grande mestre penetrava nos corações carentes de afeto como uma lâmina cortante, atingindo o ponto vulnerável de cada um, como se contasse sua própria história.

Assim se passaram aqueles dias, que jamais se apagarão da minha memória conturbada pelos afazeres do presente, mas que não dará lugar ao esquecimento de tão saudosas lembranças de um passado que cada dia vai ficando para trás.

Forte abraço

Valdemiro Joaquim de Carvalho
Brasília, 20/06/92".

Digitalizado com CamScanner

Junto vinha o seguinte bilhete como complemento:

"Recebi sua carta. Fiquei feliz. Todavia, não foi possível corresponder ao seu desejo, pois alguns escritos de seu saudoso pai, que estavam em poder de Zequinha, meu irmão, ficaram no Piauí. Vão apenas três estrofes que havíamos guardado na memória. Trata-se de um mote – "No riso de uma mulher" – que passo a transcrever na íntegra":

"O homem não se domina
Contemplando extasiado
O olhar apaixonado
De uma donzela grã-fina
Pois na classe feminina
Há um mistério qualquer
Até um pobre esmoler
No seu sofrer cruciante
Descobre coisa importante
No riso de uma mulher.

O autor da Criação
Fez o Éden terreal
De uma forma colossal
Tudo chamando a atenção
E nesse momento Adão
Teve uma impressão qualquer
O eterno como mister
Mostrou Eva, ele sorriu
Pela beleza que viu
No riso de uma mulher.

Digitalizado com CamScanner

Rei Assuero pensou
Matar o povo judeu
Em todo o domínio seu
Por edital publicou
Seu ministro observou:
"Farei o que vós disser"
Porém a formosa Esther
Fez o rei se arrepender
Viu-se este grande poder
No riso de uma mulher."

Miguel Guarani escreveu pouco e publicou menos ainda, quase nada. Ficaram alguns repentes, martelos, motes ou glosas e, segundo a tradição, os romances d' ***A Morte de Zilma*** e de ***Lourival e Teresinha.***

Tudo o que se tem do primeiro é uma cópia – confiável – porque feita por sua filha, Helena Josefa de Sousa, em 6 de abril de 1993, certamente tirada de outra mais velha ou de folheto impresso, do que não se tem a data, pois é provável que o poeta e professor Miguel o haja escrito logo após o rumoroso e trágico acontecimento. Esse romance foi cantado muitas e muitas vezes nas bocas-de-noite de Jenipapeiro, Riachão e Santo Antônio de Lisboa, não sei se também em Alagoinhas e São Julião, Bocaina e Sussuapara, mais ou menos até onde a população poderia ter tomado conhecimento do pavoroso crime. A memória de Zilma, a vítima, foi perpetuada até hoje.

Felizmente é possível mostrar os versos (ou romance) d' *A Morte de Zilma* – escritos primeiramente, decorados depois, e cantados ao som da viola tal como mestre Miguel passava para sua platéia.

Digitalizado com CamScanner

Assim ele o começou:

"Vinde musas do Parnaso
Para minha companhia
Dai-me inspiração poética
Talento e sabedoria
Para descrever um caso
De dor, pranto e tirania."

(Veja o restante em **Obra Poética**).

Quanto ao outro folheto, a famosa história de **Lourival e Teresinha**, impresso em gráfica, mas sem nome, local ou data, nem mesmo os do editor e do autor. Este pesquisador encontrou-o por sorte, nos anos 90 do século XX, numa banca de cordel que o violeiro e cantador Pedro Costa mantinha na Praça João Luís, nesta Capital, onde vendia toda a sorte de literatura de cordel existente no mercado.

A tradição guardou que **Lourival e Teresinha** é de Miguel Guarani, escrito por ele e, quem sabe, publicado.

O autor desta biografia também ouvira seu pai cantar **Lourival e Teresinha**, em Jenipapeiro, ao clarão da lua ou mesmo à luz das lamparinas. Até então, a história não tinha sido publicada.

Muito tempo depois, mestre Miguel adoeceu e teve que fazer um tratamento médico em Picos. Depois do tratamento, o filho conseguiu alugar uma casa, para facilitar a situação do pai, onde a família passou a morar durante mais ou menos dois anos. E recorda-se de ter ouvido a mesma história de **Lourival e Teresinha**, que agora ele cantava para os picoenses da cidade.

Digitalizado com CamScanner

Até essa época de Picos a história ainda não tinha sido publicada.

Quando, tempos depois – Miguel não demoraria muito a falecer – visitou seu filho, nesta Capital, disse-lhe que havia mandado imprimir uns folhetos e queria mandar fazer outros. Sendo perguntado por que não o fazia logo, o mestre, cautelosamente, informa:

– Isto é muito dispendioso.

Acredita-se que foi nessa época que Miguel Guarani mandou imprimir **Lourival e Teresinha** e, quem sabe, outros que até então não foram encontrados.

Encontrá-lo intacto foi um presente, um milagre do céu. Aqui está para os leitores:

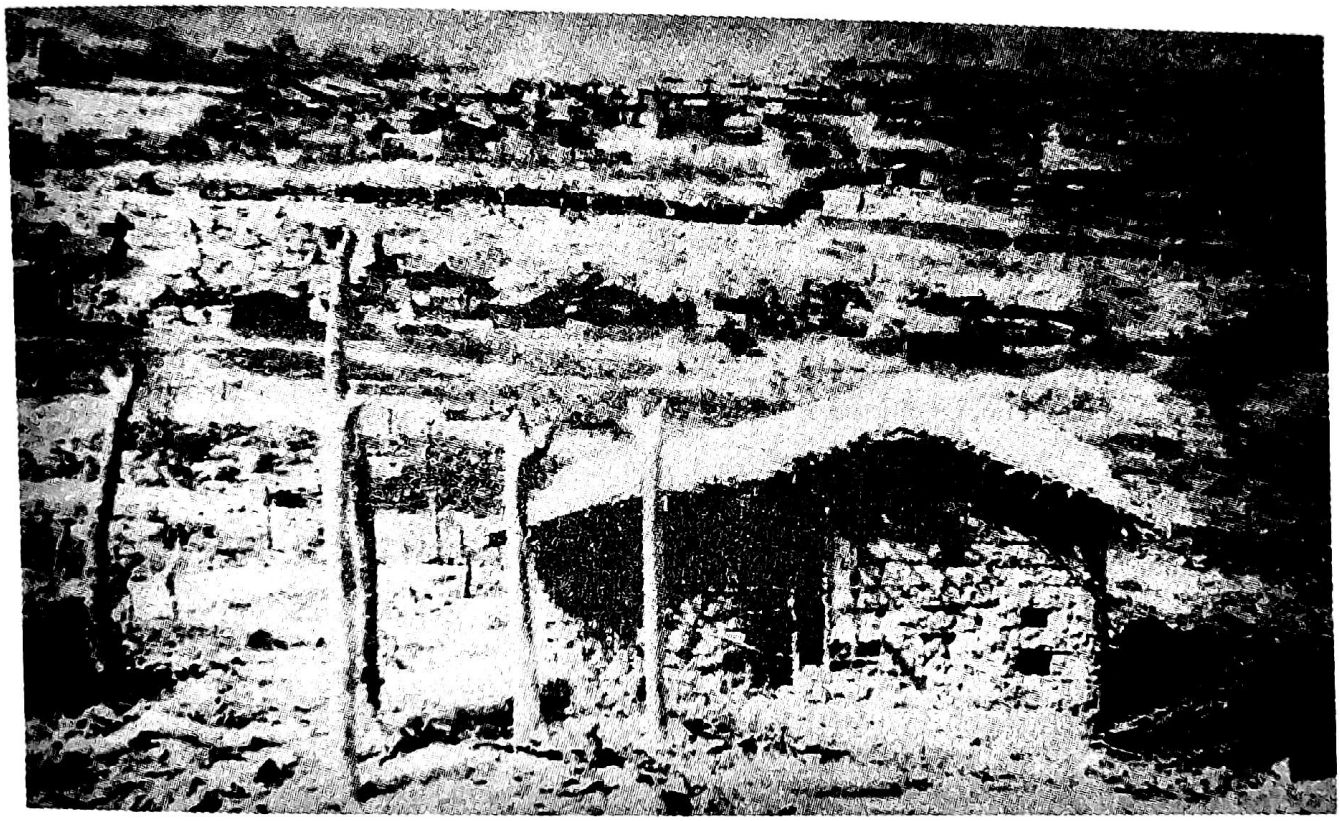
"O amor é abstrato,
Quero dizer é oculto,
Se sente mas não se vê
O tamanho, a cor, o vulto,
O qual impera forçoso
E se torna absoluto.

O amor quando impera
Num coração jovial
Não teme a obstáculos
E nem a força do mal,
Desobedece às razões
E enfrenta qualquer rival."

(Veja o resto em **Obra Poética**)

•

Digitalizado com CamScanner



Casa de Miguel no Curral Novo, à semelhança da de Antônio Conselheiro.

Digitalizado com CamScanner

Antes, a Vida

"Viver é lutar. /A vida é combate..." – são versos de verdade do poeta Gonçalves Dias, aplicáveis especialmente a todos os sertanejos que, como dizia D. Zefinha, a mãe do biógrafo, repetindo a tradição, *"fazem, da fraqueza, força."*

Miguel, com uma compleição mais frágil, visivelmente, que a dos seus irmãos, lutou desde pequeno. E aprendeu, na vida de menino e rapaz, que a roça, a vazante de alho e cebola, os trabalhos pesados não lhe dariam camisa, com eles não conseguiria sustentar a família.

Seu combate era, então, de outra natureza. Era preciso migrar para outra profissão. Para isto, aproveitou bem a lição de seu pai e, depois, a de um professor na casa de Licínio Pereira (onde hoje fica o prédio da Prefeitura Municipal de Francisco Santos, cujo mestre tinha o nome complicado de Cícero Ângelo Clímaco, conforme depoimento de Antônio Borges de Moura (Toinho de Sinhô), talvez pelos idos de 1924/1925, quando já estava nos seus 15 anos. Durante quanto tempo freqüentou

Digitalizado com CamScanner

aquela escola? Quantos anos? Quem falava em freqüentar um ano de escola, naquele tempo? Eram meses, poucos. No máximo seis. E pronto. Para Miguel não foi diferente.

Foi nesse tempo que ganhou o apelido de Guarani, conservado com prazer por toda a vida. Razão: o professor havia organizado uma competição na escola, formara para tanto dois grupos, cada um com sua denominação. O mais adiantado, por coerência, provavelmente teria um nome indígena, pois o mais atrasado chamava-se "Guarani", quando Miguel entrou para a escola e nele se filiou. A entrada de Miguel foi providencial. Com sua inteligência e aplicação, fez subir a posição do grupo "Guarani", que terminou ganhando a parada. Daí, seu apelido de "Guarani", com "i" mesmo, para toda a vida, alcunha que, por comodidade ou displicência, nunca incorporou ao registro civil como bem merecia.

Há também informações muito vagas, não confirmadas, que, depois disto, vendo o desenvolvimento do filho – ou já teria sido logo depois dali? – Senhor do Diogo mandou Miguel passar três ou quatro meses na Bocaina, com um professor famoso que estava lecionando por lá. Com esse professor de Bocaina, ele aprendeu muito bem todos os cálculos da Aritmética Progressiva, de Antônio Trajano, porque o primeiro estágio, a Aritmética Elementar, Miguel aprendera sozinho.

E de escola foi tudo, ou quase tudo, como se verá no desenvolvimento desta história.

O resto era trabalho duro, no forno, quando temporada de "desmancha"; na enxada, na época das roças (no inverno); ou arrasando areia no leito do rio para plantar alho, cebola e batata (na seca), logo que baixavam as águas do Riachão.

Digitalizado com CamScanner

Quando casou, Miguel já estava preparado para lecionar.

Porém, pelo que se sabe, a procura era muito pequena. Documentado mesmo, temos o depoimento de Mocinha de Antônio Batista, de Rodeador, que fora aluna de Miguel Guarani, em março de 1938. Miguel tinha então 28 anos e já era casado há 6 anos.

Sim, Miguel casara em 1932, aos 22 anos, com Josefa Maria de Sousa (D. Zefinha), nascida a 14 de fevereiro de 1909, um ano mais velha do que ele, portanto. Consta que era uma moça bonita, morena, órfã de pai e mãe, e vivia no lugar Curral Novo, onde possuía herança de seus pais (Chico Ana e Mariinha): um pedaço de roça, com direito a vazante no rio e tabuleiro entre pedras e matas de catingueira e xiquexique. Ali, Miguel erguera uma casinha para morar, de sala-alpendre, quarto e cozinha, com um cercado atrás onde plantava o feijão ligeiro (40 dias), algumas covas de milho, abóbora, melancia, logo nas primeiras chuvas.

Por que Miguel veio morar no Curral Novo, acerca de três quilômetros do povoado Jenipapeiro, e mais distante ainda do Diogo?

Especula-se hoje – as fontes já não existem, não deixaram rasto – que os irmãos e irmãs de Zefa (Josefa Maria de Sousa) não queriam de forma alguma que ela fosse morar no Diogo. Assim, com essa condição, o casamento foi "arranjado" e casaram-se na igreja. O civil ficaria para muito depois. Dona Zefinha dizia que, na verdade, seu casamento não tinha nenhum valor, visto que logo depois o padre oficiante deixou a batina. Era o padre Cícero Santos. Também consta que, logo após a cerimônia do casamento, já a caminho de casa, receberam

Digitalizado com CamScanner

os noivos um recado para que voltassem à igreja para casar de novo: o oficiante do sacramento não sabia que os dois eram primos em segundo grau. E, tendo sabido, precisava refazê-lo.

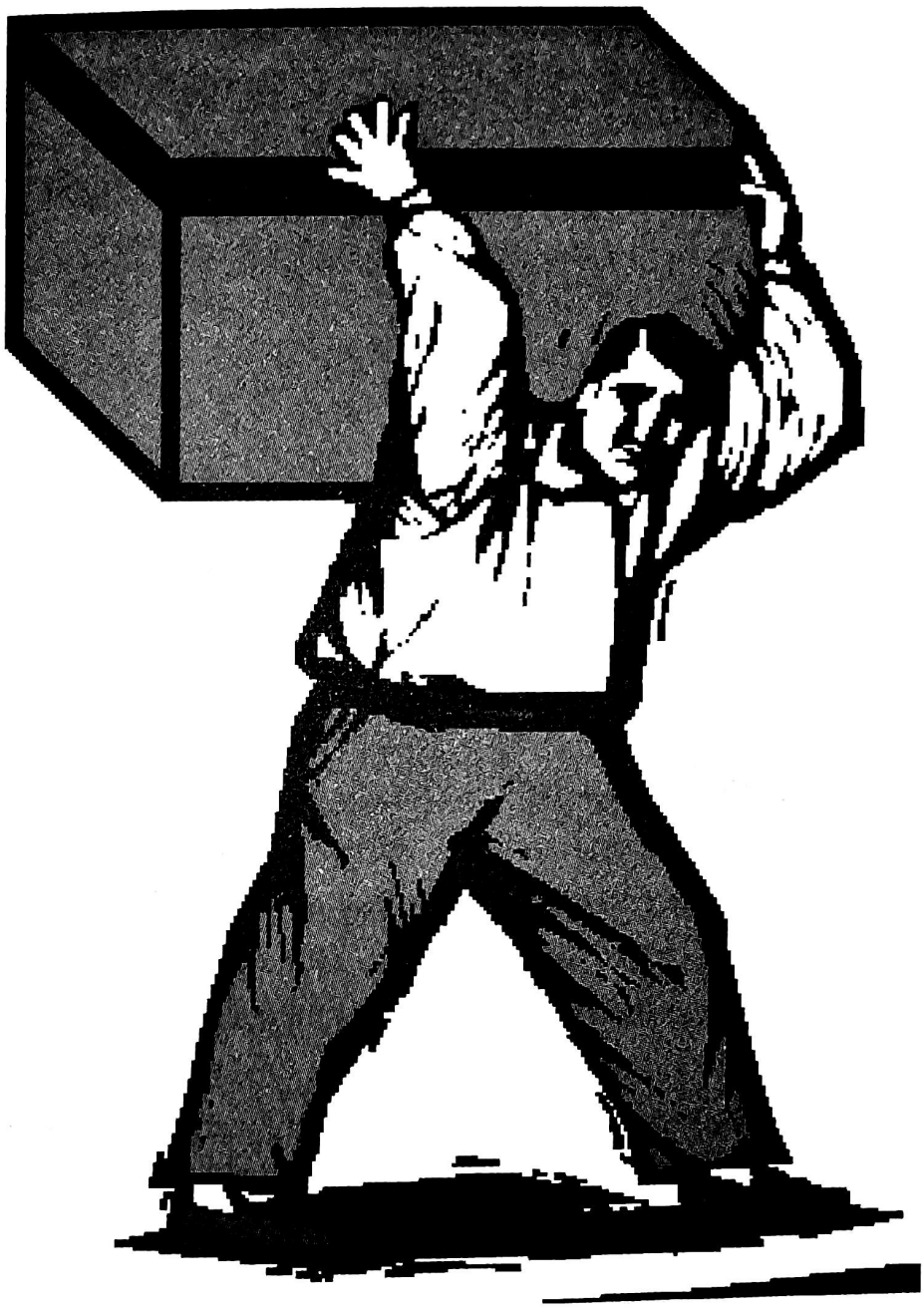
Da roça para a vazante, do forno para uma ou outra escolinha muito rara e mal paga, viveria Miguel, pobre. Dona Zefinha ajudava um pouco, fazia cofos, abanadores, esteiras, e uns surrões de palha de carnaúba para vender aos que precisavam ensacar o alho e a cebola das safras do rio.

Os filhos, coitados, eram magros, amarelos, barrigudos, cheios de verme e lombriga, e alguns faleceram antes dos seis meses de idade, de "doença de menino".

Não era possível continuar daquele jeito. Pensou, pensou e decidiu: começaria sua peregrinação por tantos lugares quantos fossem necessários, e sempre mudando, mudando sempre em busca de vida melhor.

•

Digitalizado com CamScanner



Saída da família de Curral Novo.

Digitalizado com CamScanner

Miguel na Ema

Era uma quente manhã de verão... Ou seria tarde?

Aquele foi um dia inusitado, apreensivo e triste para a família de mestre Miguel. Preparava-se para sair do Curral Novo com destino a lugar bem distante e desconhecido, tão distante e tão desconhecido que nem a mulher nem os filhos podiam imaginar. O menino mais velho, criança de talvez seus 4 anos, viu seu tio Antônio, irmão de Dona Zefa, que era também seu padrinho de batismo, botar o baú de madeira ao ombro e levar para a casa da irmã Rosa (a tia Rosa rica e sovina, no entanto amada), que morava ali perto, numa casa grande, de tijolo e telhas. O baú, conquanto velho, era revestido em couro e com arrebites brilhando ao sol, onde a dona da casa guardava as jóias mais preciosas da família. Para onde foram os anéis e colares, os vestidos mais caros, os chapéus de palhinha, etc. etc. nunca se soube nem saberá. Guardavam-se também os livros. Eram poucos, só dois: um dicionário velho, ilustrado, de Simões da Fonseca, e uma História Natural.

Digitalizado com CamScanner

As roupas de uso deram adeus ao baú: foram retiradas, não mais que duas "mudas" de cada um dos membros da família.

Era a mudança.

Daí a memória foge. Vai retomada quando estavam no lugar Ema, da fazenda Sussuapara, na casa de Ana de Xirrite, que Miguel dizia ser sua prima distante.

A mudança tinha um objetivo imediato: Miguel ia "dar um mês de escola" na casa de outra prima, irmã de Ana, que se chamava Josefa (Zefinha) e era casada com Raimundo Firmino, de família numerosa: – uma moça (Nazaré, que, àquela altura, ainda era menina-moça) e um magote de rapazes, começando por Oscar, Paín e outros, cujos nomes desapareceram no véu da lembrança.

Depois do mês de aulas com os filhos de Raimundo Firmino, Miguel resolve ficar. Ou melhor, já tinha resolvido, só não disse para facilitar as coisas.

Era essa a vida de cigano que Miguel começava. Por isto, Dona Zefa dizia que ele vivia de arribada. Não parava em lugar nenhum.

A segunda mudança foi logo.

Na Ema", onde primeiro se aboletou a família de mestre Miguel, Ana de Xirrite tinha uma casa grande e velha, de tijolo e telhas, roças em redor, vazante no rio, situada bem na beira da estrada real de Picos. Esta era a primeira vantagem para D. Zefinha, pois na sexta-feira passava muita gente de Jenipapeiro, a caminho da feira de Picos. A segunda era a presença de Adelino, o marido de Ana, quando não estava na roça, plantando milho, feijão, mandioca, fumo, ou nas vazantes do rio. Era um senhor muito manso e bom. Suportava viver com ela, uma mulher magra, faladeira, nervosa, inquieta e, ao que parece,

Digitalizado com CamScanner

exigente, mandona demais. De toda forma, sua presença dava uma certa tranqüilidade ao pesado ambiente.

Não se sabe por qual razão, na convivência desse período Miguel se tornou mais severo com as crianças do que era antes. Uma vez, no café da manhã, por causa de uma briguinha entre o filho primogênito e a irmã mais velha, Teresa, mestre Miguel agarrou uma chibata que jazia pendurada num torno à sua vista e deu boa sova no Chico. Anos depois do manguá, dói-lhe mais a lição de moral que precedeu à surra e continuou depois, no meio de todos que estavam à mesa (as famílias do mestre e de Adelino):

– Por que você tomou o beiju de sua irmã? Pra não fazer mais isto, tome... – Foram aproximadamente seis lapadas.

Chico ainda quis dizer que ela estava comendo devagar como quem não estivesse mais com fome, e ele – hoje todos sabem cientificamente que homem come mais do que mulher – foi forçado pelo estômago a avançar no resto de beiju da menina.

– O meu era menor que o dela.

O velho não quis saber de justificativa. Nem teria pensado na situação humilhante por que o menino passara. A dor teria sido menor e a vergonha evitada, se o tivesse levado para um quarto ou outro qualquer lugar longe da assistência.

Outro episódio bem informa da maneira de mestre Miguel criar os filhos e viver com a mulher àquela época, e só por isto é aqui colocado. Certa manhã, o pessoal se preparava para sair pra vazante, era o plantio do alho, iam levar estrume para os canteiros, etc. Todos, inclusive os meninos, encarapitados nos animais de carga,

Digitalizado com CamScanner

acompanhados dos cachorros. Na preparação, Ana achou de dizer que Chico também deveria ir, embora fosse bem menor que os outros. Zefa de Miguel, ao contrário, disse que ele não ia porque era muito pequeno, podia pegar muito sol e adoecer de gripe, ou chegar com dor de barriga e disenteria.

Quem mandava ali?

Ficou valendo a opinião de Ana. Mestre Miguel disse que o filho ia, enquanto a mãe chorava aos rogos de que não o mandasse.

– "Que situação!" – diria a personagem Gisela, da telenovela "Senhora do Destino", de autoria de Aguinaldo Silva, transmitida pela Rede Globo.

Que situação para a criança e para a mãe! Havia uma espécie de animosidade entre Ana, a dona da casa, e Zefa de Miguel, hóspede. Quem tinha razão? Satisfazer a mãe, que não queria ficar só e tinha seus motivos, era o desejo do menino. Ele tinha medo, era magrelo, doente, dengoso. Porém, a vontade do pai sobrelevava, nem podia pensar em desobedecê-lo. Pedir pra não ir, nunca. Sua palavra, agora apoiada na da prima, era lei. Não precisa dizer-se o que aconteceu, o leitor já adivinha. Só que, contrariando os prognósticos da mãe, o menino voltou são e salvo por fora; agora, por dentro, hum! o enorme peso por ter deixado a mãezinha só, naquele ambiente estranho, sob a batuta de Ana, a quem Chico passara a não ver com bons olhos.

•

Depois a lembrança se esvai novamente.

...A família de mestre Miguel, quando ele terminou o mês de escola da casa de Raimundo Firmino e passou a

Digitalizado com CamScanner

lecionar a outras famílias da mesma localidade, foi morar... numa casinha simples, abaixo da de Ana (no sentido do rio), escura, sem portas nem janelas.

Era já no fim do mesmo ano ou começo do outro, 1938?

Mas logo se mudaram para a beira do rio, para melhor cuidar dos canteiros que plantara. O rancho, o que era? Umas árvores antigas, frondosas, na margem do rio, especialmente juazeiros e oiticicas, debaixo das quais construiu uma espécie de barraquinha de varas e palha para o quarto da família. E só. O resto era como dizia Zefa de Miguel: *"no meio do tempo"*.

E foi ali, no meio do tempo, que Miguel arranjou mesa e bancos para formar uma turma de alunos que precisava ser alfabetizada. E assim o fez. Um espetáculo e tanto.

Terminada a colheita do alho e da cebola, que naquele ano foi quase nula, Miguel consegue outra casa abandonada, depois da estrada real, em cima de um alto.

Do outro lado do rio moravam os abastados Moura Fé. Mestre Miguel estava numa situação de pobreza quase extrema. Não possuía cadeiras, mesas, mobília nenhuma, salvo as velhas redes, algumas remendadas. Os pratos eram de barro e quase todos se tinham quebrado. Sobraram uns pouquinhos de alumínio amassado. Faltavam colheres. Chico preparava pedaços de madeira em forma de colher (ou quase), valendo-se dos galhos de arbustos e pequenas árvores que existiam em volta da casa, e era com esses instrumentos rústicos, quase indígenas, que levavam o feijão com farinha para a boca. A carne e outros comestíveis eram fornecidos por um merceeiro bem distante, mantimentos que Chico e sua mãe iam buscar às

Digitalizado com CamScanner

costas (e somente o rigidamente indispensável) para um mês, quando Mestre Miguel trazia o minguado dinheiro.

Num dos raros dias em que Mestre Miguel se encontrava em casa, D. Zefinha e o filho receberam a surpreendente visita de seu Moura Fé, ricaço, dono de vazantes do outro lado do rio, mais roças, animais, gado, casa grande, onde D.Zefa costumava ir dormir com os três filhos.

Em dado momento, depois de inteirar-se da situação financeira do mestre Miguel, olhando de frente e ternamente para a magreza do menino, Moura Fé, em presença da mãe e do filho, fez uma proposta muito surpreendente:

– Mestre Miguel, me dê o menino para eu criar, garanto que será como um filho, como irmão de meus filhos.

E repetiu a proposta, naturalmente noutros termos, para D.Zefinha:

– Concorda, D. Zefa?

D. Zefinha, muito sabiamente, pois as mães conhecem os filhos mais do que a si mesmas, respondeu sem titubear:

– Se o menino quiser... – disse fraquinho.

Depois, já chorando falou mais forte:

– E só se for por pouco tempo, ouviu?

O menino permaneceu todo o tempo agarrado à mãe, e, confuso e hesitante, não quis.

•

Miguel continuava dentro de uma grande crise, tanto financeira quanto de desarmonia familiar, muitas vezes sem nenhuma proposta de trabalho.

Digitalizado com CamScanner

Nessa época, socorreu-se do pai, Sinhô do Diogo, humildemente, como se observará nesta cartinha curta e certa:

"Sussuapara, 5 de outubro de 1940.

Querido papai, e mamãe: abênção.

Ficai certos dos votos pelas vossas saúdes e prosperidades extensivos a todos os manos. Papai, por causa de tanto desmantelo que tem havido para mim, não me é possível dar escola aí este ano e nem mais em outra casa.

Por enquanto vou deixar a vida de mestre; continuarei mais tarde se puder me habilitar para ensinar direito. Haverá aí em Rodeador, na casa do Sr. Antônio Joaquim, uma escola de um professor habilitado, que eu tenciono aproveitar um pedaço dela; para isto peço-lhe um auxílio a meu favor pois bem sabe como sou necessitado; é somente para o meu futuro que quero entrar neste sacrifício. Eu me habilitando posso viver deste ramo; assim não, não vou mais ensinar.

Por aqui tudo em paz quanto à saúde, é verdade que a necessidade que já tenho sofrido foi como nunca; não peço esmola com vergonha, mas já tenho necessidade disto.

Eu viajarei quarta-feira, Deus sendo servido, com destino a Carnaíba.

Queira pois aceitar, com mamãe e os irmãos todos, os meus saudosos cortejos, e abençoe o filho obde. e amigo.

Guarani"

Depois, Mestre Miguel arranjou outra casa muito abaixo da de Ana de Xirrite (no sentido do rio, sempre à

Digitalizado com CamScanner

margem esquerda), já perto dos domínios de um comerciante muito conhecido como "Zé Avelino", de loja e bodega bem sortidas e muitas propriedades, onde se arranchavam os feirantes que vinham de cima, de Jenipapeiro, então... O lugar foi muito melhor para D. Zefa. Arranjara logo amigas e amigos na vizinhança, ficara longe de Ana, com quem criara animosidades, de vez em quando via gente de sua terra, feirantes de Jenipapeiro. Para passar uns tempos, veio para a casa sua sobrinha Jerusa, filha de Rosa, a quem dedicava um amor filial, talvez por ser sua afilhada de batismo.

Mas durou pouco.

Mestre Miguel agora inventou (era o termo usado por D. Zefinha) de ir morar no lugar Barra do Guaribas, perto de Bocaina, bem acima de onde estavam, do outro lado do rio, com a ilusão de que iria ter tempo para pescar – e ali era bom pra peixe – e melhor suprir a família de alimentos. Realmente foi nessa época que mais se comeu peixe na casa do mestre (desempregado). Porém a mudança não foi nada tranqüila.

Embora doendo, aqui, o autor vai se permitir transcrever uma carta de Miguel ao pai, Sinhô do Diogo, sobre o *"embróglio* familiar criado":

"Papai, abênção!

Tem esta o fim de participar-vos o meu estado: Regressei-me ontem, trazendo apenas uma parte da família. A mulher disse que para aqui não me acompanhava; ficou lá em Sussuapara na mesma casa onde estávamos morando; ficando com ela a criança pequena. Eu e os outros três meninos estamos aqui em "Barra das Guaribas", em uma casinha do João de Luizinho, a qual eu já tinha arranjado

Digitalizado com CamScanner

para passar uns tempos. Cheguei aqui ontem, às 3 horas da tarde e estou só com os meninos; estamos com saúde, isto é, Mariinha está doentinha de uma queda que deu ontem mesmo.

Aqui esperarei por alguém que fale por ela, pois só com a visita deles posso deixar este negócio resolvido; naturalmente eles têm de aparecer-me, pois todos os trapos de casa que existia estão comigo; eles, uma vez querendo separá-la de mim, procurarão algum objeto que for dela, como sejam: roupas, calçados, etc.

Papai, ontem fiquei ciente do que ainda não sabia; reuniu na hora de minha saída algumas pessoas lá, mas nem uma sequer disse a ela que me acompanhasse; vi que todos são a favor dela, de forma que, se com falsos e enredos arranjar alguma cousa, sei que ela sairá vitoriosa; mas poderão até sujeitarem-me com intermédio da autoridade que me botem na cadeia e do contrário, não. Caso ela resolva a vir, estou pronto a recebê-la, com a condição de entrar comigo de ora em diante até no inferno se for preciso; isto direi a ela e a qualquer pessoa que comigo se intervir a este respeito. Se o senhor achar que deve levar logo ao conhecimento do povo dela este desacato, peço-vos avisar para eles.

Quando estiver tudo resolvido, sendo que nós fiquemos debandados, então aparecerei aí; tomarei a resolução mais conveniente de acordo com o Senhor. Peço também fazer hoje mesmo ciente a todos os meus irmãos e cunhados a minha infelicidade, e a eles como ao senhor e a mamãe que roguem a Deus por este irmão e sobrinhos tão infelizes. Diga-me também alguma cousa por carta, ou mesmo por recado; de qualquer forma por este portador.

Sem mais, lembranças aos irmãos, genros, todos, e abracem e abençoem o filho amigo e criado.

Miguel Borges de Moura."

"Barra das Guaribas, 25 de novembro de 1940.

Digitalizado com CamScanner

A carta trazia um adendo:

P. S. Junto a esta, em mão do portador, retalhozinhos de fazenda que mando pedir a Maria para ajeitar um vestido para Terezinha que está quase despida; enviar o mais breve que puder; como também mandar por este portador uma roupa que eu tenho aí na casa de Doninha.

O mesmo.

•

Digitalizado com CamScanner

Miguel dá aula.

Digitalizado com CamScanner

Miguel nas Aroeiras

Houve intervenção das duas famílias, de forma que a separação, se muito durou, foi um mês ou dois. Mas não há documento nem memória do tempo, razão por que o autor pula logo para o momento seguinte, quase um ano depois.

•

Finalmente Miguel Guarani consegue um emprego fixo, já prometido pelo prefeito de Picos, Adalberto de Moura Santos (Bertinho), filho do Cel. Francisco de Sousa Santos. E, assim, transporta-se com a família para Aroeiras, na ribeira do Itaim.

Não chega a ser uma virada na sua vida, ali passou pouco tempo, cerca de um ano. Mas outras coisas aconteceram: boas amizades com agricultores do arroz e da cana, nas Baixas e no Angico Branco (dos Macedo), locais que ficavam próximos das Aroeiras. Um senhor de nome Izídio Tibúrcio da Silva, analfabeto, mas chefe da

Digitalizado com CamScanner

região e amigo do prefeito de Picos, arranjou uma escola para perto de sua moradia. Como escola pública não podia localizar-se em prédio particular, casa de família, por exemplo, fez construir um edifício em frente a sua residência, onde Miguel passou a lecionar, deixando para trás aquele lugar inóspito que era as Aroeiras, naquela época. O mestre Miguel, entretanto, morava no Angico Branco, uma distância que bem podia ser vencida a pé, e ele a fazia com os filhos, conduzindo-os para sua escola.

Período mais ou menos estável.

Os documentos a que se reportará o autor desta biografia do velho mestre Miguel Guarani são principalmente as suas cartas, salvas pelo irmão Antônio Borges de Moura (Toinho de Sinhô).

Ainda com referência ao período do começo dos anos 1940, que muito mostra a inquietude de Miguel, sua mania de mudar-se constantemente de casa e de lugar de habitação, veja-se outra missiva:

"Papai, abênção

Acabo de receber do Prefeito oferta de um emprego de professor público no povoado Aroeiras, da ribeira do Itaim, dizendo ele que eu não podia exercer emprego público devido não ter ainda caderneta militar, mas que eu, interessando, arranjasse uma minha irmã para ir fazendo as assinaturas necessárias enquanto requeria a caderneta que não poderei obter sem demora de uns dois meses mais ou menos. Ele exige a decisão urgente, pois o lugar está vago e necessita de um professor tomar posse breve. Eu, nada pude decidir, porque tomei a resolução de nada fazer sem vossa aprovação, e mesmo depende também do arranjo da menina para morar comigo esses tempos, mas fiquei de combinar com o Snr. e mandar a decisão até Sábado próximo.

Digitalizado com CamScanner

Portanto, peço que me responda com brevidade dizendo-me se devo ou não aceitar. Eu temo assumir este encargo somente por ser em terras estranhas, mas devido ao meu estado de pobreza necessito de ganhar e poderei sujeitar-me caso seja do acordo de papai, e demais sou forçado a me retirar daqui este ano. Bem sabes que o Curral Novo é para mim um cárcere de sofrimentos e só para onde posso imaginar de ir. O ordenado do professor lá é somente de 100$, por mês, mas o Prefeito me garante os doze meses do ano, tendo três meses de férias a meu favor. Dizem-me também que o lugar é de clima palúdico, o que muito receio também.

Assim, apelo para sua opinião para poder responder ao Prefeito, peço responder esta com a maior brevidade.

Sem mais nada a dizer, por aqui tudo em paz. Recomendações a todos da família e aqui sempre às vossas ordens.

O filho obde. e amo.

Miguel Guarani.

Ema, 6 de agosto de 1941."

Embora não seja propósito deste trabalho seqüenciar os fatos ou acontecimentos que mereçam ser registrados, logo a seguir transcreve-se outra carta desse período turbulento, na qual Miguel conta ao pai como vai a sua vida.

Era a necessidade de ter com quem se comunicar e pedir conselhos, apoio.

Está ainda no drama de ter que trazer a irmã, Adélia, para assinar os papéis da escola, pois não havia recebido o seu certificado de alistamento militar. A carta, como vemos, é feita em trânsito, datada de Picos, onde o Guarani

Digitalizado com CamScanner

descobrira uns parentes e, portanto, tinha rancho sem dificuldade: D. Vitória, sua prima, casada com seu João Ferreira.

De lá escreve:

"Picos 1º de dezembro de 1941

Papai:

Entreguei há pouco o serviço escolar relativo ao mês de Novembro, já Adélia assinou a folha de pagamento e eu estou despachando eles, ficando ainda agüentando a massada para receber o dinheiro. Papai, Aroeiras está em revolução... Pessoas de minha intimidade. Estou receoso que não me compliquem também no caso, pois é questão com o agente ao qual tenho auxiliado no serviço de extração de talões de imposto, e um contribuinte está em questão com ele. Diz o Prefeito que não tenho nada com isto, mas eu já tenho medo de inconsciência.

No dia 8 deste estarei em Bocaina e irei desta viagem até Jenipapeiro, quando conversaremos tudo mais. Adélia fica também em "Bocaina" e irá daí para lá comigo. Sem tempo para mais, lembranças extensivas a todos e disponha do filho obediente e amigo

Miguel Borges de Moura".

Possivelmente a carta anterior foi feita e enviada da casa de Ana de Xirrite. Entende-se que o Mestre Miguel ainda estava com os filhos em Bocaina (Barra do Guaribas), onde teria arranjado uma pessoa para cuidar deles. Já a acima, datada de Picos, deve ter sido escrita na casa de Vitória, sua prima.

Digitalizado com CamScanner

Em Aroeiras, no dia 20 de fevereiro de 1942, nascia Helena Josefa de Sousa. É dessa época uma das cartas que despertaram grande interesse do biógrafo, porque ainda dentro do período mais turbulento da vida da família de Miguel Guarani, lida com dificuldade por estar o papel bastante velho e com falhas.

"Aroeiras, 18 de abril de 1942

Prezado Pai – abênção.

Desejo-vos boa saúde e muita prosperidade junto a todos de nossa família.

Nós aqui continuamos entre bem e mal de saúde; Zefa esteve bastante doente incômodos relativos ao sexo, dizem ser proveniente de extravagância depois do resguardo, não sei se será originado por tal, sim que com isto tenho gastado extraordinariamente, ficando bastante endividado.

Eu, Adélia e os três meninos estamos com saúde; a criança pequena também está bastante doente.

O mais: aqui surgiu agora outra desinteligência entre uma família, parecendo que terminaram em completo desacato, e tudo isto deixando-me ver alguma desvantagem. (Eles) eram vizinhos e a bem dizer os donos do lugar. Foi o Alfredo com um irmão e cunhada, os quais eram sócios.

Recebemos a encomenda de Adélia, a cartinha que acompanhava.

O inverno por último deu aqui também regular, e agora tornou chover novamente melhorando a situação das lavouras, sim que estas chuvas desviaram sempre da roça de seu Izídio: chovia mais em cima, mais embaixo e lá apenas uma chuvinha fina; o arroz considera-se como perdido. Izídio envia lembranças.

Digitalizado com CamScanner

Termino enviando lembranças extensivas a todos, e disponha sempre do filho obde. e amo.

Miguel."[1]

As referências ao Sr. Izídio Tibúrcio da Silva, das Baixas, bem próximo ao Angico Branco, para onde fora transferida, depois, a escola pública de Aroeiras (ou talvez o prefeito tenha criado outra nas Baixas/Angico Branco), confirmam a informação contida no início deste capítulo sobre o assunto.

Verifica-se que, nas cartas ao pai, Miguel coloca-se à disposição para algum favor de que ele esteja precisando. Não era apenas cortesia ou maneira de desculpar-se pelos seus pedidos, não.

O documento que passamos a transcrever prova isto:

"Papai:

Conversei com o João Vicente e ele disse-me que ia procurar colocar a carga, não podendo, porém, dar hoje uma firmativa certa.

Disse ele que, se fosse uma carga completa poderia pedir por telegrama um carro em Terezina diretamente a este fim, mas sendo só 2000 kilos não podia fazer assim por caso de ser responsável por o resto da carga; assim, o recurso era estes carros que estão rodando na estrada, mas que papai trouxesse toda a carga na sexta-feira que ele prometia facilitar o possível ou mesmo poderia fazer qualquer negócio no feijão; dizendo ele que chegaria agora mesmo de Teresina deixando 1000 kilos de feijão encostado; contando muita moleza

---

(1) Tudo indica que foi escrita muito apressadamente.

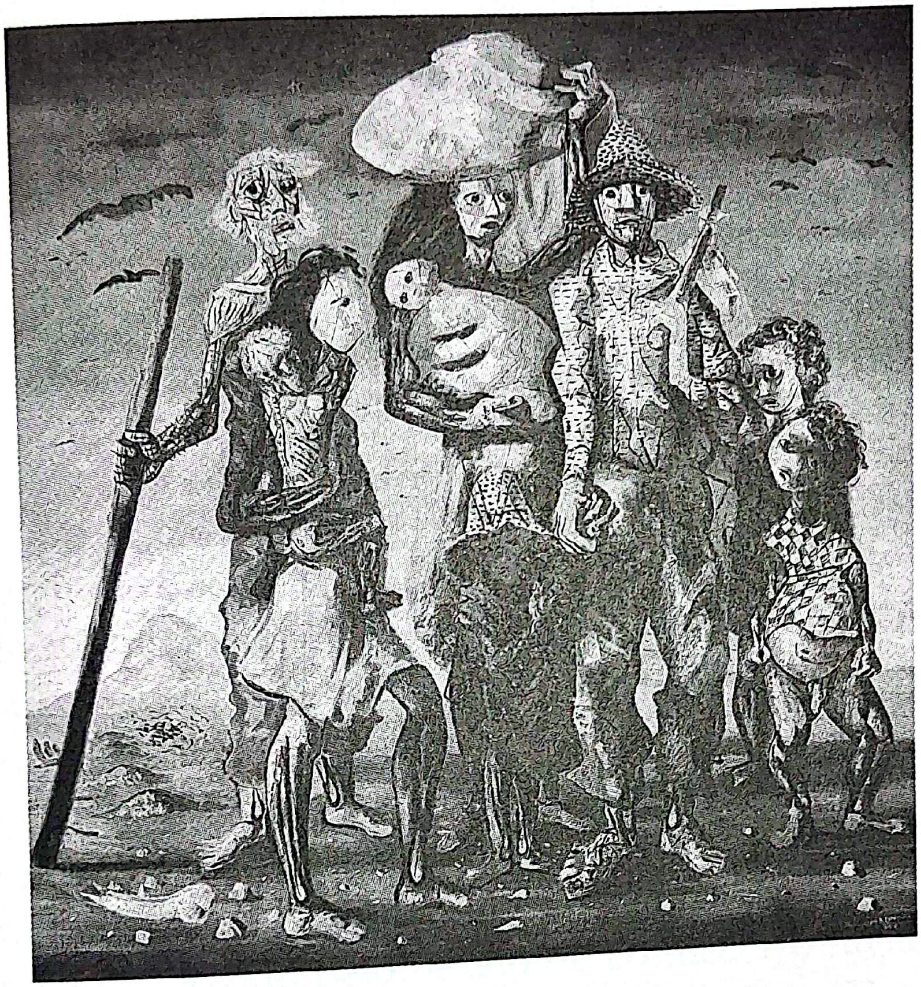
Digitalizado com CamScanner

no comércio e dificuldade no trânsito dos carros. Ele viaja hoje à tarde para o Joazeiro mas na sexta-feira já está aqui. Carta na agência não encontrei. No sabado vindouro estarei aqui em Picos na certeza quando conversaremos mais. Abençoe o filho obde e amigo

Miguel Guarani

Picos, 13 de dezembro de 1941."

Digitalizado com CamScanner



"Retirantes" de Portinari.

Digitalizado com CamScanner

Angico Branco

Por volta de 1943, o mestre Miguel passou a morar no lugar Angico Branco, que ficava perto do Sr. Izídio Tibúrcio da Silva, referido no capítulo anterior, proprietário nas Baixas, onde plantava muito arroz, milho, feijão e algodão.

Foi nessa época que a família do mestre Miguel teve a alegria de receber Sinhô do Diogo e alguns irmãos e irmãs de Miguel, que vieram com ele. Um passeio longo e inusitado, movido pelo desejo de conhecer o lugar onde morava o filho, do qual este contava maravilhas. E o velho mestre, bem ambientado, apresentou-os aos seus amigos e donos do lugar – principalmente ao seu Izídio Tibúrcio da Silva e aos Macedo ou "Panta" como eram conhecidos popularmente.

Filho e nora do velho Zuca Macedo ("Panta"), este casado com Maria José (Vevéia) e maiores proprietários de Angico Branco – Nezinho e Selvina, sua mulher, eram compadres de Miguel, pois receberam José como afilhado.

Tempos de paz e de fartura.

Digitalizado com CamScanner

Todos estavam felizes, gozavam relativa paz, mesmo D. Zefinha, que, de vez em quando, apresentava sintomas de uma doença que a faria sofrer muito no fim da vida. Tinha visões aterradoras, ora constantes, ora fugitivas; outras lhe apareciam batendo na janela, na porta, quando Miguel não estava (e isto era quase sempre, pois ele saía sem dizer nada e voltava altas horas da noite). Eram os resquícios do ciúme brabo provocado por uma aluna dele, no tempo de Aroeiras. Eram os males não curados do resguardo de Helena, completados com o evento da última gravidez e parto. Passou a sofrer mais ainda dos nervos.

Ou era apenas medo, depressão?

As visitas acharam tudo normal, a vizinhança, os donos da propriedade, já bastante idosos, os filhos e netos deles. Miguel era uma espécie de agregado ilustre, sem nenhuma obrigação, inclusive tinha moradia de graça perto de um engenho de cana-de-açúcar, com moagens muito animadas, mais ou menos pelos meses de junho/julho/agosto, e de frente para um açude onde se lavava roupa e a criançada tomava banho e brincava.

No Angico Branco a família teve uma vida mais tranqüila, embora tenha mudado de casa. Acima o autor fala da segunda casa. Na primeira, foi por pouco tempo, ficava no baixão mais acima, onde não havia cana nem moagem e a água era difícil, de cacimba, salgada. Um sítio bastante ermo, razão que levou o mestre a mudar-se.

Um fato de grande importância aconteceu perto do nascimento de José e nos primeiros dias de sua vida, portanto fala-se agora de um período que permeia os últimos dias de residência na primeira casa e os primeiros da segunda, no Angico Branco.

Digitalizado com CamScanner

Tempo de férias escolares, quando Mestre Miguel arrumou outra viagem para Jenipapeiro, onde iria ganhar uns trocados a mais, com suas aulas particulares em casas de família. Essa viagem foi uma odisséia. Não sabe o autor como contá-la. Só apelando para o auxílio da memória de suas irmãs ainda vivas, Mariinha e Helena, que tiveram a sorte de conviver mais tempo com a mãe, D. Zefinha. Com o pai, a convivência era difícil. Ele só vivia viajando e quando vinha para casa apenas dormia, era muito andejo, ficava de casa em casa, conversando ou jogando baralho. Miguel não era nem um pouco comunicativo com a família. Introspectivo sempre, na sociedade mudava para melhor, principalmente se estava em lugar que o reconheciam como pessoa inteligente e prestativa, e ainda mais se o elogiassem. Dizer isto não é exagerar, é não falsear uma história de vida, uma biografia-verdade. Naquele tempo o meio de transporte, – já se sabe – era nos próprios pés ou montado em lombo de animal.

Não se sabe se comprado ou alugado, Mestre Miguel arranjou um jumento – burro é muito arisco, brabo, não servia para a empreitada; D. Zefinha, com a barrigona já no mês de "descansar" (ter criança, parir). Miguel tocava a carga, ora com Helena nos braços, ora colocando-a nos braços do mais velho, Chico – encarapitado no meio da carga. O jegue, a passo cada vez mais lento, ia arreado de cangalha e jacás, os quais conduziam de um lado e do outro Teresa e Mariinha. Claro que nessas vasilhas iam também alguns *molambos* de roupas e redes, como dizia D. Zefinha, além dos mantimentos, que deviam ser bastante reduzidos.

Assim tocaram a viagem. Estava começando o inverno.

Digitalizado com CamScanner

Foi suficiente um dia de caminhada para que D. Zefinha sentisse as dores do parto, em tempo de dar a luz "no meio da estrada". Bateram à porta da primeira casa que avistaram. Era no lugar "Capitão de Campo", já perto do rio Guaribas, que estava cheio: não dava passagem nem tinha embarcação confiável. A intenção de D. Zefinha era ir para a casa de umas primas que moravam do outro lado do rio – Rosinha e Maria Jacinta, casadas com uns senhores da família Serafim: a primeira, pobre e com muitos filhos; a segunda, rica e sem nenhum rebento.

Ficar na casa de Maria Colete, uma família negra (embora que apenas na cor), era mais que um incômodo. O quarto que lhe arrumaram era sujo, escuro e infestado de insetos. Um abrigo necessário mas desconfortável. O resto da família que dormisse na sala, no alpendre, no corredorzinho... Mestre Miguel só esperou que passasse a chuva e a mulher desse à luz a criança. No dia seguinte, deu alguma direção das coisas à Zefa e ao filho mais velho e não quis mais saber de conversa: prosseguiu viagem.

Assim D. Zefinha deu à luz a José. Era uma casa de tijolos em parte, o restante de taipa e telhas, que abrigava já bastante gente: rapazes e moças, os filhos de Maria Colete e seu marido cego. Quando Helena chorava, sem ter ninguém que a acalentasse, o velho dizia:

– Ai, meu Deus, o choro dessa menina me mata!

Miguel deixa um dinheirinho minguado, com a promessa de que de lá viria mais. Como? A comunicação, naquele tempo, era muito difícil. As cartas de D. Zefinha a Miguel Guarani seriam ditadas por ela ao filho, Chico, que já aprendera a soletrar os nomes e desenhá-los no papel. No sábado, dia da feira de Picos, Chico vai com os

Digitalizado com CamScanner

feirantes, procura pessoas de Jenipapeiro para levá-las a Miguel. Imagine-se que estilo, que primor de cartas! Mas bem que o autor gostaria de ter encontrado uma delas. Ou um fragmento. Ou, pelo menos, uma das respostas de Miguel. Não sobrou nada para contar a história.

Os poucos mantimentos – feijão e farinha, arroz e carne, querosene e sabão – com grande dificuldade eram comprados num armazém distante, e, depois de subir e descer morro, atravessando riachos, conduzidos por Chico e Teresa, até a casa de D. Maria Colete.

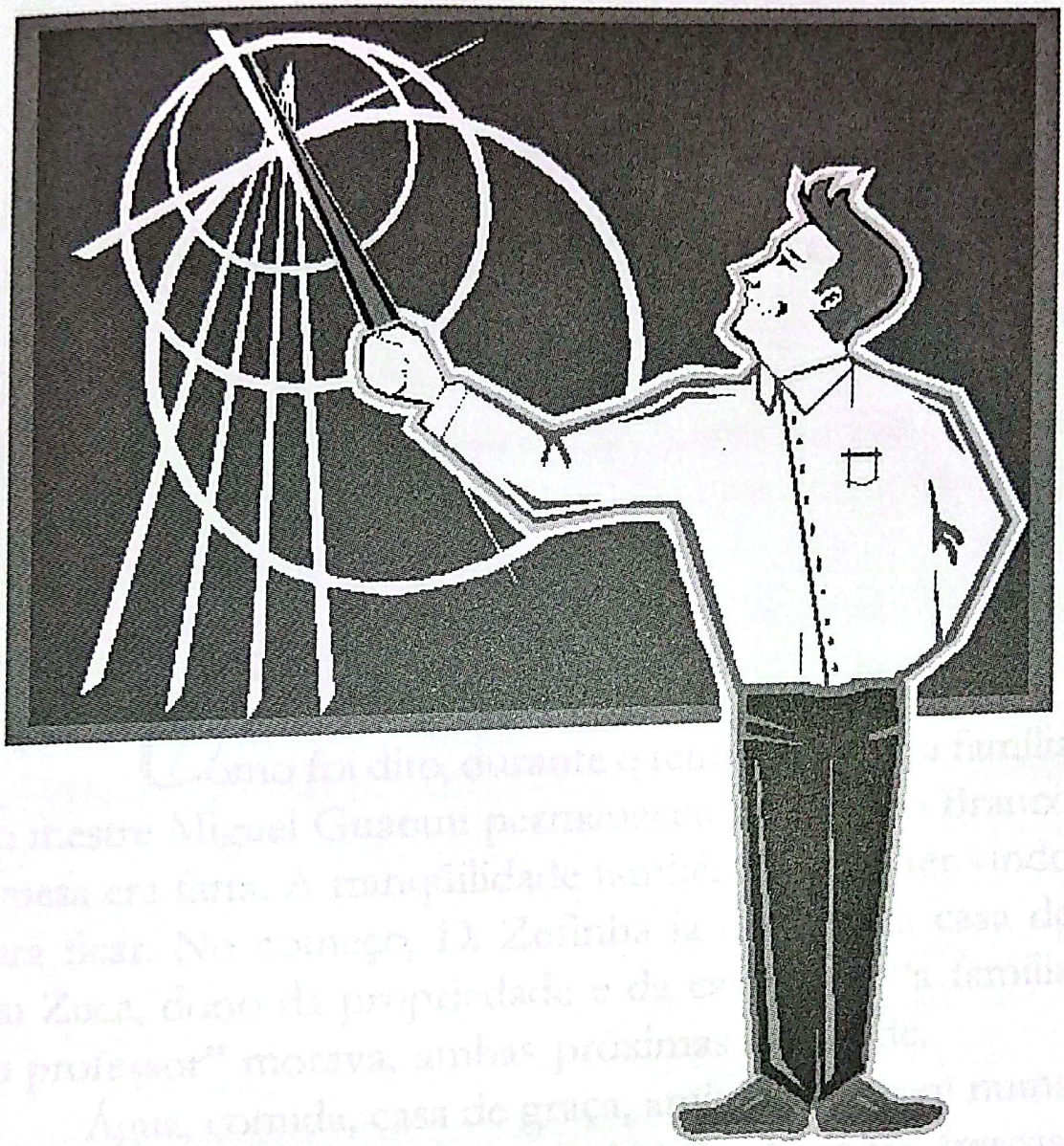
Foram cerca de 15 a 20 dias. O tempo era longo. Inesperadamente chegou Rosinha, prima de Zefa de Chico Ana, acompanhada de dois filhos que conduziam os animais arreados – o rio já havia baixado – e levaram-nos a todos para sua casa, onde a pobreza era grande, mas o coração sempre aberto facilitava a convivência.

Os meninos gostaram, D. Zefa também. Mestre Miguel desiste de suas aulas de férias em Jenipapeiro, chega logo e tocam-se para o Angico Branco, de onde não deviam ter saído.

Assim, aos trancos e barrancos, a vida continuava.

•

Digitalizado com CamScanner



Professor de Miguel Guarani.

Digitalizado com CamScanner

A Educação do Mestre

Como foi dito, durante o tempo em que a família do mestre Miguel Guarani permaneceu no Angico Branco a mesa era farta. A tranqüilidade também parecia ter vindo para ficar. No começo, D. Zefinha ia dormir na casa de seu Zuca, dono da propriedade e da casa onde "a família do professor" morava, ambas próximas do açude.

Água, comida, casa de graça, amigos. Ficavam numa aba do morro que formava um baixão de roças frescas, plantadas geralmente de cana-de-açúcar, mangueiras, bananeiras, goiabeiras, pés de ata, outras árvores frutíferas. Fabricavam rapaduras que eram vendidas na feira de Picos.

O inverno foi tão bom que até o mestre Miguel plantou cana num pedaço de terra cedido pelo proprietário. No futuro também teria pelo menos um dia de moagem, e a criançada muita cana para chupar.

Em julho, mês de férias da escola, mestre Miguel geralmente ia para Jenipapeiro, onde ganhava mais uns trocados, lecionando o mês todo em alguma casa de família que o contratasse. O autor desta biografia, à época menino

Digitalizado com CamScanner

de 8 ou 9 anos, curtia a moagem, que começava de madrugada. A vadiagem era grande. De noite, ia brincar na "bagaceira", junto com os meninos de seu tope.

Para retratar os princípios morais do mestre Miguel e D. Zefa e mostrar como educavam os filhos, pois nunca foram pais distantes, embora aquele viajasse constantemente, transcreve-se aqui um fato ilustrativo, retirado do livro inédito de Francisco Miguel de Moura, **O Menino *quase* Perdido**, crônica que denominou de "História do Cutelo":

•

"Pertenço àquela classe de pensadores que parte da existência para explicar a essência. Sou, portanto, um existencialista confesso. Não tenho nenhuma evidência de que os essencialistas estejam mais próximos da verdade. E isto digo sem desprezar a parte que nos vem na herança dos nossos pais, colocando-a dentro de sua real importância. Ao que parece, instintivamente Miguel e Zefa eram dessa filosofia: "Filho só puxa ao pai se este for ladrão".

Somos o animal mais plástico, mais moldável da natureza, especialmente nos primeiros anos de vida, na nossa infância. Por isto é que crescemos em todos os sentidos. Credite-se o progresso humano a esse poder de adaptação. O homem não apenas nasce, o homem se faz. Portanto, não quero crer que o caráter, as qualidades morais sejam transmissíveis por herança. Seria voltar às teorias ultrapassadas de Cesare Lombroso (1835-1909), do criminoso nato.

Essas discussões filosóficas fazem-me lembrar de minha vida de criança, porque fui também um "menino de engenho" como José Lins do Rego. Ou seja, durante algum tempo vivi à sombra de um engenho de cana, no lugar Angico Branco dos Macedo, no município de Picos, onde meu pai era professor público municipal. Durante alguns meses do ano havia moagem. Normalmente começava em

Digitalizado com CamScanner

junho. Maio ou junho. Era bom acordar madrugadinha com a zoada da moenda. Na minha inquietude de menino, mas também acossado pelo frio, levantava. O lençol era pequeno para o corpo que crescia a cada ano, e quase sempre velho e rasgado, e o vento resfriado da madruga furava as paredes finas da rede e entrava-me costela a dentro. Ia quebrar o jejum com uma cuia de garapa do bangüê. Depois, brincando, tocava os bois na roda do engenho até o amanhecer do dia, revezando com os demais moleques.

Aí voltava para casa, ia tomar o café preto com farinha, que D. Zefa preparava com determinação e paciência.

As brincadeiras no pátio do bagaço – "a bagaceira" – eram bastante animadas. Lá era fresquinho à noite, os meninos rolavam no chão e não se sujavam tanto. Brincavam de "esconde-esconde", "boca de forno-forno" ou de outras mais suaves como a do anel, quando apareciam algumas meninas. Ou, simplesmente, ficavam deitados, olhando a lua e as estrelas, contando histórias.

Numa "boca de noite" dessas pulei de alegria. Por acaso passava na bagaceira, sozinho, e vi, no meio do bagaço, uma pequena faca metida numa bainha de couro seminova, e a atraquei na cintura.

Hoje é como estivesse ouvindo minha mãe dizer:

– Chico, você não tem faca! Quem te deu essa?

– Eu achei na bagaceira.

– Que conversa feia, menino! Miguel, obrigue o menino a dizer quem deu ou onde achou.

Meu pai me inquiriu com o olhar duro:

– Onde você encontrou o cutelo, menino?

– Na bagaceira.

– Alguém perdeu lá. Bagaceira não pare cutelo. Vá botar já, agora, no lugar que você o encontrou.

Saí correndo. Não havia outro meio. Era ir colocá-lo no mesmo lugar onde encontrara. E de fato o coloquei.

Digitalizado com CamScanner

Resta dizer que o cutelo seria muito importante para mim, pois costumava chupar cana todo dia. E para chupá-la precisava descascar ou então pedir a alguém que o fizesse. O cutelo resolveria o problema. Foi uma alegria enorme, quando o encontrei. Da mesma forma, tive uma tristeza sem nome quando simplesmente tive que ir devolvê-lo à mesma bagaceira de onde eu retirara. Para quê? O dono jamais iria achá-lo. Mas, o velho mandou... E não deixava por menos.

Mentir, eu não sabia nem podia. Como esconder alguma coisa, na casa de Mestre Miguel e D. Zefinha, que não fosse encontrada?

Minha mãe tinha suas normas: Não se vai a festa sem que tenha sido convidado. Se for convidado na véspera, não vale. Ninguém come na casa dos outros, mesmo que seja parente. Verdade que a gente comia na casa de tia Rosa, algumas vezes, mas só quando éramos convidados e em ocasiões importantes: Semana Santa, Natal, na festa do Imaculado Coração de Maria, padroeira do povoado (quando em Jenipapeiro). Fora desses dias, não. Nem deve ficar espiando as outras pessoas comerem, outra regra de D. Zefinha.

– Nós somos pobres, mas porque Deus quer assim. Melhor é não querer aquilo que Deus não quis.

Com tal filosofia moral, eu tinha que ter o caráter que tenho, a moral que tenho. Detesto mentira, furto, roubo, injustiça, ingratidão. Enfim, a verdade cabe em qualquer lugar. Quem me mentir uma vez, nunca mais lhe credito nenhuma verdade. Aquele que mente – furta, rouba, mata, faz o diabo.

Se metade dos nossos políticos tivesse recebido tal educação, o país hoje estaria muito melhor. Não haveria, com certeza, tanta corrupção, tanto descalabro, tanta falta de vergonha.

Há, no mundo, coisa melhor que ter sempre a consciência tranqüila?"

•

Digitalizado com CamScanner

No Angico Branco, mestre Miguel fazia também sua costumeira plantação de roças. Aquela de sempre: feijão, milho, melancia e abóbora. Dava para sustentar a família fartamente alguns meses. Quando chegava o tempo da moagem, quase sempre Guarani desaparecia do engenho. Mas teve um ano em que falhou, não foi para Jenipapeiro, ficou, e aprendeu bem como se fazia a garapa, apurava o mel, fazia alfenins e batidas, e o essencial que era a rapadura.

Era muita cana na safra daquele ano. Os planejadores da moagem erraram no cálculo da lenha necessária, que era sempre preparada com antecedência, faltou combustível para a fornalha. Alguns trabalhadores foram, com urgência, designados para cortar lenha no mato. Mestre Miguel se ofereceu para ir com eles para a chapada. A lenha que ele cortou não era pouca e teve que ser toda carregada pelo filho, Francisco. Lá vai o menino arranhar-se com a madeira cheia de nós e cascas, dos braços para os cambitos, dos cambitos para perto da fornalha. Explique-se: cambitos eram acessórios próprios para tal serviço, colocados nos cabeçotes da cangalha para receber a lenha. Depois, num sol abrasador, morrendo de sede, tocar os animais do engenho para a chapada, desta para o engenho.

Mas como tudo tem um fim, foi um alívio terminar a carregação de lenha, já então suficiente para o término da moagem.

Na verdade, não importava muito o trabalho, o que mais castigava os meninos era o tempo consumido, roubado às brincadeiras. O fato é que a meninada nesse tempo ficava mais gordinha, mais suja de garapa e mel, porém mais alegre, mais viva, mais brincalhona. Por isso, todo ano, a moagem era esperada com ansiedade.

Digitalizado com CamScanner

A festa da moagem continuaria noutra: a "desmancha" ou farinhada, cujas roças de mandioca e fábrica (aviamento) ficavam distante dali, já no começo das Baixas.

Digitalizado com CamScanner

Aspecto de uma dança nas Carnaíbas.

Digitalizado com CamScanner

Carnaíbas / Curral Novo

Ano de 1944, talvez.

Hospedava-se na casa de mestre Miguel, no Angico Branco, o estudante de nome Manoel Holanda, filho do Sr. Nelson de Holanda, do lugar Carnaíbas, distando dali umas duas a três léguas. Para chegar onde moravam seus pais, atravessavam-se baixas secas, chapadas arenosas e tabuleiros íngremes. Caminho que somente a pé seria possível fazer.

Manoel viera estudar na escola do mestre Miguel, talvez por um ano.

Foi outra amizade que o Miguel Guarani arranjou, por aquele tempo: Nelson de Holanda. Era considerado um grande proprietário, criava gado vacum, cavalar e outros, fazia lavouras de cereais, mas o seu forte era o plantio de algodão. Na época da colheita havia festas em sua casa, principalmente no encerramento, com baile à noite. Vinha gente de muitos lugares, até de Picos, principalmente rapazes e moças.

Digitalizado com CamScanner

Como falou-se no início desta biografia, Miguel gostava de dançar desde rapaz, e ia a estas festas, às quais era sempre convidado. Para imitar os demais, fumava e bebia apenas socialmente, pois nunca teve nenhum vício.

Nelson de Holanda tinha uma família composta de mulher, três filhas (Maria, Alaíde e Arabela) e dois filhos (Manoel e Valdemar). Esses rapazes e moças precisavam estudar, não apenas Manoel de Holanda, o mais novo. Também era necessário deixar de incomodar o mestre Miguel no Angico Branco.

Uma vez sugerido e aceito, o professor transferiu sua família para "Carnaíbas", embora lecionando no Angico Branco, com estadia garantida na casa de Izídio Tibúrcio da Silva, ou dos compadres Nezinho/Selvina, ou em outra dos "Panta". Nos fins de semana vinha para Carnaíbas. A família ocupou uma casa de alguém do Sr. Nelson de Holanda, que estava desocupada no momento, mas um tanto ou quanto afastada do centro das Carnaíbas – a casa grande de seu Nelson de Holanda e arredores.

Justamente nesses fins-de-semana Miguel ministrava lições aos filhos de Nelson de Holanda.

De lá, Miguel ia muitas vezes a Jenipapeiro. Talvez por influência de seu Nelson de Holanda, que possuía boas montarias, para lá levou um lindo cavalo branco de Sinhô do Diogo. Dizia: "para facilitar essas viagens e não ter que solicitar animais a um e a outro".

Carnaíbas, detrás da Serra da Atalaia, já bem perto da ponta oeste da montanha, de onde se observavam figuras interessantes por formação geológica entre suas rochas, era uma baixada onde havia brejo e olho d'água, cuja linfa era encantadora, tinha um azul cor-de-céu, a cor dos olhos de Miguel.

Digitalizado com CamScanner

Na redondeza havia outros proprietários menores e muitos parentes do Sr. Nelson de Holanda.

Carnaíbas era gostosa, festiva, bom clima, boas e bonitas pessoas. Mas essa temporada não durou. Talvez um ano, se muito.

•

Mais perto de Picos, de lá é que foi arranjada a transferência de Miguel Guarani para o povoado Santo Antônio (Rodeador). Para lá deveria transportar-se, diretamente, com a família. Mas mestre Miguel não o fez. Também não se sabe por qual motivo, a contragosto seu, Miguel leva os seus para o Curral Novo, onde passariam os 3 meses de férias escolares. Só depois é que desceram para Santo Antônio.

A casa que Miguel construíra, e que abandonara quando se mandou para a Ema, permanecia ainda de pé, mas em estado deplorável. Sem condição de ser habitada.

Durante essa pequena estada no Curral Novo – desta vez na casa grande de Rosa de Toinho Arsênio (a famosa "tia Rosa" das crianças, irmã de D. Zefinha), cuja família toda acabava de mudar-se para o povoado Jenipapeiro definitivamente – foi aonde e quando apareceram uns cantadores que apalavraram e fizeram cantorias pela redondeza.

Tudo foi muito breve.

Época de chuvas, havia feijão verde, melancia e maxixe para comer à vontade. Mas o Curral Novo se despovoava a olhos vistos, era praticamente um cemitério. O biógrafo só lembra de uma vizinha à casa da tia Rosa, de apelido D. Carmosa, que talvez tivesse o nome de

Digitalizado com CamScanner

Maria do Carmo. Para mais distante havia outros: Joaquim Quaresma, Izac Pereira...

Mas aí já se chegava às proximidades do Diogo.

•

Digitalizado com CamScanner

Colégio "Miguel Borges de Moura" em Santo Antônio.

Digitalizado com CamScanner

Santo Antônio (Rodeador)

A mudança para Santo Antônio foi no fim do inverno, mas não é possível precisar em que ano se deu. Talvez tenha acontecido ainda no meado da década de 1940, possivelmente em 1946.

Lendo-se um pequeno trecho da "História de Santo Antônio de Lisboa"[1], a seguir transcrito, fica-se mais confuso:

"Até os anos 50 não existiam escolas públicas no povoado. As famílias de maior poder aquisitivo costumavam contratar professores particulares para ensinarem as primeiras letras aos seus filhos e convidavam os vizinhos a fazer parte da escola. Quando as crianças aprendiam a ler, escrever e fazer as quatro operações aritméticas estava encerrado o curso.

O mestre Miguel Borges de Moura foi um desses professores. Era muito inteligente, aplicado e dedicado, e por isso requisitado por

---

[1] Retirado do site www.sal.pi.gov.br, recentemente feito por ordem do prefeito da cidade, de responsabilidade do sr. Nilvon Batista.

Digitalizado com CamScanner

todos. Com a construção da primeira escola pública, ele passou a integrar o quadro de professores da escola "Antônio Serafim", que ficava no local onde hoje é o Núcleo Municipal de Educação vereador Francisco das Chagas Rodrigues."

Com a chegada a Santo Antônio, praticamente estava encerrada a diáspora da família de Miguel Guarani. Houve adaptações na vida do casal Miguel e Zefa, é claro. Para os meninos, que já eram crescidos, foi um deslumbramento. Tudo novo, lugar e gente. Logo se acostumaram.

Chico passou a lecionar as primeiras letras, como fizera Miguel antes, em casas de família, desde Bocaina a Jenipapeiro, nas comunidades mais pobres. Por quê? Porque o custo era menor. O ganho era todo entregue ao pai, para ajudar no sustento da família.

Nesse tempo nasceu a última criança do casal e morreu com poucos dias de nascida, por isto foi batizada em casa com o nome de Maria das Graças.

Os anos foram passando bem em Santo Antônio. Lá apareceu o cantador Antônio Pereira Costa, inteligente e divertido, e começou a fazer cantorias com o mestre Miguel, que o convidou para ficar hospedado em sua residência, visto que Santo Antônio (ainda era povoado, crescia muito em habitantes e economicamente) não possuía nenhum hotel. Essa convivência gerou uma grande amizade, que só foi um pouco abalada quando Antônio Pereira Costa enamorou-se de Teresinha, filha do mestre Miguel. Este e a mãe, D. Zefa, não concordaram. E ele terminou se afastando e viajando para outros lugares. Assim, sua presença diminuiu, mas nunca deixou de visitar Santo Antônio.

Digitalizado com CamScanner

A amizade com o mestre Miguel foi reatada tão logo Antônio desistiu de Teresinha. Porém ele teve que se distanciar da casa do mestre Guarani. O fato é que Antônio Pereira Costa viveu muitos anos em Santo Antônio de Lisboa, tornando-se ali personalidade importante, conforme atesta a **História...** acima mencionada, pelo cultivo de suas amizades, pelas boas cantorias que realizava, inclusive sambas e modinhas, tudo criado por ele mesmo.

•

O Diogo situava-se a meio caminho entre Jenipapeiro e Santo Antônio (Rodeador) como parada obrigatória. Mas parecia até que a família de mestre Miguel se esquecera de sua terra natal. Pouco freqüentava Jenipapeiro. Era como se tivesse tido origem ali mesmo, tão adaptada estava ao meio e a seus costumes, sua gente. Muitos amigos, os filhos bem ambientados.

Mas temporariamente Miguel ainda fora morar em Jenipapeiro, no povoado, passados uns bons anos. Nunca mais, porém, no Curral Novo, lugar que se tornara inóspito, quase totalmente desabitado. As razões de tantas idas, vindas e voltas entre lugares tão diferentes, se a memória não guardou é porque talvez fossem irrelevantes, pelo menos em alguns casos.

O certo é que Santo Antônio (Rodeador) passou a ser o lugar de moradia, de referência, de Miguel Guarani (Miguel Borges de Moura), onde continuou a ensinar o primário, com ânimo definitivo, a seus filhos e à meninada de lá. Sofreu algumas necessidades como todo pobre, mas vivia feliz. Trabalhou em demarcação de terras com Almeida Guimarães, Nobre e Pascoal e prosseguiu com suas cantorias, de onde naturalmente auferia algum

Digitalizado com CamScanner

resultado financeiro, todo consumido na alimentação e compra de roupas para "os meninos" e "os grandes", especialmente quando havia festa religiosa do padroeiro Santo Antônio. Era em junho. Mestre Miguel, sendo a pessoa mais lida do lugar, "tirava" a novena. Aliás, quem o conheceu em Santo Antônio, nessa época, sabe que "era pau para toda obra": lia os mistérios, exemplos e orações da novena, fazia os assentamentos no leilão, escrevia cartas para os que não sabiam ler, passava escrituras particulares, e depois começou a desempenhar tarefas nos recenseamentos do IBGE.

São alguns fragmentos da memória.

Poucos documentos serviram de guia para estabelecer ligações e nomes, atos e fatos de tantos anos. Mais anotações e depoimentos. É pouco, mas foi o que sobrou na cabeça de seus filhos Francisco Miguel, Maria Josefa de Sousa e Helena Josefa de Sousa, especialmente de seu irmão, Antônio Borges de Moura (Toinho de Sinhô). Por este, algumas cartas foram salvas do naufrágio de tantos anos e, dentre elas, a que foi escrita pelo mestre Miguel já a cerca de 3 anos da sua morte, dirigida ao irmão Toinho, onde dá conta do estado do mestre, de saúde e de espírito, e também de sua contribuição para a manutenção de D. Zefinha, cega e doente há muito tempo:

"Toinho:

Pelo portador, estou enviando os NCR$50,00 (cinqüenta cruzeiros novos) referente à pensão de Zefa, deste mês. Recebi desde segunda-feira porém não encontrei oportunidade para enviar e por isto estou fazendo um portador aí.

Digitalizado com CamScanner

Junto vai o recibo para Mariinha assinar e devolver. Peço não deixar de entregá-lo amanhã, pois já devem estar com necessidade.

Eu tenho andado muito mais doente e trabalhando três vezes mais. Hoje mesmo estou sentindo febre. E com relação a dinheiro, estou estreito. Já tenho sacrifício que não sei como resolver. Não estou andando mais, só de casa para o Grupo e isto com dificuldade.

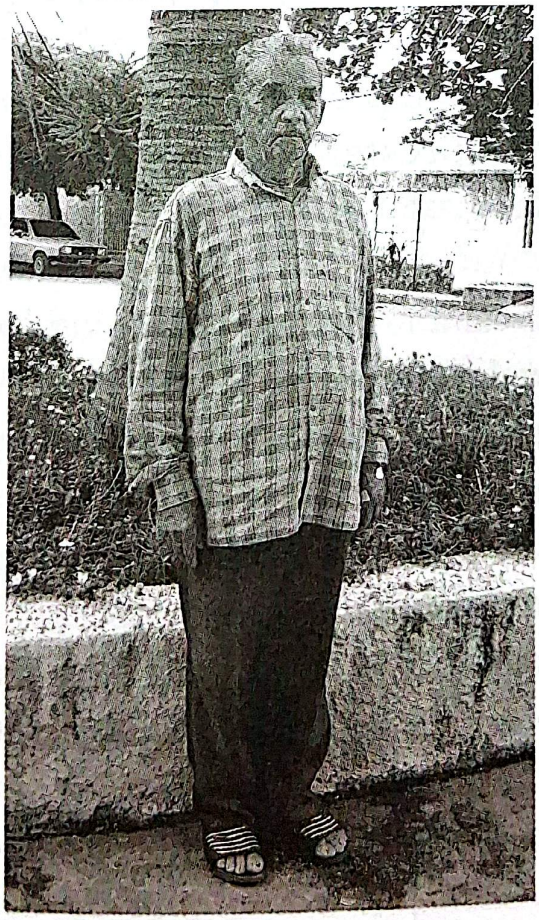
Recomendações a todos

Do mano

Miguel Borges de Moura

Em 18/10/69.

Responda se o portador entregou direito".



Toinho de Sinhô

Digitalizado com CamScanner

O "aí" a que se refere o missivista é, já então, Francisco Santos (antigo Jenipapeiro), onde moravam Mariinha (com quem estava Zefa) e Toinho, o mano.

Ele, Miguel, morava no povoado Acampamento quando escreveu esta cartinha. A cidade de Santo Antônio de Lisboa, onde se situa o Grupo Escolar a que o mestre Miguel se refere, dista uma boa légua daquele povoado. Mesmo doente, o mestre fazia essa caminhada todos os dias. Era, então, seu principal trabalho.

Não é possível precisar bem quantos anos morou a família de mestre Miguel em Santo Antônio (Rodeador), depois Santo Antônio de Lisboa-PI.

Já foi dito que houve interrupções, mas por pouco tempo, de sua residência fixa em Santo Antônio: fora morar, com a família, no povoado Jenipapeiro, depois Francisco Santos-PI. Porém, o certo é que Santo Antônio de Lisboa, além de recebê-lo sempre de braços abertos, reconheceu o seu trabalho, prestando-lhe postumamente uma homenagem: um grupo escolar foi inaugurado com o seu nome.

A seguir, vai a notícia publicada no jornal *O Estado*, Teresina, PI, de 4/5 de maio de 1986:

"Em solenidade realizada anteontem, na cidade de Santo Antônio de Lisboa, o governador Hugo Napoleão inaugurou junto com o prefeito Francisco Licínio de Carvalho, várias obras construídas durante a sua administração. (...) O prefeito Francisco Licínio, em seu discurso, agradeceu a todos que ali estavam presentes e, em especial, ao governador Hugo Napoleão. O prefeito fez uma rápida análise das suas obras construídas com o apoio do governador, entre as quais mereceram destaque: a construção do Colégio **"Miguel Borges de Moura"**, *a nova sede do escritório local da Emater,*

Digitalizado com CamScanner

quadra esportiva, restauração da praça "Justino Batista" (...) e o asfaltamento da BR-020".

Mas, até agora, nem o nascimento e o sepultamento de Miguel Guarani em Jenipapeiro foram suficientes para que as autoridades reconhecessem o trabalho na educação e na cultura por ele realizado. Há uma dívida para com ele e sua memória. Por que lhe não deram ao menos o nome de uma rua, ou de uma praça? Merece mais: um monumento.

O Dr. João Erismá de Moura, sobrinho de Miguel Borges de Moura – Guarani – pois filho de Euclides Borges de Moura, em discurso proferido no dia 27 de dezembro de 1999, por ocasião da inauguração da Praça "Francisco Rodrigues de Sales" e do obelisco em homenagem ao celebrado político e poeta popular jenipapeirense, que tinha o apelido carinhoso de Chodó, lembrou muito bem numa passagem de sua oratória:

*"Esta é uma obra de alto reconhecimento por parte da nossa família e da população de Francisco Santos. Seu valor é inestimável. Imaginemos a satisfação de encontrar nossa Cidade com uma Avenida chamada Eliseu Pereira! Assistirmos a uma peça teatral, cantoria ou show cultural num Teatro denominado "***Miguel Guarani!***" (...) Infelizmente temos o defeito de esquecer os nossos valores, nossas figuras notáveis e representativas de uma época, nossas raízes, enfim. Uma população que esquece o seu passado e a sua história – sedimentada por longo tempo de lutas e glórias – com certeza, tende a ser olvidada pelo tempo."*

•

Digitalizado com CamScanner

Velório de Miguel Guarani – Acampamento.
(1910-1971)

Digitalizado com CamScanner

A Morte do Mestre

Quem não ama sua terra não ama a si mesmo.

Miguel Guarani amava seu torrão. Viajava feito um andarilho, com a família ou sem ela, mas de vez em quando pensava, voltava e permanecia algum tempo de Francisco Santos a Santo Antônio de Lisboa, para matar as saudades dos amigos e até mesmo da paisagem, dos lugares, dos parentes. Das águas e do sol.

Miguel Borges de Moura faleceu no dia 7 de agosto de 1971, no lugar Acampamento, próximo à cidade de Santo Antônio de Lisboa, isto é, cerca de uma légua do Diogo, o lugar de seu nascimento.

Bem que o autor gostaria de ter começado esta biografia de Miguel Guarani como Machado de Assis fez com o seu romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Não conseguiu. Assim é que se chega à história de sua morte, depois de muitos capítulos.

Toda morte é triste, porque a vida só é alegre no começo. O caboclo piauiense tem um ditado que muito bem retrata isto. É que *"todos os começos sãos flores, a choradeira*

Digitalizado com CamScanner

é no fim." Mas a vida de Miguel, não obstante todos os obstáculos apontados e outros de que ninguém se lembrou, foi uma vida cheia de vida, amor, trabalho e festa – alegria, apesar das doenças e dificuldades que enfrentou, quando muitas vezes se via sem forças. E naturalmente apelava para Deus e para os amigos, que os teve muitos. É assim que atestam vários documentos, além dos diversos depoimentos coletados de seus contemporâneos, alunos ou não, assim como sua obra escrita e/ou lembrada por essas pessoas.

Vida rica de espírito, apesar de passada na pobreza material.

Fazia dois dias – antes de seu filho mais velho ter sido avisado, por morar em Teresina – que fora dada a notícia triste: Mestre Miguel Guarani sofrera o terceiro derrame cerebral de sua vida.

Chico apressou-se a tomar condução e seguir imediatamente para Santo Antônio de Lisboa, onde o pai residia e trabalhava. Chegou lá pela madrugada, com tempo de vê-lo ainda, mesmo agonizante e sem sentidos. Suas filhas, Helena e Mariinha, manhã alta, o encontraram no mato, sem forças de levantar-se do solo, sem sentidos – contaram ao irmão. "Certamente teria ido buscar lenha para fazer fogo."

Morava sozinho. Uma vizinha amiga às vezes lhe prestava algum serviço, como lavar a roupa, varrer a casa... Mas naquele dia não aparecera.

Era madrugada, quase amanhecendo, quando o filho chegou. Miguel Guarani havia de falecer tranqüilo, apenas apontando para a boca. Sinal de que queria falar, ou apenas sentia sede, secura dos lábios? Um reflexo de que, àquela altura da madrugada, ainda existia alguma consciência no

Digitalizado com CamScanner

mestre? Ou apenas o impensável que vagueia no mundo dos que partem para o outro lado, os mistérios que existem entre o céu e a terra, de que fala Shakespeare?

Embora com bastante atraso, ou seja, no dia 22 de agosto de 1971, o jornal *O Dia*, de Teresina, colocava o seguinte "*Registro*":

"Faleceu no dia 7 do corrente, em sua residência, na cidade piauiense de Francisco Santos, de onde era natural, vítima de um ataque de trombose, o conhecido e estimado Professor de letras Miguel Borges de Moura, pai do companheiro Francisco Miguel de Moura, colaborador desta página. O Prof. Miguel dedicou toda a sua vida à causa do ensino primário, lecionando pelo interior e cidades de Picos, Itainópolis, São Luís do Piauí, Bocaina, Santo Antônio de Lisboa, Francisco Santos, Mons. Hipólito, São Julião, etc. Ultimamente era professor do Estado, com auxílio da Prefeitura de Santo Antônio de Lisboa. Foi também inspetor de escolas primárias naquelas regiões todas e, ao falecer, fazia o Censo Agrícola, em que vinha trabalhando desde 1940. Viúvo (era casado com Josefa Maria de Sousa), deixou 3 filhos: Francisco Miguel de Moura, bancário, universitário de Filosofia, poeta e crítico literário dos melhores de nossa terra; Profa. primária Maria Josefa de Sousa e Helena Josefa de Sousa, diretora do Ginásio de Francisco Santos. Seu sepultamento em Francisco Santos foi o mais concorrido de quantos já houve naquela cidade interiorana, tendo acompanhado o féretro, entrando no cemitério, cerca de 1.000 pessoas. O velho Professor Miguel, que era também poeta-improvisador, tinha uma grande multidão de amigos e alunos, e deixou, com seu desaparecimento, um grande vácuo no setor educacional da juventude daquela região. A Prefeitura de Francisco Santos, num preito de justa e reconhecida homenagem aos trabalhos do morto, cedeu à família deste a cova onde dorme o derradeiro sono o velho e querido Mestre."

Digitalizado com CamScanner

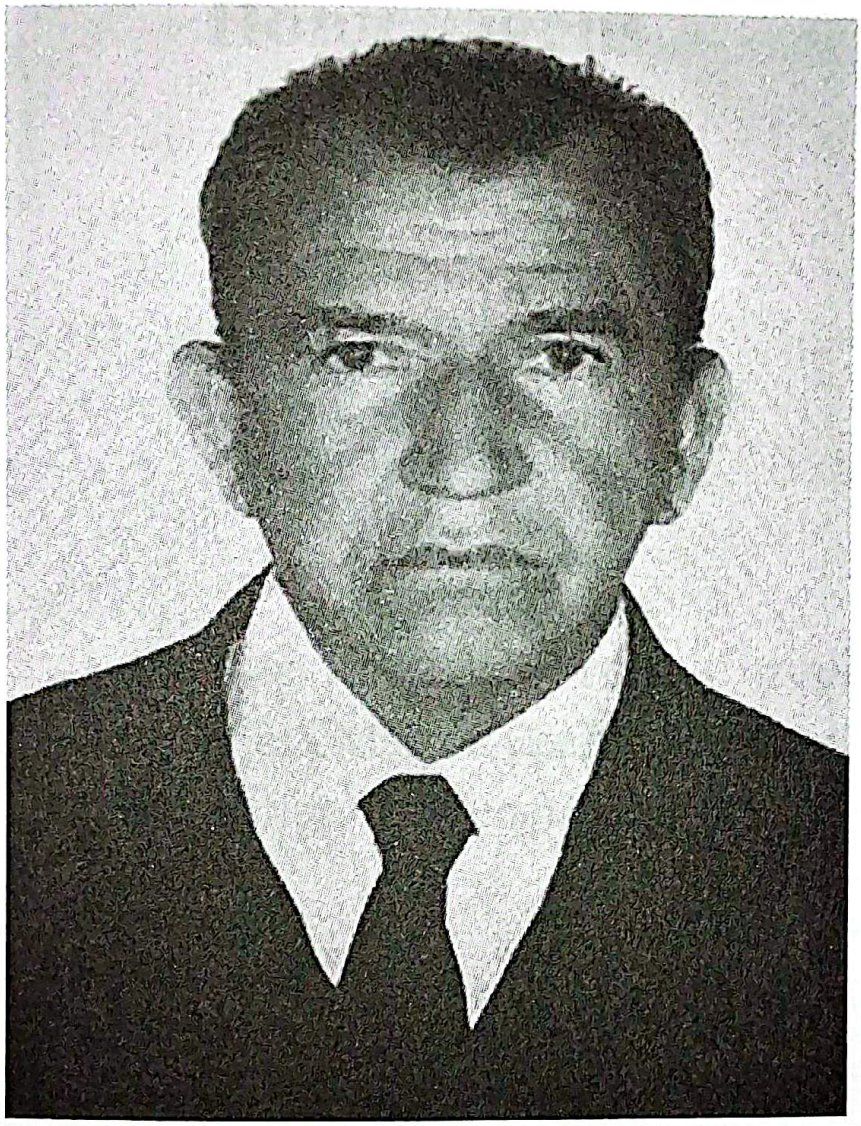
A nota acima é do escritor Magalhães da Costa ao tempo em que coordenava página de literatura no jornal *O Dia*, por sinal a primeira desta natureza criada em Teresina, graças aos seus esforços, sua pertinácia e gosto pelas coisas do espírito. Dois pequenos enganos foram cometidos na informação: 1) Miguel Guarani faleceu em Santo Antônio de Lisboa, como já fora assinalado no começo deste trabalho; 2) Ele não era professor do Estado quando faleceu, recebia apenas uma gratificação da Prefeitura daquele município pelos seus serviços prestados como educador.

Miguel Borges de Moura, nascido aos 18 de maio de 1910, tinha, portanto, 61 anos e 2 meses, ou seja, 62 anos incompletos, quando faleceu.

Com relação aos demais filhos do casal Miguel/ Josefa, assinale-se que há pouco tempo havia falecido a filha Teresinha de Jesus Moura, nascida em 1934. Outros que morreram ainda pequenos, de desconhecidas doenças, àquela época, chamadas genericamente de *"doenças de menino"*: Maria, a primeira do nome, nascida em 1936, no Curral Novo; Rosa, nascida na época em que a família morava na Ema; José nasceu no lugar Capitão de Campos, próximo de Picos; e Maria das Graças que, como foi dito atrás, nasceu em Santo Antônio de Lisboa.

•

Digitalizado com CamScanner



Poeta Zé Crispim, sobrinho de Miguel.

Digitalizado com CamScanner

Homenagens

Logo depois da morte, Miguel Guarani ganhou um poema de Odaly Bezerra, poeta e professor piauiense, que vive longe do seu torrão natal:

Homenagem

"Miguel,
conheci-te assim do "foco
que aclara os tempos e as nações."
Formavas filas, ao teu clangor
Obedeci. Fui teu soldado,
Deste-me armas para o meu combate.
Miguel Guarani,
Um cognome – quando nos sertões
curavas pruridos
das populações...
Eras violeiro!

Digitalizado com CamScanner

Miguel Borges de Moura,
nome ao todo – em suma: o coração
humano-professor,
poético;
ao todo, a filantropia
num coração!

.....

Velha árvore,
sob a sombra rubra, agonizante
pendeste, sempre a namorar o sol...
Infelizmente ruíste por terra...

E serão pálidos os teus fluentes frutos?

Eu, pobre árvore do mesmo terriço,
a crescer e a curvar-me busco a luz...
... complementarmente,
te seguirei
e me seguirás
eternamente!"

Odaly Bezerra

(Publicado no jornal *O Dia*, Teresina, 31/10/1971).

Outro poema, este na forma popular, que foi algum tempo depois escrito e mais tarde publicado, é de autoria do poeta Zé Crispim (José Crispim de Moura), seu sobrinho, que o fez versando o mote *"Guarani, considerado na viola o campeão"*:

Digitalizado com CamScanner

"O povo sempre lhe ouvia,
Nos versos se fascinava,
Eu também apreciava
Sua bela poesia.
Ainda não escrevia
E nem tinha a intenção,
Mas já prestava atenção
Ao seu cantar bem orado:
Guarani, considerado
No repente o campeão.

Cantava bem gemedeira,
Quadrão, sextilha e martelo,
Sem apresentar flagelo.
O velho era de primeira,
Ao som da regra inteira
Entoava uma canção
E beira-mar e mourão,
Em tudo era acostumado:
Guarani, considerado
Na viola o campeão.

O nosso herói menestrel,
Essa importante figura
Deixou na literatura
O grande Chico Miguel,
Fez um bonito papel
Até na educação,
Todo o povo do Sertão
Dele viverá lembrado:
Guarani, considerado
Na viola o campeão."

José Crispim de Moura

BIBLIOTECA - UESPI

Digitalizado com CamScanner

(Publicado na revista *De Repente*, nº 9, Teresina, agosto de 1977)

Miguel Guarani ganhou também uma grande e vultosa homenagem sobre sua vida de cantador, esta anônima: um folheto relatando o duelo que travou com o cantador Antônio Lacerda, em Mons. Hipólito (antigamente Riachão). No documento não consta em que data aconteceu o prélio, mas é possível que tenha ocorrido no final dos anos 1950 ou no começo dos 1960. A preciosidade veio parar na mão do biógrafo, através do poeta, também franciscossantense, recentemente falecido, Wilton Santos, na forma de um caderno manuscrito, a parte final com letra péssima; parecia ter sido escrita por outra pessoa diferente da que escreveu o começo. Enfim, tentou-se traduzi-lo da melhor maneira possível.

Assim começa:

"Vou contar uma peleja
Neste folhetinho aqui
Sendo de Antônio Lacerda
Com o Miguel Guarani
Um professor e poeta
Do sertão do Piauí.

O cantador Guarani
Um cidadão de alta linha
Leciona a criançada
Das zonas circunvizinhas
Desde Monsenhor Hipólito
Até em Alagoinha.

Digitalizado com CamScanner

E pelos demais setores
Tem mostrado seu valor
Pela sua inteligência
Como grande cantador
É bastante admirado
O poeta e professor."

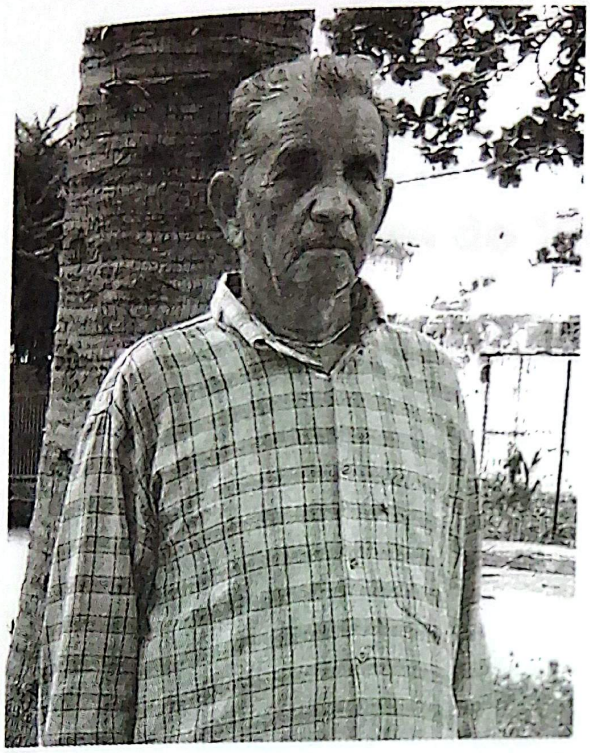
Trata-se de um relato inicial, da cantoria, com cerca de 39 sextilhas e 8 pés de martelo (décimas em decassílabos), além da finalização ou resultado (igualmente em sextilhas). Tudo muito vivaz, interessante. Como se tivesse sido gravada.

É conveniente, para não quebrar a seqüência deste trabalho do e sobre mestre Miguel, que a *Peleja de Antônio Lacerda com Miguel Guarani* seja lida em separado.

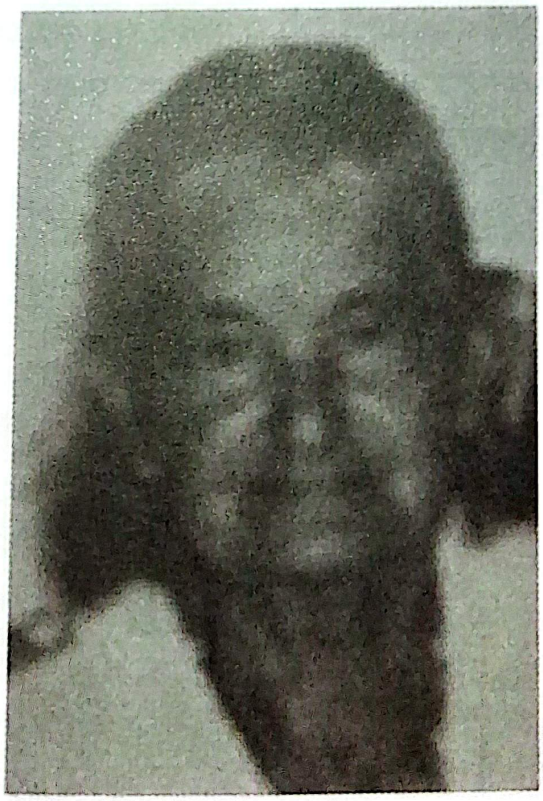
Veja, neste livro, o capítulo *Obra Poética.*

•

Digitalizado com CamScanner



Toinho (irmão de Miguel)



Rosa (esposa de Toinho)

Digitalizado com CamScanner

Lances do Violeiro

A revista *De Repente*, já mencionada, no mesmo nº 9, de agosto de 1972, publicou uma mini-biografia do mestre Miguel Guarani, além de alguns repentes, entre os quais estes recolhidos por seu aluno José Areolino da Silva, bancário do Banco do Brasil, filho de Areolino Joaquim da Silva, que os guardou na memória. Foram cantados numa noite gloriosa em que Guarani enfrentava "Barra Azul", nos idos de 1967 ou 1968:

"Eva foi a causadora,
Com sua perversidade,
Escondeu de Jesus Cristo
Os filhos pela metade,
Os que ficaram escondidos
São esses que andam perdidos
Num mundo sem qualidade."

Eis o outro repente de Miguel, decorado por José Areolino da Silva:

Digitalizado com CamScanner

"Getúlio devia ter feito
Tudo com mais perfeição,
Pegado esses criminosos
E botado num porão,
Pra limpar a nossa terra.
E se o Brasil fosse à guerra,
Serem bucha de canhão."

"Campo Verde" foi outro cantador com quem Miguel Guarani duelou. Se não me engano, tinha sido o primeiro. Portanto era seu professor na poesia popular e no baião de viola que acompanha as cantorias. E ele, "Campo Verde", contava um episódio, entre outros, bastante engraçado.

Certa vez, dizia, estava fazendo uma cantoria e o assunto era cachaça, justamente porque seu companheiro tomava umas e outras. Defendendo-se da acusação de bebedor, ele então dispara:

"Você fala de cachaça,
Mas seu pai bebeu primeiro;
Seu irmão, por causa dela,
Apanhou lá em Monteiro;
Quem tem uma corja dessa
Não fala de cachaceiro".

Mal o cantador acabava seu repente, aconteceu um fato inusitado: caiu uma lagartixa de cima da casa, que era uma "latada" (com aquele tipo de cobertura de palha, muito comum no Nordeste rural). Então, não teve tempo de encadear a deixa, como é normal nas sextilhas da peleja, e empurrou, em cima da bucha, este repente, que arrancou risos e palmas da platéia:

Digitalizado com CamScanner

"Valha-me Nossa Senhora,
Caiu uma lagartixa,
Meu senhor dono da casa
Pegue um pau, mate essa bicha,
Que é carne que não se come,
É couro que não se espicha."

(Sextilhas recolhidas pela revista *De Repente*, número citado)

Campo Verde, Mestre da Viola.

Um tipo de repente muito usado pelos cantadores é aquele que arremata sempre com um mote.

Numa cantoria, na casa de seu irmão, Antônio Borges de Moura (Toinho de Sinhô), no Diogo, ofereceram a Miguel Guarani o mote: *"Já não sei mais o que faça / do resto de minha vida"*.

O dono da casa e da cantoria decorou-lhe essas duas décimas:

"Nesta vida de arrancos
A minha tristeza cresce,
Em minha cabeça aparece
Parte dos cabelos brancos,
Quero subir os barrancos,
Esmoreço na subida,
A morte em minha batida
Como o cão atrás da caça,
Já não sei mais o que faça
Do resto da minha vida.

Digitalizado com CamScanner

Minha barba está pintada
Minha cabeça também;
Um velho não é ninguém,
Não presta mais para nada,
Uma costela quebrada,
Uma clavícula partida,
Dou adeus por despedida
Ao tempo bom que se passa,
Já não sei mais o que faça
Do resto da minha vida."

Outra décima de Miguel Guarani, lembrada por Toinho de Sinhô, é a seguinte:

"A tua pele morena
Me leva ao desmantelo,
A trança do teu cabelo,
A tua boca pequena,
Teu perfume de açucena
Me matam de emoção.
Quase morro de paixão
Pelos gestos que você faz....
Teus olhos são dois punhais
Que cravam meu coração."

Não são muitos os repentes guardados na memória dos seus contemporâneos, por isto é que foram registrados, logo no início, aqueles que a pesquisa deste autor conseguiu.

Mas ainda resta o fragmento de um, lembrado pelo autor deste trabalho. O assunto cantado em 10 pés, ou seja, dez versos, terminava sempre com o seguinte refrão:

Digitalizado com CamScanner

"Lá vai meus dez pés, lá vai!" Um começava, no caso o mestre Miguel, e terminava; o outro, dizia três ou quatros versos pelo meio. Mas sempre era terminado por quem começou. Havia, assim, a alternância da ordem de começo, meio e fim.

Já era muito tarde, as crianças dormiam e acordavam, mas a cantoria não terminava senão de madrugadinha ou de manhã. Foi quando se ouviu o parceiro de Miguel dizer:

"E você cai..."

enquanto Miguel fechava:

"Se eu cair caio na cama,
No colo de quem me ama,
Lá vai meus dez pés, lá vai!"

Outro mote que ofereceram a Miguel Guarani, numa de suas cantorias, foi o seguinte:

"Quem casa faz uma cruz
pra morrer cravado nela."

E Miguel desenvolveu-o, magistralmente, em cima da hora, na seguinte décima:

"O rapaz, se é de casar,
É melhor ir pra corrente
Ou brigar e matar gente
Ir pra cadeia morar;
Indo aos pés do Altar,
Casando, se desmantela.

Digitalizado com CamScanner

A moça, sendo donzela,
Incha mais do que cuscuz...
Quem casa faz uma cruz
Pra morrer cravado nela."

Do final de uma cantoria feita por Miguel, que enfrentava "Barra Azul" na casa de João Pedro de Moura (João Fontes), fazenda "Lagoa Grande", arredores de Picos, "Pebinha"[1] memorizou:

"Eu afinei minha viola
Numa hora tão ruim,
Olhando os carnaubais,
As folhas como jardim.
Agora mesmo me calo,
João Fontes, porque o galo
Já vai adiante de mim."

Registra-se aqui, por ser de justiça, duas sextilhas de "Zé Crispim", sobrinho de Guarani, em memória do mestre e por isto com a marca do estilo professoral de Miguel, com o qual sempre levava vantagem sobre os demais cantadores, normalmente alfabetizados mas com pouca informação e conhecimento do mundo da ciência, das letras, das artes, como ele.

---

[1] *"Pebinha" (Antônio de Moura Ibiapina.), irmão do escritor Fontes Ibiapina, mora em Picos, é repentista e também recitador de versos populares e lorotas que vai aprendendo ao longo de sua vida de artista (ferreiro de profissão).*

Digitalizado com CamScanner

"Num verso feito por mim
Vê-se o reino mineral,
A verde flora e a fauna
Deste país tropical,
E Brasília modernissima
Lá no Planalto Central.

No meu verso natural
Tem tudo da pátria minha:
A Carta (escrita e datada)
Por Pero Vaz de Caminha,
Dando notícia ao Rei
De tudo que aqui tinha."

Seguem três estrofes de martelo de Miguel Guarani, talvez cantadas numa cantoria, que foram memorizadas e copiadas pelo poeta "Zé Crispim", em 24 de março de 1980:

"Este amigo chegou a um lugar
Numa casa de gente hospitaleira
Prepararam uma janta de primeira
Ele logo comeu pra se fartar
Pediu logo uma rede pra deitar
Desta vez praticou uma ação feia
Nesta noite sujou a rede alheia
Quando foi já em alta madrugada
Se abaixou lá na frente da morada
Deste vez desgraçou tarefa e meia.

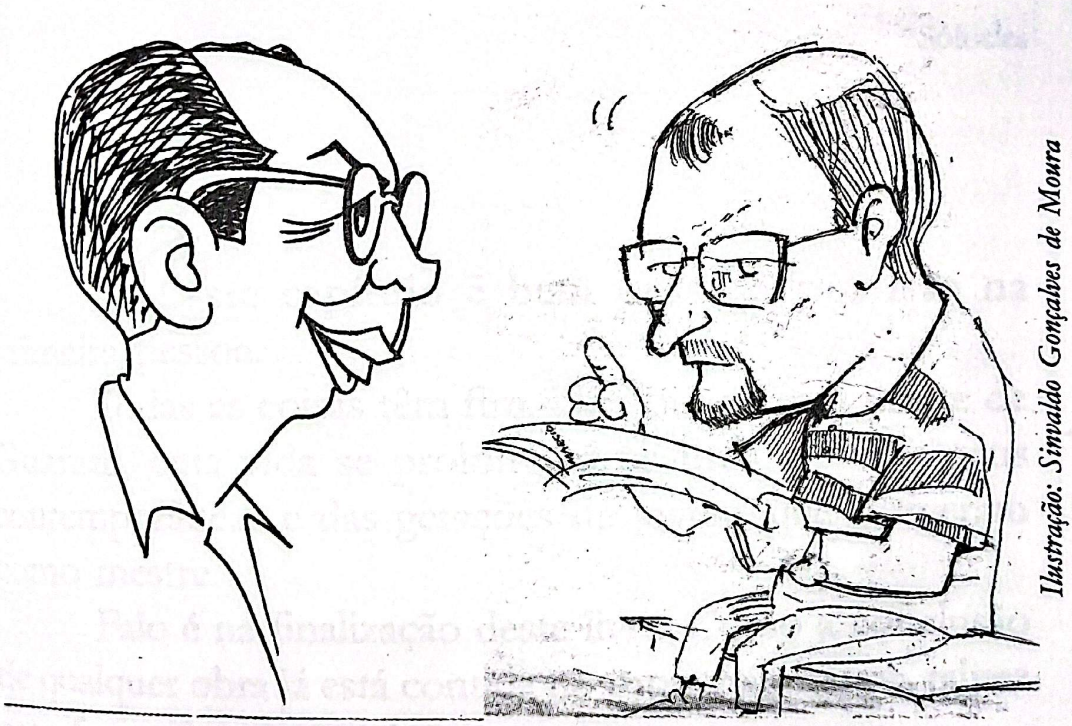
Digitalizado com CamScanner

És o autor da grande inimizade
Descendência da raça de Lusbel
Consciência de cobra cascavel
Irmão gêmeo da infelicidade
Professor da grande iniqüidade
Palanqueta de pregar anarquia
Manual de ensinar feitiçaria
Instrumento de matar enforcado
Corta-jaca de casa de aleijado
Armazém de guardar velhacaria.

Com você eu não brigo nem brincando
Pois comigo não podes reagir
Porque se senta é só para cair
Quando fala o queixo é balançando
Quando vai na carreira é cochilando
Todo mundo assevera e dá por visto
Pra andar faz promessa a Jesus Cristo
Implorando de todos caridade
Dar num homem de sua qualidade
Que covarde sou eu fazendo isto."

•

Digitalizado com CamScanner



Caricatura: Sinézio Alves - 1985

Ilustração: Sinvaldo Gonçalves de Moura

Caricaturas de Chico Miguel (filho) e Fritz (neto),
autor e ilustrador, respectivamente.

Digitalizado com CamScanner

Como Seria o Fim?

"Haverá para os filhos tesouro maior que a glória dos pais?

Sófocles

Este capítulo é bem pessoal, por isto na primeira pessoa.

Todas as coisas têm fim. Não me refiro à morte de Guarani, cuja vida se prolongará na memória dos seus contemporâneas e das gerações de jovens que o tiveram como mestre.

Falo é na finalização deste livro. Como a conclusão de qualquer obra já está contida no capítulo anterior, talvez este fosse desnecessário.

Mas, não. Ainda não foi dito tudo.

Miguel foi um eterno amante da beleza e da sabedoria. Também, em sua casa, nunca foi proibido falar-se em fealdade. A consciência desta herança genética estava sempre presente. Entretanto, cada um tinha a sua frase de defesa.

Segundo a vaga opinião do poeta Vinícius do Moraes, *"a beleza é fundamental"*. Se ele se referia à beleza das pessoas como se entende, eu pergunto:

– Para quê? E para quem?

Digitalizado com CamScanner

Minha mãe dizia:

– *Gente é como chita, uns acham feia, outros, bonita.*

A beleza sem os demais dotes da natureza humana não serve fundamentalmente nem mesmo para as mulheres. Há tantas que podem ser tudo, menos bela. E têm sucesso na vida, e chegam a ser bonitas. Pois há grande diferença entre ser belo e ser bonito.

Minha mãe era bonita, casou-se com um rapaz feio (meu pai). E eu falo em minha mãe porque é pertinente: foram casados por toda a vida... Como mandava o figurino daquele tempo. Se não foram felizes, não sei. Creio que foram felizes, cada um à sua maneira, aqui opondo-me um pouco ao que escreveu Leon Tolstói, no seu famoso romance **Ana Karênina**: *"Todas as famílias felizes se parecem entre si; as infelizes são infelizes cada uma à sua maneira."*

Meu pai, no meu entendimento, foi mais feliz do que minha mãe – que era bonita, repito. Minha mãe foi menos feliz porque era analfabeta, acredito. Ambos sabiam fazer amizades. Em determinado ponto de suas vidas até disputavam surdamente essa capacidade.

– Quem tinha mais amigos?

– Meu pai.

Contudo, a fealdade é um estigma. Este, o velho mestre Miguel Guarani carregou a vida inteira. Não demonstrava mossa quando alguém a isto se referia. Mas, como desculpa, ele deve ter dito a si mesmo o que dissera, certo dia, de seu filho mais velho, Chico, no momento em que uma visita daquelas impertinentes chamava o menino de feio:

– *Beleza em homem é como habilidade em égua.*

Eu mesmo, autor deste trabalho, tenho o que contar sobre o assunto. Quando já morava em Picos e trabalhava

Digitalizado com CamScanner

nas "Casas Pernambucanas", um dos meus companheiros de trabalho, certo dia, vira-se pra mim e fala:

– Colega, você é muito feio, parece que é filho de seu pai, o Miguel Guarani.

E eu respondi num repente, e à altura:

– Queria que eu fosse filho do seu pai? Ora, ora, minha mãe não é puta. – E completava entre dentes: "Como a sua."

•

Para a biografia de mestre Miguel Guarani, o que conta – não obstante tenha namorado e dançado como qualquer outro rapaz da mesma época – não é a fealdade. Depois de casado com uma das mulheres mais bonitas do seu tempo e da região, ainda chegou a ter namoros que deram muito ciúme a D. Zefinha e brigas ao casal. Não é a boa feição do rosto, a regular conformidade das partes que trará a felicidade ou a infelicidade de alguém. E o que importa mesmo é ser feliz. O belo é universal como qualidade e jamais colidirá com as singularidades, tão universais também. Tudo o que existe, portanto cada homem e cada mulher também, é classificado de acordo com o seu tempo e sua cultura, que são diferentes nos diversos países, nas diversas épocas históricas. O substantivo do ideal de beleza, sim, este é universal como o ser homem, mas não os seus adjetivos.

Os poucos namoricos de meu pai aqui referidos, geralmente com alunas, não chegariam a nenhuma infidelidade conjugal, em virtude mesmo da correção com que se pautava o mestre naturalmente, não só para manter a boa reputação na sociedade, mas, sobretudo, por uma questão de integridade, de foro íntimo.

Digitalizado com CamScanner

O julgamento que a posteridade tem feito de meu pai, Miguel Guarani, é este: Homem de máxima seriedade, coerência, honestidade e correção em tudo, além da sua inteligência e trabalho, virtudes estas retratadas neste soneto, com o qual pretendo encerrar:

Miguel, um Grande Mestre

Ancorado na luz da inteligência,
meu velho mestre-pai viveu,
amou, lutou, venceu grandes empenhos.

Francisco Miguel de Moura

Energia, humildade e mansidão,
num corpo frágil, de vontade imensa,
na inteligência os fluidos de quem pensa
e aceita o mundo, e atende ao coração.

Conviveu com a pobreza e a solidão,
sem medo as recebeu, sem recompensa
das lutas que enfrentou, com a bela crença
de que nada é castigo e nada é vão.

Sofrendo, o velho amou até à morte.
Se um céu existe lá chegou, é um forte
pelo bem que ensinou com tanto zelo.

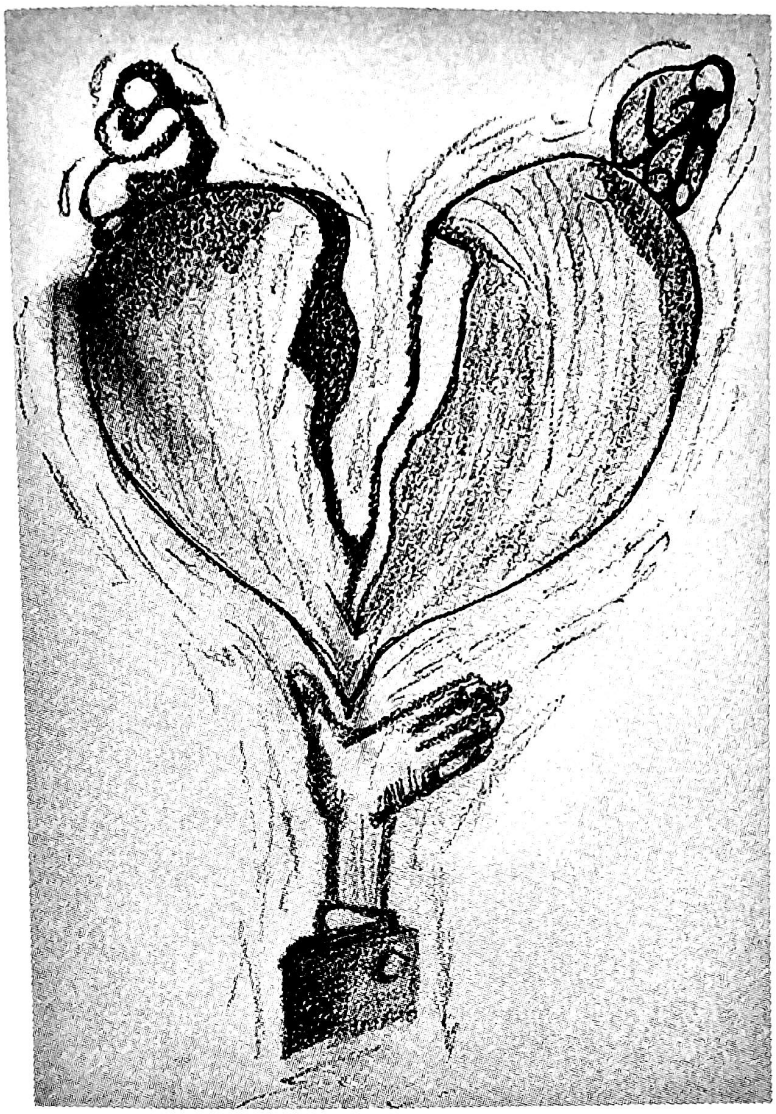
Versos cantou, repentes de emoção...
Pra resumir, se fez nesta oração:
– *Um grande mestre, sem pensar em sê-lo!*

Digitalizado com CamScanner

II

OBRA POÉTICA

Digitalizado com CamScanner



ABC da Saudade

Miguel Guarani

Digitalizado com CamScanner

ABC da Saudade

I

"Minha vida é um romance
De tristeza e ilusão
Parece que o destino
Quis me fazer traição
Minha esperança perdida
Se eu contar a minha vida
Dói em qualquer coração.

II

Já amei, já fui amado
Já vivi bem satisfeito
Gozei muito na infância
Na vida sem preconceito
Desfrutei a mocidade
Sem saber que a saudade
Ia morar no meu peito.

III

Uma noite de Sto. Antônio
Fui dançar em um salão
Lá eu vi uma menina
De uma linda feição
Chamei-a para dançar
Senti o amor pulsar
Dentro do meu coração.

Digitalizado com CamScanner

IV

Eu perguntei à morena
Se estava comprometida
E ela me respondeu
Nunca amei nem fui querida
Controlamos a amizade
A qual veio deixar saudade
Pra o resto de minha vida.

V

Uns seis meses decorreram
Da amizade da gente
Mas o destino não quis
Que o nosso amor fosse em frente
Veio a morte enfurecida
Matou a minha querida
A quem amei loucamente.

VI

E quando eu tive a notícia
Que a donzela adoeceu
Fui correndo à casa dela
Saber o que aconteceu
Ela naquela aflição
Estava com um lenço na mão
Pegou o lenço e me deu.

Digitalizado com CamScanner

VII

Olhou para mim e disse
Sei que o meu mal não tem cura
Vou agora ao cemitério
Vou morar na sepultura
Se despedindo dos pais
Deu adeus pra nunca mais
Nessa hora de amargura.

VIII

Comigo guardei o lenço
Que recebi da mão dela
Roxo da cor da saudade
Bordado em letra amarela
Perdi toda a esperança
Hoje só resta a lembrança
Do amor que eu tive a ela.

IX

Um A um M e um B
As letras do nome seu
Nunca mais tive alegria
Depois que ela morreu
Lembrando dela eu chorava
As lágrimas quentes enxugava
No lenço que ela me deu.

Digitalizado com CamScanner

X

Depois que ela morreu
Amar outra não convém
Quando é dia de finados
Eu vou visitar meu bem
Toda hora nela eu penso
Comigo guardei o lenço
Não amei mais a ninguém.

XI

Meu coração de tristeza
Minha alma triste e sentida
Chorava minha saudade
Por não ver minha querida
Meu coração sofredor
Por causa de um grande amor
A quem tanto amei na vida.

•

Digitalizado com CamScanner

Romance da Morte de Zilma

Miguel Guarani

Digitalizado com CamScanner

Romance da Morte de Zilma

I

Vinde musas do Parnaso
Para minha companhia
Dai-me inspiração poética
Talento e sabedoria
Para descrever um caso
De dor, pranto e tirania.

II

Quem gostar de poesia
História e verso rimado
Leia este drama horroroso
Há certo tempo passado
Que o mais duro coração
Fica sensibilizado.

III

Quando Monsenhor Hipólito
Fez a sua independência
Houve um caso pavoroso
De doer a consciência
Cujo caso ainda vive
Na minha reminiscência.

Digitalizado com CamScanner

IV

Coronel Chico Zinguera
Tinha uma propriedade
Na fazenda Cabeceira
Perto daquela cidade
Lugar onde registrou-se
A cruel fatalidade.

V

Este coronel é chefe
De família numerosa
Possuía entre outras
Uma filha caprichosa
Honesta e trabalhadora
Mais linda que uma rosa.

VI

De nome Maria Zilma
Usava simplicidade
Imagem da paciência
Modelo da caridade
Símbolo da santa pureza
Exemplo de castidade.

VII

Aos seis anos de idade
Perdeu sua mãe querida
Criou-se na orfandade
Porém foi bem instruída
Mas dos carinhos maternos
Pouco desfrutou na vida.

Digitalizado com CamScanner

VIII

Zilma demonstrava ter
Excelente coração
Era um amparo dos fracos
Da pobreza a remissão
Defesa da inocência
Dos tristes a consolação.

IX

Vinte anos já contava
Vivendo na orfandade
De mãe, e seu pai estava
Já com avançada idade
Era Zilma o baluarte
Daquela propriedade

X

Mesmo assim Maria Zilma
Dava conforto ao lar
As suas raras virtudes
Não se pode enumerar
Encantava a vizinhança
A sua vida exemplar.

XI

Deixo aqui Maria Zilma
Na sua dignidade
Para falar em um ente
Cheio de perversidade
Aborto da natureza
Cúmulo da barbaridade.

Digitalizado com CamScanner

XII

Zé Policarpo era o nome
Desta horrorosa figura
Primo legítimo de Zilma
Tinha um misto de loucura
E fez a pobre inocente
Ir parar na sepultura.

XIII

O pai de Maria Zilma
Coronel Chico Zinguera
Tio de Zé Policarpo
Aquele instinto de fera
Traiçoeiro como o tigre
Valente que só pantera.

XIV

Não sei se era por loucura
Por inveja ou ambição
Policarpo alimentava
Um rancor no coração
E na pessoa do tio
Quis vingar esta paixão.

XV

E tanto que Policarpo
Com o seu gênio agressivo
Contra a pessoa do tio
Mostrava ser vingativo
Porém da sua ojeriza
Ninguém sabia o motivo.

Digitalizado com CamScanner

XVI

Como fera ele espreitava
Uma oportunidade
A fim de concretizar
Seu instinto de maldade
Assassinando seu tio
O que mais tinha vontade.

XVII

Vivia assim Policarpo
Como que num desespero
A espreitar o seu tio
Como um lobo carniceiro
Procurando assassiná-lo
A seu modo traiçoeiro.

XVIII

Sua mãe muito doente
Sobre o seu leito jazia
E Zilma penalizada
Foi consolar sua tia
Preparar seu alimento
E lhe fazer companhia.

XIX

Policarpo planejou
Matar Zilma apunhalada
E o pai dela acudia
Quando ouvisse a zoada
Ele aí matava o velho
Estava a questão findada.

Digitalizado com CamScanner

XX

Era uma tarde de agosto
O sol estava brilhante
Temperatura elevada
Na região circundante
Trajetando sobre a terra
Um calor asfixiante.

XXI

Zilma saía de um quarto
Alegre sem pensar nada
E Policarpo vibrou-lhe
A primeira punhalada
Ela defendeu-se e disse:
Ô hora triste e magoada!

XXII

Sem saber o que fizesse
De Deus ela se valia
Lutando com heroísmo
Contra aquela tirania
Mas seu primo rancoroso
De nada se condoía.

XXIII

Nesta luta a pobre Zilma
Vários golpes recebeu
Resistindo alguns minutos
Ainda se defendeu
Mas gravemente ferida
Coitadinha esmoreceu.

Digitalizado com CamScanner

XXIV

A pobre já agonizante
Com esforço conseguiu
Levantar cambaleando
Fora da casa saiu
Andou algumas passadas
Não sustentou-se – caiu.

XXV

De uma casa vizinha
Ouviram a exclamação
Gritos de alarme e gemido
Era enorme a confusão
Correram encontraram Zilma
Quase morta sobre o chão.

XXVI

Composta de ferimentos
O braço esquerdo cortado,
Pálida, fria, semi-morta
O corpo em sangue banhado
Caída no chão gemendo
Com o peito apunhalado.

XXVII

Com a voz trêmula dizia:
Ó Santo Deus de clemência
Amparo dos desgraçados
Defensor da inocência
Neste golpe cruciante
Redobrai-me a resistência.

Digitalizado com CamScanner

XXVIII

Adeus lar estremecido
Da minha predileção
Adeus primos e sobrinhos
Parentes que aqui estão
Adeus papai extremoso
Irmãos do meu coração.

XXIX

Levaram Maria Zilma
Para sua moradia
Nos estertores da morte
Sem alento, pálida e fria
As lágrimas banhando o rosto...
De vez em quando gemia.

XXX

Só as pedras não choravam
Ante aquele acontecido
Foi um choque inesperado
Para o seu papai querido
A família soluçava
Num pranto desinsofrido.

XXXI

Tinha uma irmã de Zilma
Que morava em Teresina
Logo que foi avisada
Daquela horrível chacina
Lamentava angustiada
Quase que se desafina.

Digitalizado com CamScanner

XXXII

Foi uma tarde tristonha
À noite houve sentinela
Pai, irmãos, primos, sobrinhos
Enfim toda a parentela
Até pessoas estranhas
Pranteavam a morte dela

XXXIII

De cada boca saía
Lamento, ais e gemido
Com o temeroso espetáculo
Ficou tudo comovido
Todo o pessoal em massa
Contemplava estarrecido.

XXXIV

Foi uma surpresa horrível
Para seus familiares
De lamento e desatino
Se enchia todos os lares
Um portador avisando
Foi pra diversos lugares.

XXXV

Uma multidão crescida
Enchia aquele aposento
Se ouvia ternos gemidos
Gritos de dor e lamento
Preparando o necessário
Para o seu sepultamento.

Digitalizado com CamScanner

XXXVI

Era o dia 6 de agosto
Às quatro da madrugada
A estrela matutina
Anunciava a alvorada
Seguiram com o cadáver
Da jovem martirizada.

XXXVII

Em demanda ao cemitério
Faziam seu funeral
O sino lá da igreja
Dobrava dando sinal
O povo em massa fazia
Cortejo sentimental.

XXXVIII

Quando no leito funéreo
Depositaram o caixão
A família soluçava
Sem achar consolação
Lamentando angustiada
A dor da separação.

XXXIX

Enquanto Zilma descansa
No leito da sepultura
Lembro ainda Policarpo
Aquela vil criatura
Autor da tragédia tétrica
Neste drama de amargura.

Digitalizado com CamScanner

XL

Pois bem, José Policarpo
Depois do assassinato
Talvez sentindo remorsos
Deste pavoroso ato
Deixou a casa e correu
Refugiou-se no mato.

XLI

E a família de Zilma
Extremamente abalada
Ante aquela cena triste
Ficou desorientada
Sem encontrar tirocínio
Tristonha e desconsolada.

XLII

Saíram os irmãos de Zilma
Um dia pela manhã
Passaram lá na fazenda
Da Serra, subiram a chã
Procurando pelo mato
O algoz de sua irmã.

XLIII

Por caminhos e veredas
Muito além da moradia
Andaram em sua procura
Até quase o meio-dia
Mas do seu esconderijo
Pessoa alguma sabia.

Digitalizado com CamScanner

XLIV

Andaram no seu encalço
Ali por todos os lados
Os vestígios do carrasco
Estavam quase apagados
E não encontrando indícios
Voltaram desenganados.

XLV

Já decorriam três dias
Que o caso se passou
Policarpo pelo mato
A fome e sede atacou
E nas caladas da noite
Da casa se aproximou.

XLVI

Não encontrando ninguém
A casa à chave fechada
Ele arrombou uma porta
Nesta mesma madrugada
Armou-se com outra faca
Que tinha dentro guardada.

XLVII

No dia nove de agosto
Um dia de quinta-feira
Coronel Chico Zinguera
De revólver e cartucheira
Foi percorrer novamente
A fazenda Cabeceira.

Digitalizado com CamScanner

XLVIII

Um neto do coronel
Com ele também seguia
E o Simplício, seu genro
Era a outra companhia
Tio pelo lado paterno
Do carrasco de Maria.

XLIX

Se aproximaram os três
Daquele dito local
Onde há três dias se deu
Aquela cena brutal
E ainda germinava
A sementeira do mal.

L

Avistaram Policarpo
Em uma cerca que tinha
Empunhando grande faca
Já puxada da bainha
Dando a conhecer que estava
Numa pretensão mesquinha.

LI

E ficou observando
Lá da ponta do terreiro
Com o semblante espantoso
No mais cruel desespero
Bramia rangindo os dentes
Como um lobo carniceiro.

Digitalizado com CamScanner

LII

Zinguera vendo o sobrinho
Como uma fera bravia
Atirou diversas vezes
Pra ver se ele temia
E com isto o assassino
Inda mais se enfurecia.

LIII

Ali coronel Zinguera
Contra Policarpo avança
Com ele o genro e o neto
Este quase uma criança
Ambos rogavam pedindo
Que não quisesse vingança.

LIV

Policarpo como louco
Pau e pedra rebolava
Zinguera com o revólver
De quando em vez atirava
E ele como relâmpago
Das balas se desviava.

LV

Poucos minutos depois
Reuniu-se muita gente
Tudo contra Policarpo
Num protesto veemente
Aí é que o assassino
Lutava assombrosamente.

Digitalizado com CamScanner

LVI

Coronel Chico Zinguera
De arma firme na mão
Atirou em Policarpo
E depois da explosão
Ele tombou e caiu
Mas com a faca na mão.

LVII

Todo o pessoal presente
Assistia horrorizado
E o coronel Zinguera
Muito abatido e cansado
Pensando ter morto a fera
Conservou-se ali deitado.

LVIII

Nisto viu-se o indivíduo
Levantar ligeiramente
E investir contra o tio
Com o furor de serpente
Cravou-lhe o ferro a miúdo
Desapiedadamente.

LIX

Alguns dos homens que tinha
Entraram logo em ação
Houve tiros e pancadas
Foi enorme a confusão
Todos contra Policarpo
Sem ter dó nem compaixão.

Digitalizado com CamScanner

LX

Daquele salseiro rude
Houve como resultado
Zinguera desfalecido
Com o corpo apunhalado
Policarpo quase morto
Outro homem baleado.

LXI

As pessoas da família
Chegaram com brevidade
Apanharam os feridos
Levaram para a cidade
E Policarpo ficou
Em poder da autoridade.

LXII

Coronel Chico Zinguera
Ficou bastante doente
Se pensava até que ele
Morreria brevemente
Toda a família velava
Ali cuidadosamente.

LXIII

Até que chegou o médico
De perícia conhecida
Medicamento adequado
Botava em cada ferida
Empregando todo meio
A fim de salvar-lhe a vida.

Digitalizado com CamScanner

LXIV

Sofre coronel Zinguera
Uma longa enfermidade
Com ferimentos horríveis
Da mais alta gravidade
Angústia e dores atrozes
Que causava piedade.

LXV

Dias e dias passaram
Ele nesse sofrimento
Custou-lhe grandes cuidados
Promessa e medicamento
Até que cicatrizou
O seu último ferimento.

LXVI

O outro que foi ferido
Também um parente seu
Que naquela ocasião
Um balaço recebeu
Teve cuidadoso trato
Felizmente não morreu.

LXVII

Policarpo passou dias
Em poder do inspetor
Sem se fazer tratamento
Num estado de clamor
E em se falar no caso
Todo mundo tinha horror.

Digitalizado com CamScanner

LXVIII

Pessoas que se moviam
Por força da caridade
Iam visitá-lo ali
No cárcere da crueldade
Já outros queriam vê-lo
Só por curiosidade.

LXIX

Em sangue e desfalecido
Mas ainda conversava
Respondia qualquer coisa
Quando alguém lhe perguntava
Porém falando no tio
Colérico se exasperava.

LXX

Alguns dias decorreram
Ele ainda em seu sentido
De ter morrido sua prima
Mostrava-se arrependido
Mas contra o tio ficava
Muito mais enfurecido.

LXXI

Um tio de Policarpo
Vendo a triste condição
Levou-o para sua casa
Tratou com mais atenção
Pois seu desprezo era ali
De comover compaixão.

Digitalizado com CamScanner

LXXII

E a mãe de Policarpo
Com o caso que se deu
Tornou-se mais abatida
Com o golpe que sofreu
Agravou-se o seu estado
Com poucos dias morreu.

LXXIII

Depois de dezessete dias
Do sinistro acontecido
Exterminou-se o malvado
E no seu último gemido
Mostrava levar do tio
Um rancor descomedido.

LXXIV

Coronel Chico Zinguera
Hoje vive sossegado
Apesar de que se encontra
Muito velho e acabrunhado
Sem lhe fugir do sentido
Seu torturante passado.

LXXV

São os irmãos existentes
De Zilma, a jovem inditosa
Manoel Francisco e Vicente
Francisca Maria e Rosa
Lamentando pensativas
Cada qual mais saudosa.

Digitalizado com CamScanner

LXXVI

Os irmãos da falecida
Não esqueceram jamais
De visitar a lousa que
Cobre os seus restos mortais
Com epitáfio gravado
Dizendo "Descanse em paz."

LXXVII

Queiram desculpar as falhas
Que o meu trabalho tem
Pois escrevi comovido
Por um soluço que vem
E quem não chorou ainda
Chore por ela também.

LXXVIII

Minha canhestra caneta
Inábil mas sem vaidade
Garatujou estas linhas
Um drama de cueldade
Em traços descoloridos
Lamentando com saudade.

LXXIX

***G**uardei na minha memória*
***U**m passado de aflição*
***A**ssombroso, detestável*
***R**ancoroso e de traição*
***A**queles gestos hororosos*
***N**os corações piedosos*
***I**nspiram consternação.*

Digitalizado com CamScanner

Lourival e Teresinha

Miguel Guarani

Digitalizado com CamScanner

Lourival e Teresinha

O amor é abstrato
quero dizer é oculto
se sente mas não se vê
o tamanho, a cor, o vulto
o qual impera forçoso
e se torna absoluto.

O amor quando impera
num coração jovial
não teme a obstáculos
e nem a força do mal
desobedece as razões
e enfrenta qualquer rival.

Dessa questão de amores
eu vou contar um passado
de um rapaz sertanejo
que devido a ser amado
brigou, matou muita gente
casou-se e viveu honrado.

No sertão da Paraíba
no município Pombal
morava João Cavalcante
com sua esposa leal
tendo um filho somente
cujo nome Lourival.

Digitalizado com CamScanner

Lourival era um rapaz
com vinte anos de idade
alvo, moço muito forte
gozava tranqüilidade
simpatizado das moças
daquela localidade.

Então as moças dali
cada qual interessada
a namorar Lourival
já alguma despeitada
dizia: com Lourival
sou eu que serei casada.

Mas Lourival disfarçado
já não tinha pretendente
de contínuo viajava
alegre, calmo e contente
do brejo para o sertão
seu negócio era aguardente.

Lourival assim tão moço
não pretendia casar
por causa dele as moças
levavam a vida a brigar
a mais feia delas todas
tratou de o enrascar.

Existe aí pelo mundo
um ditado que não erra
que a ovelha mais ruim
é a primeira que berra
justamente essa moça
era a pior desta terra.

Digitalizado com CamScanner

Era uma moça velha
de uma família brutal
a que levantou o falso
ao moço Lourival
o pobre ainda se viu
nas barras do tribunal

Depois do caso apurado
foi livre e solto o rapaz
e ele devido a isto
deixou a casa dos pais
seguiu com destino ao Sul
levando seus animais.

No Estado de Alagoas
Lourival chegou então
quis permanecer ali
depois teve a informação
de bom carrego de açúcar
no engenho Ribeirão.

Disse Lourival: me ensina
este engenho, meu amigo;
disse o outro: é muito perto
ao mesmo tempo lhe digo
não vá lá porque o dono
do engenho é um perigo.

Este homem é tão valente
faz medo até se contar
por nada ele prende um
amarra e manda matar
basta que diga ao senhor
é o terror do lugar.

Digitalizado com CamScanner

Coronel Vicente Borba
justamente é o nome dele
aqui se tem até medo
quando se ouve falar nele;
disse Lourival: um destes
gosto de lutar com ele.

Lourival disse: amanhã
vou parar nesse engenho
preciso ganhar dinheiro
pra isso de longe eu venho
eu nasci foi pra ser homem
medo de homem não tenho.

Lourival no outro dia
cedinho se levantou
encangalhou os cavalos
botou na frente e marchou
no engenho Ribeirão
com duas horas chegou.

Coronel Vicente Borba
estava na bagaceira
quando viu aquele moço
dum soco abrir a porteira
montado a cavalo e sela
com 6 quartais de primeira.

Bom dia, seu coronel;
disse Lourival destemido
– Quem é você? disse o velho
é maluco ou vem perdido?
donde vem? anda com medo?
é doido ou anda escondido?

Digitalizado com CamScanner

Nem sou doido e nem maluco
lhe respondeu o rapaz
e nem ando escondido
medo a mim ninguém faz
venho ver se tem serviço
pra mim e meus animais.

Disse o velho: tem serviço
a minha volta é madeira
brincou comigo já sabe
mando botar na fogueira:
disse Lourival: comigo
tudo é chão, não há ladeira.

– Pois se quer ficar comigo
vá pra aquele quarto então
lhe faço logo avisado
não passe o pé pela mão
diz Lourival: senhor, nunca
me abuse sem razão.

Lourival foi para o quarto
tratou de se preparar
quando foi no outro dia
começou a carregar
açúcar para a cidade
todo o dia sem parar.

Com 3 meses de trabalho
pôde o açúcar findar
recebeu todo o dinheiro
querendo se retirar
o coronel lhe pediu
para com ele ficar.

Digitalizado com CamScanner

O coronel conhecendo
de Lourival o valor
pediu pra ele ficar
como administrador
diz Lourival: está certo
posso ficar com o senhor.

O velho tinha uma filha
mas Lourival não sabia
era a moça mais formosa
que naquela terra havia
mas vivia tão oculta
que nem na sala saía.

Nesse dia Lourival
com o velho conversava
no escritório na sala
quando viu de frente estava
a moça olhando pra ele
como quem o contemplava.

Lá da sala de visita
a moça olhou e sorriu
Lourival cumprimentou-a
e o velho não pressentiu
de vista baixa escrevendo
o que passou-se não viu.

Esta moça de quem falo
chamava-se Teresinha
com 15 anos de idade
formosura era quem tinha
seduzia qualquer um
o seu porte de rainha.

Digitalizado com CamScanner

Então o velho um dia
precisou ir à cidade
Lourival ficou sozinho
no escritório à vontade
nesse dia Teresinha
desfrutou a mocidade.

Teresinha disse: mãe
eu estou adoentada
vou para o quarto deitar-me
doente não faço nada;
a velha foi pra cozinha
visto faltar-lhe empregada.

Teresinha entra no quarto
trocou de roupa e saiu
fechou a porta por fora
a velha não pressentiu
embora sobressaltada
para o escritório seguiu.

Lourival que escrevia
nesta mesma ocasião
quando avistou a moça
caiu-lhe a pena da mão
a formosura da jovem
atraiu-lhe o coração.

Lourival se levantou
chegou-se juntinho a ela
sorrindo cumprimentou-a
perguntou o nome dela:
– Eu me chamo Teresinha,
lhe respondeu a donzela.

Digitalizado com CamScanner

Ele disse: Teresinha
eu lhe tenho grande amor;
ela disse: eu também tenho
muita amizade ao senhor
Deus me livre que meu pai
seja disto sabedor.

Lourival disse: é porque
ele me acha incapaz
ela disse: meu pai é
pior do que Ferrabrás
ele não quer que eu trate
em nome de um rapaz.

Eu estou com 15 anos
só vivo aqui sucumbida
nunca falei com rapaz
de todos sou esquecida
mas a você entreguei
meu coração, alma e vida.

Já que me amas assim
Lourival lhe respondeu
dar-te-ei meu coração
em recompensa do teu
agora dai-me um beijinho;
ela não fez dúvida e deu.

Lourival disse: amanhã
vou a seu pai lhe pedir
e se ele não me der
me diga se quer fugir?
disse ela: qualquer hora
estou pronta pra sair.

Digitalizado com CamScanner

Estavam nessa conversa
quando a velha se lembrou
da filha e chegou no quarto
bateu na porta e chamou
a moça não respondeu
a velha desconfiou.

A velha no mesmo instante
seguiu bem devagarinho
por cima de uma janela
avistou os dois juntinho
pegando na mão um do outro
e conversando baixinho.

A velha entrou no quarto
e lá do seu aposento
chamou a filha e disse:
eu vi seu procedimento
e vou contar a seu pai
o seu grande atrevimento.

A moça disse: mamãe
não queria isto fazer
não digas nada a papai
pra Lourival não sofrer
se eu não casar com ele
não presto mais pra viver.

À noite a velha chamou
o velho para a cozinha
e disse a ele: eu peguei
sua filha Terezinha
prosando com Lourival
no escritório sozinha.

Digitalizado com CamScanner

Sentada bem junto a ele
sem nenhum acanhamento
ouvi que eles tratavam
assunto de casamento;
o velho disse: eu resolvo
deles o atrevimento.

O velho passou a noite
bufando desesperado
Teresinha do seu quarto
só ouvia o resmungado
ela dizia consigo:
é triste o meu resultado.

Teresinha lá do quarto
ouvia bem o pai dizer:
vou matá-lo duma surra
todo mundo tem de ver
isto é logo amanhã
nem Deus o pode valer.

O velho no outro dia
usou de uma traição
preveniu 26 cabras
de chiquerador na mão
para pegar Lourival
na hora da refeição.

Às 11 horas do dia
o velho mandou chamar
Lourival para o almoço
e ficou a esperar
sentado numa cadeira
junto à mesa de jantar.

Digitalizado com CamScanner

Lourival que só vivia
armado e bem prevenido
chegou na sala e sentou-se
como um rapaz destemido
se aproximou ao velho
e falou nesse sentido.

Coronel, o senhor desculpe
a minha expressão singela
de eu fazer um pedido
a ocasião é bela
peço ao senhor sua filha
para me casar com ela.

O coronel levantou-se
calado sem ter demora
foi ao quarto abriu a porta
tirou os cabras pra fora
e disse: vou lhe ensinar
como é que se namora.

Lourival pulou pra trás
e falou de fronte erguida
qualquer que bater em mim
diga que perdeu a vida;
disse o velho: pegue o cabra
não quero estória comprida.

Partiram pra Lourival
nessa mesma ocasião
Lourival meteu os pés
deu com 6 cabras no chão
largou o punhal em outro
em cima do coração.

Digitalizado com CamScanner

Nisso o coronel gritou:
peguem o cabra, negrada!
Lourival fez-se no ferro
na rasteira e cabeçada
só via cabra cair
e a sala ensangüentada.

Quando o velho conheceu
que Lourival acabava
com os cabras no punhal
depois também o matava
correu trancou-se no quarto
a fim de ver se escapava.

Lourival correu atrás
bateu a porta escangalhou
o velho estava tremendo
Lourival o agarrou
dizendo: velho covarde
a tua hora chegou.

Se apronte para morrer
faça o pelo-sinal;
o velho disse tremendo:
não me mate, Lourival
tenha pena do seu sogro
não empurre este punhal.

A velha disse chorando:
oh! meu Deus eu não resisto
Lourival não mate o velho
lhe peço por Jesus Cristo
quem lhe pede é sua sogra
meu genro não faça isto.

Digitalizado com CamScanner

Lourival disse: e a moça
dá ou não a casamento?
O velho disse: eu lhe dou
sem nenhum impedimento;
disse a velha: eu dou
com todo contentamento.

Lourival disse: pois bem
não lhe faço crueldade
porém se o senhor usar
comigo de falsidade?
disse o velho: se eu for falso
me mate sem piedade.

Aí todos se abraçaram
com toda satisfação
Lourival deu o braço à moça
e seguiram para o salão
o velho disse pra velha
já vi rapaz valentão!

Morreram muitos na luta
alguns feridos ficaram
no chão, caídos gemendo,
outros com medo arribaram
esses não voltaram mais
levaram fim, se acabaram.

Casaram com poucos dias
a festa foi sem rival
Meu genro, dizia o velho
ainda não vi outro igual
ligeiro valente e bom
oh! que rapaz colossal!

Digitalizado com CamScanner

Peleja de Antônio Lacerda
com
Miguel Guarani

Digitalizado com CamScanner

Peleja de Antônio Lacerda com Miguel Guarani

Vou contar uma peleja
Neste folhetinho aqui
Sendo de Antônio Lacerda
Com o Miguel Guarani
Um professor e poeta
Do sertão do Piauí.

O cantador Guarani
Um cidadão de alta linha
Leciona a criançada
Das zonas circunvizinhas
Desde Monsenhor Hipólito
Até em Alagoinha.

E pelos demais setores
Tem mostrado o seu valor
Pela sua inteligência
Como grande cantador
É bastante admirado
O poeta e professor.

Antônio Lacerda é um
Cantor de voz altaneira
Com palmas dos caipiras
Quer ser cantor de primeira
Mas é cavalo de prado
Que nunca ganhou carreira.

Digitalizado com CamScanner

Pela sua voz bonita
O povo do Piauí
Que não conhece do erro
Vivia a dizer ali
Que o Lacerda açoitava
O cantador Guarani.

Então nesta confusão
Muita gente ali vivia
Até que se dispeitaram
Porque o Lacerda um dia
Embolsou mais da metade
Do ganho da cantoria.

E assim continuou
Guarani pessoa sonsa
Não confiando em Lacerda
Pela sua geringonça
Ficaram fora um do outro
Como o bode com a onça.

Lá em Monsenhor Hipólito
Germino, um ótimo senhor
Convidou os repentistas
Para um festim de valor
O sobredito Lacerda
E o Guarani – professor.

Nessa noite o Guarani
Tirou a roupa engomada
Que trajou durante o dia
Vestiu outra arremendada
Calçou umas currulepes
E foi topar a parada.

Digitalizado com CamScanner

Chegando foi convidado
Para a mesa de jantar
Encontrou delicadeza
No povo daquele lar
Tanto que sua despeita
Teve o plano de mudar.

Às sete e meia da noite
Era grande a multidão
Os dois vates repentistas
Se colocam no salão
Ficando o povo ansioso
Para ouvir a discussão.

O senhor Martins de Bispo
Foi um dos que assistiu
Eurípedes, dona Enói,
Risoleide e Zé de Tiu,
Marcos, o vice-prefeito
Aquele debate ouviu.

Do sítio Lagoa Dantas
Tinha João Pedro e José,
Zé Bureca, Antônio Licino,
Vicente Pedro e Deré,
Elói, Quinzinha e Engrácio,
Todos ouviram de pé.

Adão Gonçalves e Majó,
Pedro Zeca mais Pretinha,
Miguel de Tiu e Osvaldo,
Sua esposa Raimundinha
Deocleciano e Anastácio,
João José e Teresinha.

Digitalizado com CamScanner

Manoel Pedro (e sua esposa),
Também atento assistia,
Francisquinha, Dona Glória,
Nenzinha e Ana Maria,
Parece que decoravam
Tudo quanto seduzia.

Né Grande e José Virgina,
Pororoca tomava cana,
Cícero Bezerra e seu Deca,
Carmo e Vicente Santana,
Afinal pra contar tudo
Não se diz numa semana.

Lacerda afinou o pinho
Um tanto desconfiado
Guarani de currulepe
E o vestuário remendado
Sentou-se juntinho a ele
Fedendo a chifre queimado.

A casa estava enfeitada
Que parecia um jardim
Reinava um prazer imenso
No pessoal do festim
Então o Guarani velho
Começou dizendo assim:

Desafio:

M - Ilustre amigo Germino
Quero sua garantia
Que me pertence a metade
Da cota da cantoria
Pra não haver prejuízo
Como já tive outro dia.

Digitalizado com CamScanner

L - Deixe de neurastenia
Que aqui é nosso o festim
Pois eu não tenho o costume
De fazer papel ruim
Sabes que tem a metade
E pede garantia assim.

M - É porque você a mim
Fez uma certa traição
Eu que estou desconfiado
Peço ao dono do salão
Para a metade da cota
Colocar na minha mão.

L - Com esta sua impressão
Não posso me conformar
Se para a causa tem queixa
Queira me participar
Não fique assim em oculto
Querendo desconfiar.

M - Já não posso confiar
Que você não é capaz
Eu confiando em você
Fui dormir meu sono em paz
E você levou do ganho
Dois mil cruzeiros a mais.

L - Você que quer ser capaz
Um primeiro sem segundo
Com sua preguiça enorme
Caiu num sono profundo
Eu não vou ganhar dinheiro
Pra sustentar vagabundo.

Digitalizado com CamScanner

M - O seu lema é covardia
Pessimismo e pabulagem
Daqui a poucos instantes
Quero ver se tem coragem
Sobre ramos de ciência
Saber se leva vantagem.

L - Noto a sua desvantagem
Porque cantiga não tem
Quero mesmo que me acoche
Eu vou lhe acochar também
Vejo você enganado
Pensando que canta bem.

M - Não sei Lacerda o que tem
Que não quer se conformar
É só dizendo tolice
Pensando saber cantar
Não se conforma com peia
Nem que morra de apanhar.

L - Se acaso quiser cantar
Ciência e sabedoria
Meta a cara e venha logo
Que não enjeito porfia
Mesmo você está pensando
Que feiúra é cantoria.

M - Convidou-me em outro dia
Para as artes liberais
Canto nelas e também canto
Em ciências naturais
Pois hoje aqui tem pessoas
Que conhece isto demais.

Digitalizado com CamScanner

L - Siga adiante eu vou atrás
Quero ver o seu fracasso
Em ciências naturais
Eu vou preparar um laço
E mostrar-lhe que cantando
Do jeito que digo faço.

M - Segurei de passo a passo
Não posso mais ter demora
Nos ossos do corpo humano
Começar do crânio agora
Para ver se neste assunto
Você agüenta uma hora.

L - Eu vejo o colega agora
Cheio de orgulho demais
Ameaçando cantar
Em ciências naturais
Então me diga no crânio
Quais os ossos principais.

M - Dois ossos parietais,
Um esfinóide, um frontal
Dois temporais e ainda
Um etimóide afinal
Para completar os oito
Tem o osso ocipital.

L - Está muito especial
Cantando assim acredito
De acordo com o livro
Da forma que está escrito
Faça lá da sua parte
Que estou achando bonito.

Digitalizado com CamScanner

M - Pois se você é perito
E pode se garantir
Em ciências naturais
Desejando se medir
Descreva os ossos da face
Para o pessoal ouvir.

L - Se acaso o povo pedir
Outro assunto eu me sacudo
Porque sou mesmo poeta
Porém neste não lhe ajudo
Mas no esqueleto humano
Quero ver descrever tudo.

M - Deixe de ser "abiúdo"
Vamos seguir mais além
Preciso justificar-me
Se você conhece bem
São duzentos e oito ossos
Que o corpo humano tem.

L - Por que é que ainda vem
Querendo forçar-me agora
Se queres cantar ainda
Diga sem fazer demora
Quais são ossos da face
Se não sabe caia fora.

M - Para quem não ignora
Conhece os ossos nasais
Os maxilares e o vômer
Os malares ainda mais
Os palatinos e corneto
E os ossos lacrimais.

Digitalizado com CamScanner

L - Quero ver se ainda traz
Cantando ao som da viola
Nomes de ossos que tenha
Guardado em sua cachola
Porque não dizendo tudo
É um poeta gabola.

M - Isto aqui não é escola
De lecionar menino
É castigo rigoroso
Aonde eu lhe disciplino
Querendo aprender mais coisas
Pagando caro eu ensino.

L - Vamos mudar o destino
Para desenfastiar
Você fiado que é mestre
Só procura me humilhar
Porém não pense que vou
A você me rebaixar.

M - Como é que quer provar
Que é poeta e canta bem
Não descreve a anatomia
Conhecimento não tem
Quem canta assim deste jeito
Não é cantor pra ninguém.

L - Você com este desdém
Bastante tem me humilhado
Cantando sabedoria
Só por eu ser atrasado
Pra cantar no corpo humano
Me considero apanhado.

Digitalizado com CamScanner

M - Não tivesse se exaltado
Que eu não fazia assim
Dizendo que era o bambo
Sendo cantador ruim
Mas escolha outra linguagem
Se prepare e venha a mim.

L - Pensa que fazendo assim
Eu cantando me atropelo
É certo no corpo humano
Apanhei que quase gelo
Porém vou descontar tudo
Nas pancadas do martelo.

M - Pois para cantar duelo
Toda natureza eu fecho
Faço o mar abrandar a fúria
A lua sair do seu trecho
O sol pára o movimento
A terra salta do eixo.

Martelo:

L - Eu também quero dar o meu desfecho
Me vingar desta pisa que levei
E mostrar-lhe que sou ouro de lei
Sou poeta cantando em todo trecho
De apertar-lhe cantando nunca deixo
Mostrarei minha idéia e meu valor
Então seja de que maneira for
Provará do talento do meu braço
Meu chicote tem três pernas de aço
Quebra osso de qualquer cantador.

Digitalizado com CamScanner

M - Infeliz desgraçado e impostor
Fuxiqueiro, correio da má notícia
Desordeiro, desbanque da polícia
Mequetrefe, nojento, sem valor
Cachaceiro, safado, sedutor
Seco litro de pinga brasileira
Corta-jaca de negra feiticeira
Vagabundo, malandro da esquina
Delegado de porta de sentina
Gato velho comido de gafieira.

L - Você veio me atacar desta maneira
Porque pensa que eu também não ataco
Seu nojento da cara de macaco
Deixe o pinho e agarre uma esteira
Porque sou o leão desta ribeira
Você deve ter isto conhecido
Está velho e eu te deixo abatido
O meu braço é um tanto pesado
Que pegando este velho fracassado
Com certeza lhe quebra o pé-do-ouvido.

M - Dou-lhe sopa de chumbo derretido
De veneno tirei um certo estrato
Boto sangue de pulga e carrapato
Pra fazer um almoço bem sortido
De assado de um gato já banido
Uma jia já podre e fedorenta
Temperada com leite de jumenta
O focinho de um porco maltratado
Um quitute de um cururu inchado
Com três litros de molho de pimenta.

Digitalizado com CamScanner

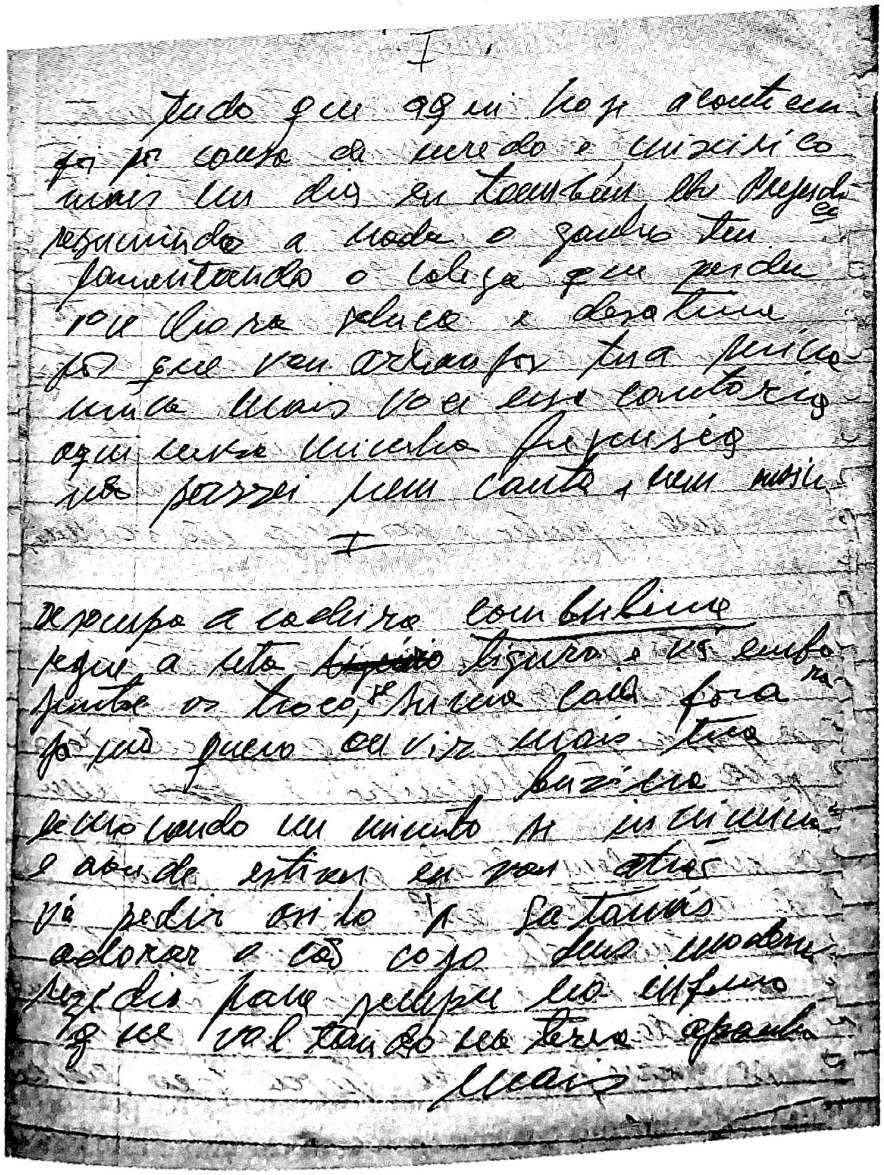
L - Vá pra lá com comida tão nojenta
Me atacando assim eu não aceito
Não dá certo comida deste jeito
Desta forma levada não agüento
Pois cantar deste jeito é um tormento
Desta forma um colega nunca faz
Procurando acabar com meu cartaz
Me jogando pra toda bagaceira
Se ainda for pra cantar desta maneira
Paro o pinho e por hoje não vou mais.

M - Então vá levar carta a Satanás
Vagabundo, safado, vá embora
Se passar por aqui a qualquer hora
Passe muito maneiro e bem sagaz
Se andar com boato eu vou atrás
De chicote eu tiro este couro seu
E retalho de faca qual judeu
De urubu e cachorro matar fome
Se ainda triscares no meu nome
Se arrepende da hora em que nasceu.

L - Tudo o que aqui hoje aconteceu
foi por causa de enredo e mexerico
Mas um dia eu também lhe prejudico
Resumindo a nada o ganho teu
Lamentando o colega que perdeu
Você chora, soluça e desatina
Pois que vou arranjar tua ruína
Nunca mais você faz a cantoria
Aqui será minha a freguesia
Não passeia nem canta nem ensina.

Digitalizado com CamScanner

M - Desocupe a cadeira concubina
Pegue a reta ligeiro e vá embora
Junte os troços sacana, caia fora
Já não quero ouvir mais tua buzina
Demorando um minuto se incrimina
E aonde estiver eu vou atrás
Vá pedir um asilo a Satanás
Adorar o cão coxo-deus moderno
Residir para sempre no inferno
Que voltando na terra apanha mais.



Digitalizado com CamScanner

I

Terminou-se a cantoria
Germino partiu o ganho
Muitos ouvintes na sala
Diziam de um modo estranho:
Nunca vi na minha terra
Pisa daquele tamanho.

II

Lacerda ficou ali
Um tanto desconfiado
Guarani vitorioso
Falava entusiasmado:
Tirei agora o engano
De quem vivia enganado.

III

Então Lacerda emendou-se
Depois desse desacato
E em Monsenhor Hipólito
Deixou de andar com boato
Seu nome ficou mais baixo
Do que poleiro de pato.

•

(*) Esta peleja, escrita por mais de uma pessoa, em caligrafias de difícil leitura, cujo velho caderno foi adquirido de amigos e admiradores do mestre Miguel Guarani, aconteceu no Riachão (hoje Mons. Hipólito-PI). O poeta Wilton Santos, franciscossantense há pouco falecido, recuperou o documento e o entregou com carinho a este biógrafo.

Digitalizado com CamScanner

III

FAMÍLIA

Digitalizado com CamScanner

A Família Moura

Digitalizado com CamScanner

A FAMÍLIA MOURA

Pais de Sinhô do Diogo:

Miguel Borges de Moura (Miguel de Ouro) e **Vicença de Barros Rocha** (segundo a tradição)[1]

Filhos do Casal:

- Adelina de Barros Rocha (tia Bedida), casada com Raimundo Carlos de Oliveira Barros;
- Antônio Borges de Moura;
- Ana de Barros Rocha (Dona);
- Feliciano Borges de Moura (Sinhô do Diogo), casado com Rosa Maria da Conceição (Rodrigues);
- Maria de Barros Rocha;
- Raimunda de Barros Rocha (Mundinha);
- Regina de Barros Rocha (Nicó)[2].

[1] A Profa. Iracilde Moura Fé Lima, da UFPI, no seu importante livro *De Moura aos Moura Fé – Resgate de uma Trajetória*, Teresina, 2005, registra que Miguel de Ouro era casado com Josepha Maria de Sousa. É possível que seja o nome de outra mulher dele, por casamento ou não. Porém, pela tradição, a mãe de Feliciano Borges de Moura é Vicença de Barros Rocha e não Josepha Maria de Sousa como registrou o livro mencionado. Fazemos também esta nota para agradecer à distinta mestra a valiosa colaboração que nos prestou.

[2] José Nicó é descendente dessa irmã de Sinhô do Diogo, mas não foi possível localizá-lo nem tampouco quem soubesse dar informações.

Digitalizado com CamScanner

Feliciano Borges de Moura e Rosa Maria da Conceição (Rodrigues)

Filhos:

- Maria Rosa de Moura (Balia), casada com Belarmino Rodrigues de Almeida;
- Miguel Borges de Moura (Guarani), casado com Josefa Maria de Sousa;
- Ana Rosa de Moura (Doninha), casada com Antônio José Rodrigues;
- Crispim Borges de Moura, casado com Manuel Rodrigues de Almeida (em primeiras núpcias), e com Elmira Ana dos Santos (em segundas núpcias);

- Anísia Rosa de Moura, casada com Cícero Joaquim de Sousa;
- Amélia Rosa de Moura, casada com Francisco José Rodrigues;
- Antônio Borges de Moura (Toinho), casado com Maria Rosa de Araújo;
- Adélia Rosa de Moura, casada com João Cícero de Sousa
- Euclides Borges de Moura, casado com Rosa da Rocha Moura;
- Adália Rosa de Moura, casada com Manoel Rodrigues de Sousa;
- Anísia do Espírito Santos e Silva (Anisinha), casada com Antônio Mariano da Silva ("Edite").

Digitalizado com CamScanner

1. Maria Rosa de Moura (Balia) e Belarmino Rodrigues de Almeida

Filhos:

- Maria Almeida de Moura Batista, casada com Marcos Pedro Batista; filhos: Francisco, Lineide, Alina, Socorro, José e Francisca;
- Rosa Almeida de Moura, casada com Joaquim Jorge Rodrigues (já separada); filhos: Maria Cleide, Cleusimar, Zeneide, Murilo, Jair, Teresinha e Marleide;
- Francisca Almeida de Moura, viúva, foi casada com João... Tem apenas uma filha: Vagna.

Balia, Doninha, Anísia, Amélia e Adélia (irmãs de Miguel).

Digitalizado com CamScanner

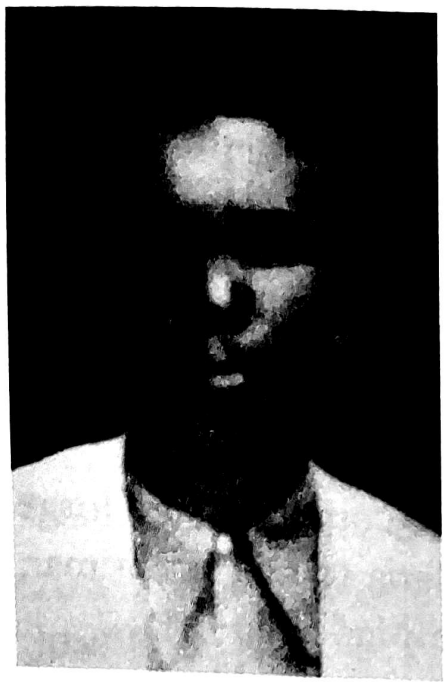


Foto mais antiga de Miguel.

Zefa, mulher de Miguel (atrás, Teresinha e Mariinha, filhas)

2. Miguel Borges de Moura e Josefa Maria de Sousa

Filhos:

- Francisco Miguel de Moura (Chico Miguel), autor desta biografia, casado com Maria Mécia Morais Araújo Moura;
- Teresinha de Jesus Moura (falecida em 1969), professora, casada com Mariano Rodrigues de Almeida;
- Maria Josefa de Sousa (falecida com 6 meses de idade);
- Maria Josefa de Sousa (Mariinha), professora, casada com José Carmo de Sousa (hoje viúva).
- Helena Josefa de Sousa, professora, casa com Valdemar Elias da Silva, hoje viúva;
- Rosa Josefa de Sousa (falecida com 6 meses de idade);
- José Miguel de Moura (falecido com 2 anos de idade);
- Maria das Graças de Sousa (falecida ao nascer).

Digitalizado com CamScanner

Franklin

Laudemiro

Miguel Júnior

Fritz

Mécia e Chico Miguel

Mecinha

Filhos de Francisco Miguel de Moura e Maria Mécia Morais Araújo Moura:

- Francisco de Assis **Franklin** Morais Moura, casado com Wilma Rejane Neri Moura, pais de Joyce e Filipi;
- Leônidas Fulton Miguel Morais Moura (faleceu com 6 meses de idade);
- **Laudemiro** Miguel Morais Moura e Mônica Queiroz Moura, pais de Lucas, David e Mariana;
- Francisco Miguel de **Moura Júnior**[3] e Ana Vaz Moura, pais de Tainá e Tairine;
- **Fritz Miguel** Morais Moura e Leina de Oliveira Sabino Moura, pais de Sarah e Sahvyc.
- **Mécia Morais** Moura[4] (menor, solteira).

Digitalizado com CamScanner

Teresinha com Wilma e
Francisquinho

Filhos de Teresinha de Jesus Moura e Mariano Rodrigues de Almeida:

- Francisco de Moura Almeida, casado com Dalvina Bezerra de Almeida. Tem um filho: Daniel.
- Maria Wilma de Moura Sousa (já falecida), foi casada com José Hilário de Sousa. Filhos: Tarsandro, Ebelson e Natana.
- Wirlândia Maria de Moura Almeida Silva, casada com Francisco Everton da Silva. Filhos: Maiara e Lorrane.

---

[3] Francisco Miguel de Moura Jr. é poeta, com participação em vários livros, entre os quais *Quando a Vida Fere*, publicado pela Ed. Cirandinha, Teresina, 1980.

[4] Mécia Morais Moura tem apenas 11 anos, faz a 5ª série do Fundamental e já publicou três livros, o mais recente *Folclore Piauiense e Outras Histórias*, Ed. Cirandinha, Teresina, 2004.

Digitalizado com CamScanner

- Wanda Maria de Moura Almeida, casada com Luiz Gonzaga da Silva. Filhos: Luís Paulo, Lucivânia e Lucimara.
- Mariano Rodrigues de Almeida Filho, casado com Maria de Jesus Sousa Rodrigues. Filhos: Marciani, Maísa e Maiane.
- João Eliézio de Moura Almeida, casado com Maria Edineide de Almeida. Filhos: Igor e Aline.

Maria Josefa de Sousa
(Mariinha)

Filhos de MARIA JOSEFA DE SOUSA e JOSÉ CARMO DE SOUSA:

- José Wilson de Sousa, solteiro;
- Antônio Nilto de Sousa, solteiro;
- Rita Maria de Sousa, casada com Edgar Santos, pais de Ismael.
- Maria do Socorro Sousa, casada com Brás Francisco da Silva, pais de Samuel e Silas.

Digitalizado com CamScanner

Helena Josefa de Sousa

Jaílson Klein

Filhos de Helena Josefa de Sousa e Waldemar Elias da Silva:

- Francisco Wilson do Nascimento Silva, casado com Sayonara Catarine Carvalho Sousa e Silva, sem filhos.
- Jailson de Sousa e Silva[5], casado com Aleçandra de Sá França, pais de Alexandre e Caio César.

---

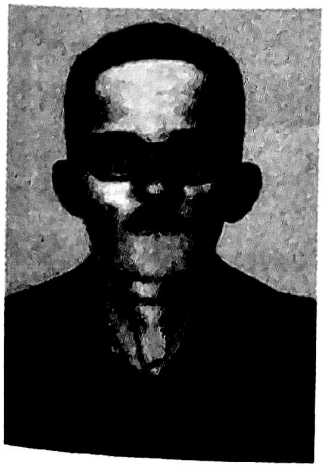
(5) Jailson Klein, como escritor, publicou um livro de contos denominado *Invisíveis Pensamentos* (em parceria com um colega), Editora In prima, São Paulo, 2003. Funcionário público federal, formado em Letras. Mora em São Paulo-SP.

Digitalizado com CamScanner

3. Ana Rosa de Moura (Doninha) e Antônio José Rodrigues

Filhos:

- Francisco Rodrigues de Moura (Chico de Sinhô), casado com Alaíde de Sousa, pais de Adejacir, Vandelei, Jurandir, Jussiê, Francisco, Iolanda e Jacilândia.
- Joaquim Rodrigues de Moura, casado com Maria da Paz Rodrigues, pais de Neide, Rita de Cássia, Maria (Loura), Antônio, Lucilene, Lucivaldo e Leleda.
- Rosa Ana de Moura, casada com Torquato Marinho de Barros, pais de José Marinho, Valério (Vavá) e Marina Maquel.
- Maria do Loreto Moura Santos, casada com José Virgulino dos Santos (falecido), pais de Maria José (Neném), Maria de Jesus (Lourinha) e Joaquim Reginaldo.
- Antônio Rodrigues de Moura, casado com Albertina (conhecida com Sinhá), pais de Maria Oneide e Charles.
- Francisco de Assis Rodrigues, casado com Rita Luzia da Silva, pais de: Adriana, Patrícia e Alexandre.



Antônio Rodrigues

Doninha

Neném, Lourinha, Loreto, Assis e Fátima.

Digitalizado com CamScanner

- José Rodrigues Neto (Zuzu), casado com Leandra Maria da Conceição, pais de Vera Lúcia, Veridiana e Manoel.
- Expedito Rodrigues de Moura, casado com Francisca de Assis Santana Moura, pais de Francisco, Antônio, Rosalvi, Flávio, Rubem e Roseli.
- Maria de Fátima Moura, solteira, cria Marina Raquel como filha.

4. Crispim Borges de Moura (17.1.1915 - 20.11.1983) **e Manuela Rodrigues de Almeida** (25.12.1935 - 14.11.62)
1ªs. núpcias:

Crispim e a primeira família

Filhos:

- Maria Rodrigues da Luz, casada com João Jorge Rodrigues; filhos: Francisco, Maria, Luiz, José, Antônio, Francisca, Albertina, Sebastião, Rosa, Manoel, João Filho, Valmir e Maria Filha.

Digitalizado com CamScanner

- Luiz Crispim de Moura, casado com Margarida Maria dos Santos; filhos: Maria, José, Luís Filho, Marinalva, Cláudia, Herlane, Leiliane e Daniela.
- Francisco Crispim de Moura, casado com Rosa Maria...; filhos: Iraci, Rosa Maria, Edmilson, Francisco, Leni, Aldenir e Edileusa.
- João Crispim de Moura, casado com Zulmira Rosa...; filhos: Vilson, Wilson Ivan, Valdirene, Vilcimar, Valdson, Viviane e Valdite.
- José Crispim de Moura (o poeta Zé Crispim)[6], casado com Teresa Maria da Conceição; filhos: Osni, Sônia, Ivani e Luiz Nunes.
- Helena Rodrigues de Moura Rocha, casada com Luiz Manoel da Rocha; filhos: Luiz Carlos, Eliane, Rosiane, Lucilene, Adriana e Helena Neta.
- Maria de Jesus Moura (Uizinha), solteira, um filho: Mário Patrício (o pai é José Valdo de Macedo, segundo sua declaração, com quem não convive).
- Joaquim Crispim de Moura, casado com Graciosa Antônia de Jesus (já divorciados); filhos: Jucirlene, Jucirleide, Gilcimar, Gilson, Genilson e Gildesson.
- Amadeu Crispim de Moura, casado com Maria da Conceição Santana Moura; filhos: Flavenildes, Kátia Diane, José Hélder e Elton Johnson.

---

[6] Zé Crispim escreveu e publicou os seguintes livros de poesia popular e romântica: *O Gênero do Poeta Escritor* e *O Valor da Poesia*, sem lugar nem data de publicação, em parceria com Zé de Natuca; *Delícia de Poesia*, Picos, agosto de 2004, e *Memórias Poéticas*, Picos, janeiro de 2004 (os dois últimos, sem parceria). No texto do livro *Miguel Guarani, Mestre e Violeiro* está incluído um poema de Zé Crispim, dedicado ao violeiro e mestre-escola Miguel Guarani.

Digitalizado com CamScanner

- Rosa Rodrigues de Moura – foram 4 com este nome, falecidas.
- Antônio Crispim de Moura (falecido).
- Alzira Rodrigues de Moura (falecido).
- Francisca Rodrigues de Moura (falecido).

Crispim Borges de Moura e Elmira Rodrigues dos Santos Moura, 2ªs. núpcias:

Filhos:

- José Crispim dos Santos, solteiro.
- José Maria de Moura, casado, separado, tem um filho (Uizinha, a declarante, não soube informar o nome).
- Maria Rosa dos Santos, solteira, tem dois filhos – a declarante (Uizinha) não soube informar o nome;
- Adão Crispim dos Santos (falecido);
- Feliciano Crispim de Moura (falecido);
- José Serafim de Moura (falecido);
- Maria Rodrigues dos Santos – duas do mesmo nome (falecidas).

Digitalizado com CamScanner

5. Anísia Rosa de Moura[7] e Cícero Joaquim de Sousa:

Filhos:

- José Cícero de Sousa, casado com Marina... (já divorciados); filhos: Wilmar, Joaquim Neto, Francisco, Lindomar, José, Hélio Ney, Jacirene, Jacira, Janaína e Jani Carla.
- Joaquim Cícero de Sousa, casado com Isaura... Tem um filho: José.
- Rosa Viterba de Jesus, casada com Pedro Sebastião; filhos: José Pedro, João Crisóstomo, Henrique, Cícero, Renato e Reginaldo.
- Maria Joana de Sousa, casada com Tieta (apelido)... Dois filhos: um, Francisco; do outro, o informante (Chico Preto) não soube informar o nome;
- Maria do Amparo dos Santos, casada com Joaquim de Sousa Santos; filhos: Zaíra, Jairton, Jailson, Zenilda, Joelma, Joaquim Filho e Noélia (falecida).
- Antônio Cícero de Sousa, casado com Leonice... Tem um filho: Mateus.
- Feliciano Borges de Moura (Bode Sinhô), casado com Helena... Filhos: Antônia, Dina, Adelaide, Denílson e Nílson.
- David Cícero de Sousa, casado com Jane Edwirges...Tem um filho adotado: Dímerson.

---

[7] Os seguintes enteados foram criados por Anísia Rosa de Moura como filhos: Francisco Cícero de Sousa (Chico Preto), Luís Cícero de Sousa, João Cícero de Sousa e Manoel Rodrigues de Sousa (todos irmãos, os dois últimos casaram-se respectivamente com Adélia e Adália, irmãs mais novas de Anísia).

Digitalizado com CamScanner

- Francisca Anísia de Moura, casada com José Josimar de Lima. Filhos: Daniel, Sara, Wesley, Fernando e Josenilde.
- Margarida Anísia de Moura, casada com Sutenga... (deve ser apelido). Têm três filhos: Denílson, Maurício e Márcio.
- Maria da Paixão Santos, casada com Orlando José dos Santos; filhos: José Orlando, Xavier, Ana Maria e Maria do Socorro (Socorrinha).

Amélia

6. Amélia Rosa de Moura e Francisco José Rodrigues

Filhos:

- José Francisco Rodrigues (Zé Amélia), casado com Maria da Luz, pais de: Antônia, Valdirene, Maria Amélia, Rosa, Raimundo, Lucimar (Cimar).

Digitalizado com CamScanner

- Matilde Amélia de Jesus, casada com Francisco José de Almeida, pais de: José, Valdir, Maria Vênus, Ivonete, Vilzenir.
- Domiciano Francisco Rodrigues (Messias), casado com Isa Lúcia, pais de: Diva Lúcia, Denice e Adilson.
- Valdemar Francisco Rodrigues, casado com Aldenora, pais de: Aldevânia, Aldelânia, Ailane e Fagundes.
- João de Castro Coroa, casado com Edite, pais de: Márcia, Márcio, Marcioneide e Mislane.
- Francisco Rodrigues Filho, casado com Telma, pais de: Lívia e Liviane.
- David Francisco Rodrigues (neto adotado).
- Leni Amélia de Jesus (divorciada), mãe de: Sandra, Sirlândio e Sirlei.
- Valmy Francisco Rodrigues, casado com Valdecira, sem filhos.
- Raimundo Francisco Rodrigues (solteiro, sem filhos, mora na Bahia).

Digitalizado com CamScanner

7. Antônio Borges de Moura (Toinho de Sinhô) e Maria Rosa de Araújo

Filhos:

- Jacó Antônio de Moura, casado com Alzira Rodrigues de Moura. (Não têm filhos).
- José Antônio de Moura, casado com Maria da Luz de Sousa Moura, pais de Rosa (Bia), Marlene, Valdenice, Decilene, Cleonice, Antônio Miguel (falecido), Milton, Maurício, Paulo e Vilma.
- Judite Maria de Araújo, casada com Francisco José Leal, pais de: Francisco, Antônio José, Geovane, Lindomar, Gilmar e Danusa.
- Maria Araújo Moura, casada com Joaquim Rodrigues Neto, pais de: Ana Maria, Edilene, Edinar, Elisângela e Joaquim Filho.
- Josué Antônio de Moura[8] (poeta), casado com Maria Dalci Rodrigues, pais de: Vanderléia, Vanderlândia e Vanderlon.
- Abrão Antônio de Moura, casado com Rosa dos Santos Rodrigues de Moura, pais de: Alice, Rogério e Paulo Bruno.

[8] Segundo depoimento de Zé de Crispim, Josué Antônio de Moura, "Nosso primo cantador escreveu vários poemas populares, mas os melhores são: "Nossa água poluída, precisamos nos cuidar", "Meu verso tem a herança do saudoso Guarani", "Eu não posso julgar meu semelhante, porque Deus é quem pode nos julgar" e "Nosso Brasil no passado, foi bom pra gente viver".

Digitalizado com CamScanner

- Rosa Maria de Araújo Lima (Rosa Araújo)[9], professora, casada com José Manoel de Lima, pais de: Caroline, Camile e Emanuel.
- Teresinha Maria de Araújo, casada com José Veloso dos Santos, pais de: Edna e Fábio.
- Sebastião Antônio de Moura, casado com Carleide Angelina de Lima, pais de: Tamires e Taís.
- Maria Rosa Filha, casada com Erivan José da Silva (já desquitados), sem filhos.

Rosa Araújo e José, com os filhos: à esquerda, Camila; à direita, Carolina; na frente Emanuel.

[9] É a prefaciadora deste livro, *Miguel Guarani, Mestre e Violeiro*, em homenagem a Miguel e à família Moura de Jenipapeiro (Francisco Santos).

Digitalizado com CamScanner

Exemplo de um poema de Josué Antônio de Moura:

O meu verso tem herança /do saudoso Guarani

"Somos a família Moura
Do velho Feliciano
Por isto eu não me engano
Faço rima encantadora
Não canto em emissora
Mas versos já escrevi
Meu tio cantou aqui
Quando eu era criança
O meu verso tem herança
Do saudoso Guarani.

Foi um grande professor
E poeta renomado
Aqui em nosso Estado
Conhecemos seu valor
Foi um ótimo cantador
Que nasceu no Piauí
Seus versos eu conheci
Guardo na minha lembrança
O meu verso tem herança
Do saudoso Guarani

Digitalizado com CamScanner

Aonde ele cantava
O povo lhe aplaudia
Porque muito ele sabia
E também nos ensinava
Um poeta me falava
Com ele muito aprendi
Por isto eu resolvi
Escrever com segurança
O meu verso tem herança
Do saudoso Guarani

Como sou o seu sobrinho
Adoro a poesia
Se não faço cantoria
Mas escrevo meu versinho
E sigo em outro caminho
Mas dele não me esqueci
Sendo assim eu resolvi
Escrever pra vizinhança
O meu verso tem herança
Do saudoso Guarani

Eu não faço profissão
Mas conheço a poesia
Escrevi porque queria
Deixar a recordação
Meu tio do coração
Há muitos anos perdi
No seu retrato eu vi
Recordações e lembrança
O meu verso tem herança
No saudoso Guarani

Digitalizado com CamScanner

Como relíquia eu tenho
Sua viola guardada
Também na minha morada
Um caderno de desenho
É por isto que eu venho
Dizer o que conheci
Das coisas que aprendi
Não quero fazer mudança
O meu verso tem herança
Do saudoso Guarani

Do poeta tio Miguel
Tenho saudosa memória
Conheço a sua história
Que foi um homem fiel
Desempenhou seu papel
Como os melhores daqui
Portanto eu aprendi
Buscar uma semelhança
O meu verso tem herança
Do saudoso Guarani."

Digitalizado com CamScanner

8. Adélia Rosa de Moura[10] e João Cícero de Sousa:

Filhos:

- José Tomé de Sousa, casado, já falecido. Foi casado com Maria José Gomes. Filhos: Danilo, Gisélia e Martinha.
- Francisco de Moura Sousa, casado, separado, ex-esposa: Vana... Filhos: Francimar, Frankland e Francisco.
- João de Sousa Filho, casado com Denise Cristina Cordeiro de Sousa. Filhos: Danielly Jéssica[11] e Érico Vinícius.
- Maria de Moura Sousa, casada (separou-se), hoje viúva. Filhos: Francisco, Francineuma, Flávia e Fábio.
- Ceci de Moura Sousa Costa, viúva. Filhos: Neudson, Cirlene, Nerval e Cirleide.
- Teresinha de Moura Sousa, casada pela segunda vez, esposo atual: Soares... Filhos: Adelman, Alberto e Adriana.

Balia, Doninha, Anísia, Amélia e Adélia (irmãs de Miguel).

Sobrinha-neta, filha de Adélia.

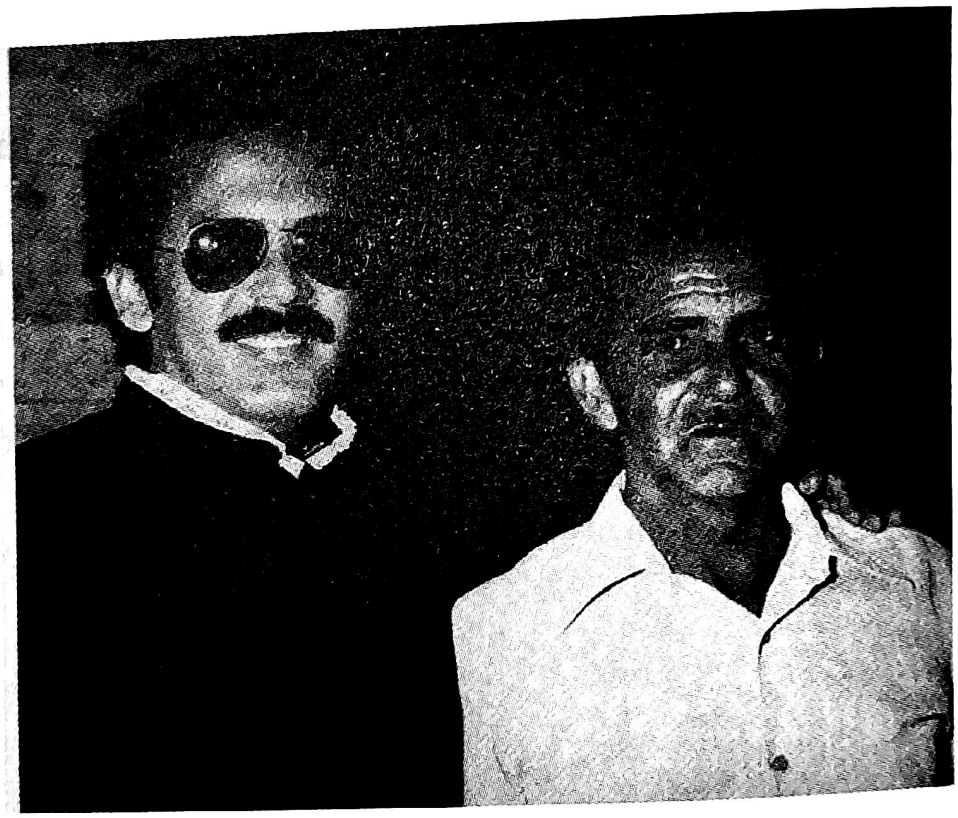
[10] Faleceu em Imperatriz (MA). Os filhos moram em Itinga-MA.

[11] Danielly Jéssica é cantora, já gravou CD com músicas premiadas em concurso.

Digitalizado com CamScanner

9. Euclides Borges de Moura e Rosa da Rocha Moura Filhos:

- João Erismá de Moura,[12] casado com Ana Maria da Silva Moura, pais dos seguintes filhos: Caroline de Moura (falecida recentemente), Erismar de Moura e Clareana de Moura
- Manoel Cícero de Moura, solteiro, tem uma filha: Raquel da Silva Moura.



Erismá e seu pai, Euclides – irmão de Miguel.

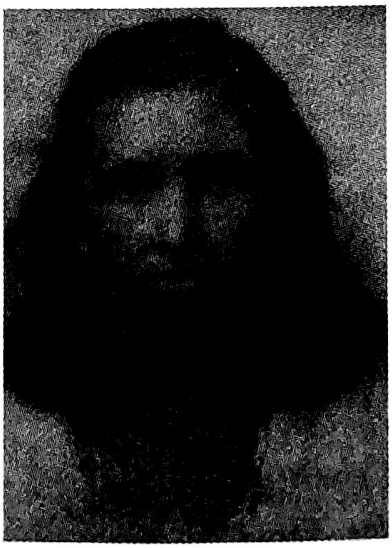
[11] João Erismá de Moura é advogado, professor e funcionário aposentado do Tribunal de Contas da União. Mora em Brasília e publicou recentemente o livro *Um Anjo Retorna ao Céu – Canção a Caroline*, sobre sua filha deste nome, falecida tragicamente em 21.4.2003.

Digitalizado com CamScanner

10. Adália Rosa de Moura[12] e Manoel Rodrigues de Sousa

Filhos:

- Maria Adália Moura de Sousa, divorciada, foi casada com João Gomes da Silva (João das Vassouras, já falecido). Filhos: Leôncio, Laíse, Laíre, Laércio, Lilaia, Lailson e Leandro.
- Rosa Adália de Sousa, solteira. Tem duas filhas adotivas: Cynara Maria e Ana Beatriz.
- Maria Iraci Rodrigues de Moura, casada com Manoel Carvalho Filho. Filhos: Hênio Jardel, Hélio James, Héssini Jader, Eliane Júli e Ane Jamili.
- José de Ribamar de Moura Sousa, desquitado, foi casado com Regina Farias de Sousa. Filhas: Mariana e Ana Carolina, esta filha de Rosana de Fátima, com quem convive atualmente.



Adália, irmã de Miguel.

[12] Poetisa, faleceu em Imperatriz-MA, onde morava com a família.

Digitalizado com CamScanner

Décima[13]

"Uma vida como a minha
É muito raro se ver
Cheia de padecimento
Tristemente sem prazer."

I

Considero pesaroso
Da minha infância saudosa
A vida cheia de rosas
Que me traz sempre saudoso
Vivia num céu de gozo
Todos prazeres me vinha(m)
Gozei toda a infância minha
Hoje não tenho mais prazer
É muito raro se ver
"Uma vida como a minha".

II

Meus gozos foram em sonho
Que tão ligeiro passou-se
Toda alegria acabou-se
Passei ao rigor medonho
Contraí o matrimônio
Sacrifiquei meu viver
Vendo o trabalho crescer
Mas contente sempre vinha
Uma vida como a minha
"É muito raro se ver".

Digitalizado com CamScanner

III

Sofri tantas amarguras
Dispus-me a todo rigor
Feras com tanto furor
Vinham me trazer bravuras
Naquelas matas escuras
Sozinho e no sofrimento
Com sede e sem alimento
Pra cumprir minha missão
Minha vida – uma prisão
"Cheia de padecimentos".

IV

Não devo considerar
Quem já fui, quem hoje sou
Meu prazer já se acabou
Vivo somente a penar
Pesa-me em me separar
Dos filhos do meu prazer
Sem dos amigos esquecer
Eu vivo nesta agonia
Estou liquidando meus dias
"Tristemente sem prazer".

(13) Adália escreveu esta "Décima" em Homenagem a seu carinhoso pai, Feliciano Borges de Moura (Sinhô do Diogo), assim está oferecida, com data de 10/2/1950.

Digitalizado com CamScanner

11. Anísia do Espírito Santo e Silva (Anisinha)[13] e Antônio Mariano da Silva ("Edite")

Filhos:

- Nise Mary dos Santos e Silva, solteira.
- Valdineide dos Santos e Silva, casado com Maria da Cruz Brito Santos; filhos: Krisvanessa, Krisleide, Krismeire e Krisneide.
- Valdi dos Santos e Silva, casado com Irene...; filhos: Guilherme, Valdirene e Diego.
- Mary Nise dos Santos e Silva, casada com Marcelo Moreira Sobrinho; filhos: Jonas, Júnior e Juliana.
- Iris Mary dos Santos e Silva, casada com Wellington...; filhos: Wellington Filho e Tracy.

- Valdinilton dos Santos e Silva, casado com Ivanisse...; filhos: Juliana e Igor.
- Valdimilton dos Santos e Silva, casado com Rita; filhos: Waldomildo.

Anisinha

[13] Filha ilegítima de Feliciano Borges de Moura (Sinhô do Diogo), mas considerada como se fosse da família, com carinho e respeito.

Digitalizado com CamScanner

Observações:

1. A parte III mostra a genealogia da família **Moura** até agora, com algumas e poucas exceções, mas não no modelo tradicional, porque o autor não é genealogista.

2. Não obstante as notas acima, *as legendas fotográficas* do livro têm **Miguel Borges de Moura (Guarani)** por referência de parentesco.

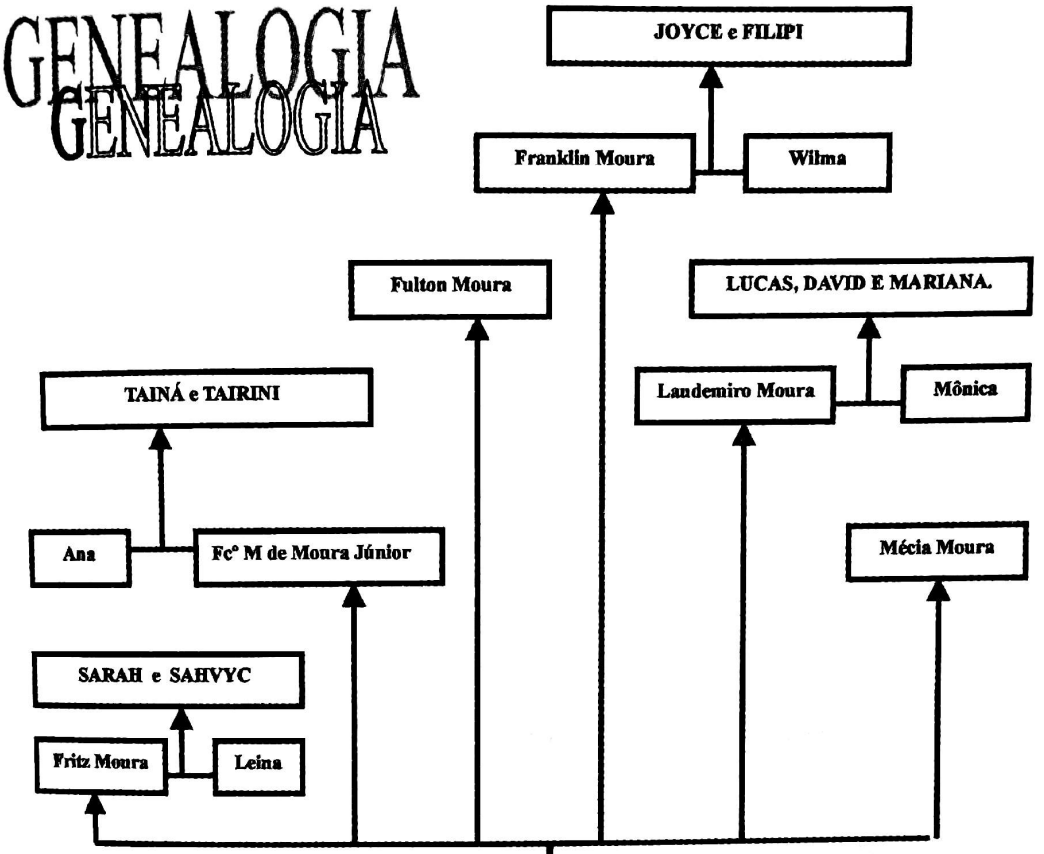
3. O Autor espera que, no futuro, alguém possa completar as omissões e corrigir os erros encontrados.

Teresina, 26 de outubro de 2005.

Digitalizado com CamScanner

GENEALOGIA

GENEALOGIA



Francisco Miguel de Moura
(Chico Miguel)
3 Irmãs: Teresa de Jesus Moura, Maria e Helena Josefa de Sousa

Maria Mécia Morais Araújo Moura
(Dona Mécia)
4 irmãos: Chico, João, Antônio e Socorro Morais e Chico Morais, este filho de Esther.

MIGUEL BORGES DE MOURA
Descende dos Moura Fé e dos Borges Leal – famílias fundadoras de Picos e Bocaina. Mestre-escola famoso na região de Picos e toda a redondeza. Na maturidade aprendeu a tocar viola e dizer repentes.

JOSEFA MARIA DE SOUSA
Descendo dos troncos das famílias Rodrigues e Sousa – fundadoras de Francisco Santos-PI (Jenipapeiro), chegados da Bahia, em 1818

LAUDEMIRO MORAES FEITOSA
(Seu Mirô)
De família dos Inhamuns–CE. Tinha "verve", respondia às perguntas encabulosas com versos rimados. Proprietário, comerciante. Foi sapateiro.

ESTHER MORAES DE ARAÚJO
Paraibana, de Sousa, chegou a Picos e casou-se com Laudemiro Moraes Feitosa – ele em segundas núpcias.

Digitalizado com CamScanner

Depoimento Necessário

Francisco Miguel de Moura(*)

Certa vez, alguém me disse em público que eu só sabia ler e escrever. Não é verdade. Não gostei do "só". E como este é um documento público, embora que de menor alcance em pouco tempo, preciso explicar isto um pouco mais. Sei ler e escrever, sim. Mas sou uma pessoa vivida – nasci em 16 de junho de 1933, no povoado Jenipapeiro, cidadão franciscossantense e picoense ao mesmo tempo – e aprendi a

(*) Francisco Miguel de Moura é o autor de *Miguel Guarani, Mestre e Violeiro.*

Digitalizado com CamScanner

fazer muitas coisas, nem todas de muita utilidade. Assim, sou um anti-utilitarista. Hoje só leio e escrevo porque acho o mais importante para um aposentado. Mas trabalhei na roça, fui mestre-escola como meu pai, Miguel Guarani, fui comerciário (naquele tempo, caixeiro de loja ou de armazém) e muitas pessoas de Jenipapeiro e Santo Antônio sabem o quanto eu fui competente na última atividade. O primeiro patrão, em Santo Antônio, foi Pascoal Silva; o segundo – Isaac Batista de Carvalho, também em Santo Antônio; e o terceiro, já em Jenipapeiro – Areolino Joaquim da Silva, os dois últimos já falecidos. Quando deixei seus estabelecimentos comerciais – o segundo, para ir trabalhar em Jenipapeiro, e o terceiro, para ir embora pra Picos – ficaram tristes por algum tempo; o último praticamente chorando tanto quanto eu, por causa do meu sentimentalismo. Mas a vida me chamava. Sebastião Nobre, Francisco Almeida e Manoel Paschoal, os três Guimarães, com os quais trabalhara no serviço de demarcação, me colocaram em contato com um parente em Picos, seu Abraão Conrado, de saudosa memória, e daí fiquei na cidade trabalhando e estudando. Trabalhei em Cartório, fui Escrivão de Polícia. O Cap. Romão era o Delegado e me delegava poderes para resolver muitas questões, além de ter sido um bom datilógrafo, formado na Escola de Datilografia de Elpídio Pereira Bezerra, a quem muito tenho que agradecer também, pelos seus ensinamentos. Tornei-me bancário do Banco do Brasil, em 1957, por concurso duas vezes, a primeira em Picos, a segunda em Fortaleza. Exerci no Banco do Brasil as funções de Investigador de Cadastro, Ajudante de Serviço, Chefe de Serviço e, interinamente, Subgerente. Só não fiz trabalhos que não me convinham moralmente, embora alguns chefes insistissem. Fiz o que sabia e o que devia. Sempre soube até onde vai minha inteligência e meus deveres sociais e éticos,

Digitalizado com CamScanner

por isto nunca tentei botar a mão onde não alcanço nem dar passadas de sete léguas. Funcionalmente nunca recebi uma reprimenda, nunca minha ficha foi manchada com uma falta. Os gerentes com quem trabalhei gostavam de mim e eu deles, com apenas uma exceção. Fora do Banco desenvolvia outras pequenas atividades, tais como estudar (fiz o Curso de Letras) e lecionar em colégios do Estado. Depois troquei a sala de aula por um programa de rádio, na Clube de Teresina. Foram 26 anos "batidos" de bancário, 2 de escrivão na Polícia, 4 de comerciário, totalizando 32 anos até me aposentar, sem falar num tempinho que trabalhei nas "Casas Pernambucanas". Aprendi com minha mãe, Josefa Maria de Sousa (Zefa de Miguel), a fazer cofo, surrão, vassoura, abanador, esteira, chapéu, algumas comidas, etc. ainda muito criança, embora tenha esquecido quase tudo; e com meu pai, Miguel Borges de Moura (Guarani), a ler, escrever e contar – o mais importante para minha vida profissional, e aprendi a pescar, sobretudo boas amizades. Aprendi a obedecer e, sobretudo, a ouvir os mais velhos, os que tinham mais experiência – eram eles nossa televisão e internet. Aprendi a perdoar e ser humilde, jamais a ser humilhado. A escolha com liberdade e a opinião responsável foram e são importantíssimas na minha formação e na minha vida pública e privada. Se mais não aprendi foi por falta de tempo e de inteligência. E esta Deus é quem dá, e da minha nunca me queixo.

Já perdoei a todos os meus inimigos declarados ou não, sem esperar que alguém venha a me pedir perdão. É que, comumente, as pessoas são muito orgulhosas e é preferível não melindrá-las no seu amor próprio.

Sou amigo da verdade e da sinceridade, nervoso, polêmico, às vezes explosivo, mas tudo não passa de um momento. Volto à razão, com a mesma rapidez e intensidade

Digitalizado com CamScanner

de antes. Quem guarda velharias é museu. Eu só guardo as boas coisas: lembranças, saudades e o amor de quem me dedica e ao qual correspondo.

"*Sou pequeno, pobre, feio e moro longe*", mas não chorem por mim. Sou poeta e amo até sem ser amado, quando poucos têm a honra de assim ser e fazer. Já publiquei 23 livros, metade deles de poesia, a outra metade de prosa. Minha estréia se deu com *Areias* (Teresina, 1966). Daí por diante não parei mais, passando para tantos outros, tais como ...*E a vida se fez crônica*, *Ternura* e *Laços de Poder*. Os mais recentes são *Sonetos Escolhidos* (Rio de Janeiro, 2003), e *Os Estigmas* (Teresina, 2004), sem contar este *Miguel Guarani, Mestre e Violeiro* – uma prova de amor a meu pai, a minha mãe, a minha família, a meus parentes de Jenipapeiro e à própria terra onde nasci. Quem não ama sua terra e sua gente não ama ninguém, nem a si próprio. E eu me amo. Sou escritor e poeta dos bons, dizem os críticos; e não tenho inveja nem faço inveja a ninguém, porque não me sinto o maior nem o menor. "Jamais me sentiria feliz se, em o sendo, pudesse tornar os outros invejosos", frase lapidar de Ascendino Leite. E eu a estou repetindo com ele.

À pequena turma do contra, por isto ou por aquilo, ofereço como lembrança o "poeminha" de Mário Quintana: *"Todos esses que estão aí / atravancando meu caminho, / eles passarão... / Eu passarinho"*. Não faz mal a ninguém. Sem guardar mágoas nem ressentimentos, sem nada esconder de mim ou dos outros, falo tudo (escrevo) e sou feliz, passarinhando... Graças a Deus. Assim seja.

•

Digitalizado com CamScanner